



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS CURSO DE
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

DAYANNE DE MELO RIBEIRO

**A ALEXANDRIA FEMININA – UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS
NA SOCIOLOGIA: O ANDROCENTRISMO E EUROCENTRISMO
NA FORMAÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR**

**SUMÉ – PB
2024**

DAYANNE DE MELO RIBEIRO

**A ALEXANDRIA FEMININA – UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS
NA SOCIOLOGIA: O ANDROCENTRISMO E EUROCENTRISMO
NA FORMAÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dra. Kátia Ramos Silva.

**SUMÉ - PB
2024**



R484a Ribeiro, Dayanne de Melo.

A Alexandria feminina - um caminho entre as cinzas na Sociologia: o androcentrismo e o eurocentrismo na formação do currículo escolar. / Dayanne de Melo Ribeiro. - 2024.

118 f.

Orientadora: Professora Dra. Kátia Ramos Silva.
Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Protagonismo feminino - Sociologia. 2. Sociologia. 3. Currículo escolar - Sociologia. 4. Androcentrismo. 5. Eurocentrismo. 6. Educação feminina - Brasil. 7. Racismo estrutural. 8. Representações étnico-raciais - ensino. 9. Mulheres negras. 10. Sequências didáticas. I. Silva, Kátia Ramos. II Título.

CDU: 316:372(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

DAYANNE DE MELO RIBEIRO

**A ALEXANDRIA FEMININA – UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS
NA SOCIOLOGIA: O ANDROCENTRISMO E EUROCENTRISMO
NA FORMAÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

**Professora Dra. Kátia Ramos Silva.
Orientadora - UACIS/CDSA/UFCG**

**Professora Dra. Carolina Figueiredo de Sá.
Examinadora I - UAEDUC/CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Luan Gomes dos Santos Oliveira.
Examinador II - UACIS/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 22 de outubro de 2024.

SUMÉ - PB

Dedico às minhas ancestrais, às próximas gerações e ao meu eu do futuro, que hoje aqui presente se faz, graças a muitas mulheres do passado.

AGRADECIMENTOS

A Força Superior por sempre me fazer senti-la presente em todo e qualquer momento, por me ajudar a ser melhor a cada dia e tentar.

A mim mesma, por sempre me manter firme em meio a muitos apedrejos. Por saber quem sou, ser minha própria força e raiz. Por nunca ser uma reprodução automática da imagem submissa que foi criada pelos homens à nós mulheres. Por sempre me respeitar e ser fiel a mim mesma.

Ao meu companheiro de vida de longa data Alison, que há aproximadamente 3 mil dias, que parecem séculos, sempre esteve ao meu lado. Com todo seu carinho, cuidado, conversas, alegria, companheirismo e compreensão, além de seus bilhetes com recados amáveis e cômicos desejando bons estudos ao sair de casa e ir para sua faculdade. Uma das poucas certezas que tenho é a de que escolhi a melhor companhia para viver junto a mim. Quem vai estar ao seu lado é mais importante que a própria viagem.

Aos meus familiares, minha mãe Márcia, meu padrasto Roberto, por todo apoio em minha trajetória acadêmica até aqui. E também as minhas duas pequenas *dogzinhas*, Puma e Dinda por todo afeto, me recebendo em casa sempre alegres e saudosas nas voltas para casa.

A minha amiga Amanda pelas risadas, conversas, companhia, momentos e debates sobre a sociedade (hahaha), e por me aturar em meio as minhas revoltas e indignação diante das desigualdades.

As mulheres que lutaram no passado pelos nossos direitos para que hoje pudéssemos ser o que somos, e termos a nossa devida dignidade. Àquelas que foram impedidas, preteridas, que não tiveram a oportunidade do saber. À todas as Pagus, Gisbertas e “feiticeiras”, que ainda sonham e carregam o brilho no olhar, revolucionam e revolucionaram, reivindicaram e resistiram.

Aos meus professores do Ensino Fundamental e Médio, meu muito obrigada. Sobretudo aos do IFPB, que fizeram parte de uma fase da minha vida onde amadureci tanto intelectualmente como emocionalmente. Os quais nunca duvidaram de minha capacidade e sempre reconheceram meu potencial e me incentivaram. E a Instituição de modo geral da UFCG por todos os auxílios educacionais, e experiências proporcionadas. O percurso até aqui valeu muito a pena, me surpreendeu, sendo muito mais do que eu mesma esperava. Afinal, a caminhada vale tanto quanto o próprio fim da trajetória. Busquei e busco agregar a cada passo todo o conhecimento que me for permitido, para que de alguma forma, por mais singelo que seja, deixe minha marca de contribuição para com esta sociedade.

“A Prata é um metal com poder de reflexão muito elevado. Do latim “Argentum” significa brilhante. Nossa pele é de prata. Ela reflete luz. Um brilho tão intenso que eu me pergunto: Por que o ouro é tão querido e a prata subvalorizada? Alguns não de responder que é pela prata ser encontrada com mais facilidade. Reflita. O Brasil tem uma população de negros maior que a de brancos. Temos menos valor por ser maioria? A ironia da maioria virar minoria. A prata é um metal puro. Eu realmente não entendo essa necessidade da procura do ouro.”

(Baco Exu do Blues, 2018)

RESUMO

A proposta deste trabalho é refletir e analisar criticamente o currículo, que repleto de androcentrismo e eurocentrismo faz surgir questionamentos como: será que o que sabemos é exatamente o que nos contaram? O que seria da sociedade sem a sua história e suas lembranças? O que é da memória e história das mulheres pretas, brancas e pardas se não forem escritas por elas mesmas, mas por seus opressores? Nesse sentido, o problema destacado é: há impactos refletidos pela falta de representatividade étnico-racial e do gênero feminino no currículo para com os discentes? Tendo como um de seus objetivos: identificar como a cultura do machismo e o racismo estrutural também são consequência desse tipo de currículo escolar do ensino médio; bem como demonstrar de que maneira essa temática pode contribuir para o cotidiano e convívio dos discentes além do ambiente escolar; E propor como algumas autoras femininas ausentes no currículo acadêmico podem ser abordadas em sala. Com orientação teórica-metodológica de pesquisa qualitativa documental, com revisões na literatura, a pesquisa obteve como principais resultados alcançados: a constatação da influência do androcentrismo e eurocentrismo na formação do que se tem hoje do currículo. Isso contribui para o surgimento de muitos dos desafios presentes no ensino, a exemplo de temas sensíveis voltados às relações étnico-raciais e de gênero, pois há resistência e conflito de ideais, falta de conhecimento prévio de temas desse tipo, superficialidade na abordagem, ausência de inclusão, e não valorização das diferentes perspectivas existentes.

Palavras-chave: Sociologia; Androcentrismo; Eurocentrismo; Educação; Protagonismo Feminino.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to reflect on and critically analyze the curriculum, which is full of androcentrism and Eurocentrism and raises questions such as: is what we know exactly what we have been told? What would society be without its history and memories? What would become of the memory and history of black, white and brown women if they were not written by themselves, but by their oppressors? In this sense, the problem highlighted is: are there impacts reflected by the lack of ethnic-racial and female representation in the curriculum on students? One of its objectives is: to identify how the culture of machismo and structural racism are also consequences of this type of high school curriculum; as well as to demonstrate how this theme can contribute to the daily lives and coexistence of students beyond the school environment; and to propose how some female authors absent from the academic curriculum can be addressed in the classroom. With theoretical and methodological guidance from qualitative documentary research, with literature reviews, the research obtained the following main results: the confirmation of the influence of androcentrism and Eurocentrism in the formation of the current curriculum. This contributes to the emergence of many of the challenges present in teaching, such as sensitive topics related to ethnic-racial and gender relations, as there is resistance and conflict of ideals, lack of prior knowledge of such topics, superficiality in the approach, lack of inclusion, and failure to value the different existing perspectives.

Key-words: Sociology; Androcentrism; Eurocentrism; Education; Female Protagonis

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa-múndi com o Brasil no centro do mundo.....	16
Figura 2 - Publicações e comentários sobre o novo mapa-múndi.....	17
Figura 3 - Dados da análise dos livros do PNLD 2018.....	22
Figura 4 - Dados da análise dos livros do PNLD 2021.....	22
Figura 5 - Coleta de dados dos livros do PNLD 2018.....	23
Figura 6 - Coleta de dados dos livros do PNLD 2021.....	23
Figura 7 - Livros Didáticos objetos de pesquisa na disciplina LAPPECS IV em 2022	24
Figura 8 - Tabela de Sugestões do Livro Diferentes, não Desiguais.....	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	– Base Nacional Comum Curricular
EJA	– Educação de Jovens e Adultos
ERER	– Educação para Relações Étnico-Raciais
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LAPPECS	– Laboratório de Pesquisa e Práticas Pedagógicas em Ciências Sociais
MEC	– Ministério da Educação
PcD	– Pessoa com Deficiência
PNEERQ	– Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola
PNLD	– Programa Nacional do Livro e do Material Didático
Secadi	– Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	DA PANGEIA AO ALFA(α)(β)BETO DO EUROCENTRISMO.....	16
2.1	DESCONSTRUINDO FRONTEIRAS E A DESCOLONIZAÇÃO DO ENSINO...	20
3	O FLAMEJAR DO FEMININO.....	28
3.1	A EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL.....	28
3.2	A ESTANTE EMPOEIRADA DA TEORIA SOCIAL.....	32
4	SOBRE O OMBRO DE MULHERES – CLÁSSICAS.....	36
4.1	OLIVE SCHREINER.....	38
4.2	PANDITA RAMABAI SARASVATI.....	39
4.3	ERCÍLIA NOGUEIRA.....	40
5	A POLIFONIA NA EDUCAÇÃO E NO ENSINO – O FUTURO É AGORA? 43	
5.1	DESAFIOS NO ENSINO.....	44
5.2	CONTEXTO E RELEVÂNCIA.....	45
6	UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS.....	56
6.1	PERCURSO METODOLÓGICO.....	57
6.2	A CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO.....	63
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
	REFERÊNCIAS.....	73
	APÊNDICE.....	77

1 INTRODUÇÃO

Desde o início de uma licenciatura aborda-se sobre currículo, fala-se que ele é considerado um guia para os professores, a base que os sustenta – dizem os desmoderados –, e também um percurso a ser seguido, entre muitas outras frases semelhantes. Do latim curriculum, a origem dessa palavra de fato tem como seu significado pista ou circuito, trajeto, caminho. Mas, são apenas os docentes que caminham nessa estrada? Antes disso estes não foram também alunos e também passaram por esse mesmo caminho, e tiveram suas percepções pessoais e intelectuais dessa trajetória? Como alguém se sentiria se caminhasse em uma estrada sem seus semelhantes?

Imagine que você está caminhando neste momento em uma estrada nomeada de trajetória escolar, a sua trajetória. Observando essa estrada, pare e pense: quantas mulheres passaram por ela, ou caminharam junto a você durante seu percurso? Ou melhor, quantas mulheres você já viu durante toda sua trajetória acadêmica, ou do seu ensino fundamental e médio? Alguma na disciplina de Filosofia? História ou Sociologia? E se apareceram, quantas eram negras, quantas foram protagonistas? Mesmo que seja dado mais tempo para se pensar, é provável que muitos não saibam responder de imediato ou não lembrem, ou de fato nunca viram nenhuma. Quanto tempo é necessário para que alguém consiga listar no mínimo cinco mulheres sobre um período escolar que dura em média 12 anos, nestas disciplinas citadas acima ou em seus cursos de graduação e pós?

Sim, são muitas perguntas, talvez agora você esteja começando a entender o ponto da questão. Mas se licenciados, bacharéis, mestres e doutores têm tantos questionamentos, imagine a mente de uma jovem periférica estudante do interior, que é marginalizada tanto por seu gênero como sua raça ou cor? É sabido que adolescentes passam por muitas fases, todos já foram um, e que além de sofrerem *bullying*, quando mulher e negra, essas adolescentes sofrem em dobro, com preconceito, baixa autoestima, etc. E o currículo possui correlação com o empoderamento das mulheres, e a falta de representatividade de mulheres nesse quesito é muito alta, e quando se fala de mulheres negras mais ainda.

Refletir sobre as relações étnico-raciais e de gênero no ensino é de extrema relevância, pois a construção social de gênero começa por todos os lados, e principalmente na escola, onde essas alunas passam boa parte de suas vidas. E a Sociologia deve ser uma das primeiras a problematizar isso e aplicar em seu método de ensino, pois como apontado pela própria Base Nacional Comum Curricular, seu compromisso é obter “a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos

de qualquer natureza” (BRASIL, 2018, p. 561).

Diante disso, se destacam dois “centrismos”, que, assim como Nascimento (2020, p. 1) cita, “dividem e desagregam os valores humanos”, em que as gerações futuras com a ajuda dos docentes do presente lutarão pela erradicação, pois o futuro também é agora. E um deles é o androcentrismo, que coloca todas as formas de expressão e ideias masculinas - machistas, conservadoras e moralistas- como únicas e mais relevantes, estando acima de todos. O homem é o centro, e por mais que a sociedade atual se comparada com o passado esteja buscando desconstruir isso, o domínio continua androcêntrico (NASCIMENTO, 2020).

Já no eurocentrismo, a Europa é o foco de tudo, a única e irrefutável protagonista da história da humanidade, a influenciadora pioneira em todas as coisas consideradas progressistas no mundo. No entanto, como o maior colonizador do mundo é excepcionalmente o centro de tudo da história, se para se colonizar precisam existir antecedentes a eles para serem colonizados? Como seria nossa história se contadas por esses outros? (ALATAS; SINHA, 2017). Nas Ciências Sociais, podemos exemplificar isso com Max Weber, Émile Durkheim e Karl Marx. O problema não é estudá-los e sim restringir-se só e apenas a eles. O mundo não é constituído apenas pelo ocidente, deve-se abordar contextos históricos e práticas culturais de todos os estudantes, é necessário a representatividade, as vozes femininas. Para a Ciência, vieses são um problema, não seria também um tipo de viés, no caso dois – e talvez o maior deles – o androcentrismo e o eurocentrismo? (ALATAS; SINHA, 2017).

Se estas mulheres, sejam elas pensadoras sociais, heroínas, inventoras, pioneiras, revolucionárias, historiadoras, etc., fossem homens naquela época, sua intelectualidade seria melhor aceita. A Alexandria Feminina apresentada como parte do título deste trabalho, faz alusão a Biblioteca de Alexandria que assim como ela, o intelecto feminino foi queimado e apagado, mas por motivos diferentes: pelo simples fato de pertencerem ao gênero feminino, virando fumaça e cinzas. Suas cinzas são o que ainda temos de registros sobre elas. E que, literalmente, foram queimadas na fogueira, consideradas bruxas. Mulheres inteligentes ainda hoje são consideradas como perigo, ainda são tratadas como bruxas e sofrem isso todos os dias, queimadas diariamente pelo machismo, racismo, exclusão social. A única diferença daquele período para este é que na Europa medieval elas tinham um dia marcado para serem queimadas, e hoje são postas na fogueira cotidianamente. Semelhantes inclusive à fogueira, visto que o gênero feminino parece não poder obter destaque sem críticas, em que como consequência de seu brilho deve queimar com os julgamentos desta sociedade patriarcal.

E então, o caminho do currículo se transforma em um corredor, corredor esse silencioso, misterioso. Há um apagamento de narrações, pouco se encontra literaturas ou documentos sobre

mulheres que fizeram parte do mesmo contexto que Weber, Durkheim e Marx, e que contribuíram da mesma forma que eles. E dos poucos registros que restaram, a maioria são estrangeiros. E as desigualdades atuais, que passam despercebidas muitas vezes, resultam disso, são gritos silenciosos. A falta de representação do feminino e das etnicidade-raciais, principalmente no Brasil, são gritantes, e o que mais intriga é que, ao abordar sobre a história da educação feminina brasileira:

A primeira reivindicação pela instrução feminina no Brasil partiu de um indígena, que pediu ao padre Manoel de Nóbrega que ensinasse sua mulher a ler e a escrever. Os indígenas estranhavam a diferença de oportunidades educacionais entre homens e mulheres, visto que estas eram consideradas companheiras (FERNANDES, 2019, n.p).

Nesse sentido, em um país como o Brasil, que é conhecido por velar seu preconceito, é de extrema importância buscar “a desconstrução do processo de naturalização que se formalizou na sociedade e propiciando um olhar crítico às narrativas e ações cotidianas dos sujeitos” (NASCIMENTO, 2020, p. 5). Desvendar os olhos e problematizar o que é tido como natural em nossa cultura é crucial para um país desenvolver-se livre desse racismo camuflado. Perceber essa ausência e exclusão de histórias no âmbito escolar, transformará essa exclusão em uma história de luta contadas pelos seus, porque em um currículo a presença de homens brancos é predominante e protagonista, tanto em teorias, como em histórias e tudo mais. Desse modo, como a minoria¹ irá vencer? (NASCIMENTO, 2020).

A proposta deste trabalho e o sentido do título dado a ele é uma reflexão e análise crítica ao currículo, que repleto de androcentrismo e eurocentrismo faz surgir questionamentos como: será que o que sabemos é exatamente o que nos contaram? Se Alexandria significa defensora e protetora da humanidade no grego antigo, o que seria da sociedade sem a sua história e suas lembranças? O que é da memória e história das mulheres pretas, brancas e pardas se não forem escritas por elas mesmas, mas por seus opressores?

Logo, o problema destacado por esta pesquisa é: há impactos refletidos pela falta de representatividade étnico-racial e do gênero feminino no currículo para com os discentes? Tendo como objetivo geral: refletir e analisar criticamente o androcentrismo e o eurocentrismo presentes no currículo escolar do ensino médio, tentando identificar quais impactos eles geram nas jovens discentes em uma perspectiva ampla de cotidiano, vida acadêmica e pessoal.

¹ Grupos sociais minoritários que se encontram à margem da sociedade, sendo mais vulneráveis, sofrendo diversos tipos de preconceitos. Exemplos: gênero, étnico-racial, geracional, de classe, de orientação sexual, entre outros. Minorias não em números, mas em ausência de direito, respeito, qualidade de vida e cidadania.

Especificamente identificando como a cultura do machismo e o racismo estrutural² também são consequência desse tipo de currículo escolar do ensino médio; Bem como demonstrar de que maneira essa temática pode contribuir para o cotidiano e convívio dos discentes além do ambiente escolar; E investigar como a ausência de representatividade étnico-racial e do protagonismo feminino no ensino gera impacto na formação acadêmica das gerações atuais e futuras; Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária; E por fim propor como algumas autoras femininas ausentes no currículo acadêmico podem ser abordadas em sala. A orientação teórica-metodológica é a pesquisa qualitativa documental, com revisões na literatura.

² Segundo Djamila Ribeiro e Silvio Almeida (2019), o racismo estrutural é a forma como o racismo se manifesta nas estruturas da sociedade, nas instituições, nas leis, nos sistemas de ensino, na mídia, no mercado de trabalho, etc. Ele não é apenas uma questão individual, mas sim um problema sistêmico que afeta a vida das pessoas negras de maneira profunda e cotidiana.

2 DA PANGEIA AO ALFA(α)(β)BETO DO €UROCENTRISMO

Começando por Terra, de fato, é destacável que se inicie este trabalho tentando seguir uma ordem mais ou menos cronológica. Que possua uma base lógica desde a origem do mundo talvez, até os dias atuais. Não é necessário, mas como foi mencionado, merece um certo destaque, pois como já é sabido, desde a nossa educação básica, que o mundo não era repleto dessas divisões, além de políticas, culturais, intelectuais, a geográfica. A Pangeia era o único continente existente há milhões de anos atrás, mas houveram divisões dessas placas continentais levando a separação e o surgimento de dois continentes: Laurásia e Godwana, e consequentemente até o Mundo Moderno, as configurações que encontramos hoje de território. Esse processo é denominado de Deriva Continental, que acabou no fim derivando também inúmeras outras separações, que sucessivamente geraram e geram desigualdades e apagamentos os quais alguns deles serão tratados neste trabalho.

Nesse sentido, como saímos da Pangeia e tornamos a Europa o centro de tudo? Em que basicamente é imitada, tratada e considerada praticamente como se fosse o único continente existente e mais importante da Terra? O que assusta é que isso está tão enraizado que passa despercebido pela grande maioria das pessoas. A Pangeia se tornou a Europa, e o Brasil foi e é um dos primeiros da fila a torná-la o que se é hoje em dia, e está na primeira fileira da sala de aula ao levar isso também para o campo educacional de uma forma altamente destoante, levando até ao apagamento da própria história e cultura de seu país muitas vezes. Uma das “provas” que torna isto nítido, é como a notícia de um novo mapa-múndi atualizado que torna o Brasil o centro de tal mapa e não a Europa como de costume, gerou agitação nas redes sociais do Brasil em abril de 2024, como mostram as imagens abaixo.

Figura 1 - Mapa-múndi com o Brasil no centro do mundo



Fonte: IBGE

Figura 2 - Publicações e comentários sobre o novo mapa-múndi



The image shows a screenshot of an Instagram post from the account 'ibsustentabilidade'. The post features a world map with Brazil positioned at the center. Below the map, the text reads: 'IBGE lança mapa-múndi 2024 com Brasil no centro do mundo.' The post has received 139 likes and 139 comments. A list of comments is visible on the right side of the post, including:

- profmichelbossone (14 sem): A Terra é redonda, o centro é relativo! Agora parem de frescura que ficou legal pra caramba o Brasil no meio! A extensão do Oceano Pacífico, nessa representação, é impressionante!!
- feller_a (14 sem): Nada como uma bela desconstrução da hegemonia europeia na forma de uma representação cartográfica. Antes tarde do que nunca 🍌🍌🍌🍌🍌🍌
- gustavomelofa (14 sem): Só reclama quem não estuda e é capacho de Americano e Europeu kkkkkkkkk
- leila_escreve (14 sem): Queremos grande também, pra colocar na parede!

Fonte: Instagram

Para alguns pode parecer algo insignificante, porém esse singelo giro carrega uma enorme simbologia, assim como uma virada de chave pode abrir muitas portas, a rotação e centralização do Brasil no mapa representa uma história e cultura do próprio país, tornando-o protagonista de fato ao ser abordado nas salas de aula. Não há sentido nenhum a representação de um mapa em um país X, com um Y sendo apresentado como o principal, como o centro de tudo. Afinal, o centro da Terra é relativo como dito na imagem acima, e deve ser retratado da visão e do ponto dos agentes daquela dada região, ou seja, do Brasil.

E o eurocentrismo começa desde muito cedo, é ensinado também nas escolas, mas é algo anterior à nossa própria geração, a indústria também ensina, nossos antecessores, e por aí vai (ou se volta). Mas é algo muito bem sistematizado, tanto que nem sequer muitas vezes percebemos, calculado, esquematizado assim como o alfabeto, seguindo uma ordem propositalmente ou não. Por exemplo, quando aprendemos sobre Mitologia Grega, ali não cabe uma certa semelhança com algo de nossa cultura brasileira? Ou será apenas mera coincidência? Zenaide Silva costumava dizer que majoritariamente as pessoas brancas começaram a aprender com a Grécia, mas ela começou com a Etiópia (CULTURA, 2011). Mulher negra, professora,

artista, entre várias outras profissões, uma verdadeira polímata – mais uma palavra grega – estudou Afrocentricidade e apaixonou-se. De acordo com Zenaide, a história que aprendemos no ocidente geral é o oposto da *herstory*, que significa história da mãe, história da África. Ao falar sobre os *Griots* que são contadores de histórias, ela pontua que a nossa vem de *his+story*, ou seja, a história deles, do patriarcado (CULTURA, 2011). E com isso, se provoca mais uma pergunta: Por quê não só a mitologia dos gregos, mas também seus deuses e tudo mais que se origina destes desde aquela época, são mais bem aceitos que os deuses africanos? A exemplo de Exu, o mensageiro, que equivale a Hermes na Grécia? Zenaide encaminha umas das respostas da seguinte maneira:

[...] A casa de vida, a *Per Ankh*, é a pirâmide da iniciação, onde os gregos iam se iniciar, para publicarem depois, infelizmente em grego tudo o que aprenderam no Egito, que se chamava *Kemet* a terra dos homens pretos. Então os gregos sacanamente piratearam a informação africana, e o que você estuda hoje na escola como filosofia grega, não passa de pirataria grega. Está tudo de ponta-cabeça, tudo (CULTURA, 2011).

Para Zenaide, após seus estudos e sua bagagem rica em conhecimento, em questão sobre a afrocentricidade, ela comenta que após obter tais sabedorias, a hipocrisia do Brasil e restante do mundo ficaram ainda mais evidentes, gritantes. Nisso, ela prossegue citando um conceito o qual não existe no dicionário, porque ela própria está o criando denominado *Protosofia*, remetendo-o a deusa da sabedoria, do conhecimento no Egito – que na história Grega já recebe outro nome, Atena... – a qual o gregos se reportavam para estudar e se iniciar. Dessa maneira, os gregos “por serem amigos de Saf, *filo sof*, criaram a filosofia, que na realidade só a amizade ao conhecimento, o amor ao conhecimento. A Protosofia é a primeira, é a célula *mater*, é a Saf mesmo, a própria deusa do conhecimento” (CULTURA, 2011). Zenaide Silva é uma mulher de intelectualidade absurda, provocadora, crítica, que disserta que a Terra dos Pretos é hoje vulgarizada como Egito, que recebeu esse nome mais uma vez dos gregos:

Kemet que é o nome original daquela terra toda. Todo o continente se chamava etiópia na realidade, o continente que hoje chamamos de Africano. Mas, aquela região, que hoje é chamada, vulgarizada de Egito, chamava-se *Kemet*, que significa exatamente a terra dos pretos. Egito é uma corruptela grega de um grande deus, que era um *neter*, chamado Ptá. Então, o templo de Ptá era *Hut-ka-Ptah* [...] (CULTURA, 2011)

A palavra *Hut-ka-Ptah* é a pronúncia do Egito antigo, que com o passar do tempo se tornou Egito derivando do grego *Aegyptos*. Que significa Templo do Neter Ptá. Para Zenaide, Neter se torna uma palavra interessante pelo fato de que na língua Egípcia Sagrada não haviam as vogais, então:

[...] Você tinha “NTR” que significa o mesmo que orixá, deus da natureza, ser, força, potência da natureza. Então “NTR” para o alemão se deu *natur*, para o inglês *nature*, espanhol *naturaleza*, português... Enfim, daí para frente. Ou seja, nós vivemos no Universo Africano até hoje, natureza e naturalidade são africanos, conceitos africanos, assim como realeza e realidade são conceitos que vêm de Rá, que é o deus da luz, deus do fogo. A palavra pirâmide, a palavra Faraó, todas vem de Rá [...] Tudo vem desse conceito inicial, primordial da grande luz, que é o sol que nos une, que a gente faz a fotossíntese (CULTURA, 2011)

Entretanto, não é assim que o Brasil e o restante do mundo enxerga ou quer ver. A pirataria europeia é milenar, o “alfabeto” do eurocentrismo é muito mais profundo e complexo do que se pensa, até mesmo o próprio termo alfabeto tem origem grega, sendo a junção das duas primeiras letras alpha+beta, cujos símbolos são representados da seguinte forma respectivamente: α , β . Boa parte das palavras entre diversas outras simbologias são remetidas aos gregos, mas os gregos tiveram sua iniciação toda na Etiópia, e esse racismo velado está presente até na construção das próprias pirâmides egípcias. Levando a boatos que chegam ao nível de a considerarem artefatos alienígenas, por duvidarem da alta capacidade e rapidez dos egípcios, muitos cientistas até hoje dizem não ter certeza de como esses antigos habitantes as construíram exatamente. Será que não têm certeza ou é o receio e repressão política e econômica racistas que o impedem de assumirem? Jaz aqui um problema não só de fronteira, mas de cor de pele também. Tais dúvidas desse nível surgem quando brancos e homens? Surgiriam se a civilização possuísse tais características? Esboçando já aqui da mesma forma o androcentrismo, nem a própria, e recentemente famosa, Aspásia de Mileto escapou, por mais que fosse considerada europeia e branca, Aspásia é uma das poucas mulheres conhecidas da Época de Ouro da Grécia, em que se obtém pouquíssimos dados sobre sua vida, não há nada de certeza sobre ela... Mais uma singela coincidência? Alguns estudiosos indicam que ela influenciou diversos filósofos que hoje carregam uma significativa fama. Pesquisas mostram que Aspásia era a mulher mais famosa, senão a pessoa, da Época de Ouro da Grécia, e muitos escritos antigos de intelectuais e filósofos se remetem a ela, além de mencioná-la, entre eles Platão, Aristófanes, Plutarco, e muitos outros. Conquistou e influenciou Péricles e Sócrates, bem como abriu uma escola para mulheres (HUNTY, 2023). Segundo Alatas e Sinha (2023, p.310):

O eurocentrismo e o androcentrismo continuam sendo vieses duradouros no ensino das ciências sociais a despeito de décadas de reconhecimento dessas orientações. Um breve exame dos programas de cursos e dos livros-texto usados para o ensino de várias disciplinas, como a sociologia, a antropologia, a geografia, a ciência política e outras em muitas universidades ao redor do mundo, revelará numerosas características de eurocentrismo e androcentrismo. Norte-americanos, europeus e homens são geralmente apresentados como produtores das ideias, das teorias e dos conceitos, e

são os conceitos ocidentais que dominam nas discussões. Americanos, europeus e homens são aqueles que teorizam. Quando mulheres e não europeus aparecem nos materiais de ensino, são usualmente objetos de estudo de teóricos ocidentais do sexo masculino. Raramente são apresentados como sujeitos cognoscentes, ou seja, como fontes de teorias e ideias. Por exemplo, os textos de teoria social geralmente apresentam concepções de fundadores norte-americanos e europeus da sociologia, sendo quase todos eles homens. A impressão que se tem é a de que não houve mulheres e não europeus que fossem antecessores ou produtores de teorias sociais durante o período formativo da teoria social ocidental no século XIX.

São problemas e desvios que levam a um único centro, único caminho, e que apagam ou destroem os demais. Problema esses que possuem diversas vias, com ligações de viés político e econômico também. Nesse sentido, faço aqui um neologismo: Eurocentrismo, substituindo a letra “e” pela representação monetária, o símbolo do Euro. Considero um projeto político-econômico, machista, racista, entre muitas outras denominações, que tenta passar uma imagem ingênua de que nada é diretamente proposital. Um exemplo disso são os mantos indígenas dos Tupinambás do Brasil espalhados pela Europa, em que apenas um será devolvido, após muitas reuniões e negociações, ao seu verdadeiro dono de origem, o Brasil (FARES, 2024). O Eurocentrismo está presente em nossas telas, escolas, moda, objetos e quando não, se apropriam de objetos esses pertencentes a outros povos como o citado anteriormente. Apropriar-se de artefatos de outras culturas e querer evidenciar isso como algo pertencente ao país colonizador, demonstra a tentativa de exclusão de narrativas múltiplas, ocultando espaços de afirmações de existências. Agregando tudo o que foi apresentado até aqui, a que conclusões isso se repassa?

2.1 DESCONSTRUINDO FRONTEIRAS E A DESCOLONIZAÇÃO DO ENSINO

Nesse trajeto percorrido até aqui, em que fomos do passado à atualidade e também prevemos um certo futuro, romper tais fronteiras intelectuais é essencial. E estimular um pensar periférico faz com que não só professores como alunos vão além do papel e da lousa nessa busca pela diferença. Ultrapassar o limite do pensar imperial, que querendo ou não nos foi imposto, significa apresentar o pensamento social de não europeus e indiscutivelmente de mulheres. Não deixando de lado os nomeados “clássicos”, pois a pauta aqui não é de forma alguma excluir lado algum, mas sim repensar a maneira como são vistos e interpretados, lendo-os de maneira não eurocêntrica (ALATAS; SINHA, 2023). Além disso, o que aqui está sendo proposto é um diálogo criativo que leve em consideração com seriedade autoras autônomas não ocidentais, as vozes femininas do pensamento social. Não há uma receita ou manual que ilustre um passo a passo a essa desconstrução, e sim atitudes e ações que pouco a pouco ajudam a

descolonizar o ensino, desenvolvendo criticamente a mente de estudantes e professores e vários outros agentes educacionais, removendo suas lentes territoriais e imperialistas, fazendo com que enxerguem com seus próprios olhos ou tenham liberdade de escolher quais lentes desejam usar.

É essencial um olhar mais próximo, mais semelhante também ao nosso ambiente. Uma reestruturação e/ou ampliação da esfera da teoria social, introduzindo pensadoras periféricas, mulheres fundadoras e pioneiras no pensamento social, e que existiram muito antes dos ditos cujos três “clássicos” das Ciências Sociais, entre vários outros companheiros. Até porque, como disse Connell (2012, p. 10):

Na Austrália ou no Brasil, nós não citamos Foucault, Bourdieu, Giddens, Beck, Habermas etc. porque eles conhecem algo mais profundo e poderoso sobre nossas sociedades. Eles não sabem nada sobre nossas sociedades. Nós os citamos repetidas vezes porque suas ideias e abordagens tornaram-se os paradigmas mais importantes nas instituições de conhecimento da metrópole – e porque nossas instituições de conhecimento são estruturadas para receber instruções da metrópole.

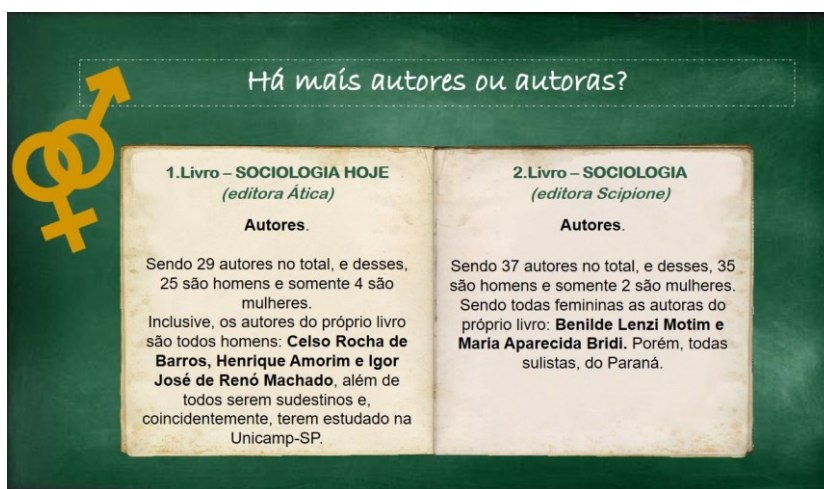
Inicialmente seria mais indicado ao introduzi-las, construir um ambiente seguro para isso, com uma forma de abordar que “as leva a sério como teorias – como textos *com* os quais aprender, não apenas *sobre* os quais aprender” (CONNELL, 2007). Para que posteriormente ao dialogar e ocorrer as interações entre fronteiras, se faça a aplicação. Connell (2012, p. 10), ao discorrer sobre a estrutura geopolítica do pensamento sociológico, cita o seguinte:

A construção de conceitos nas ciências sociais sempre envolve uma reificação da experiência social. Dizer isso não é uma crítica em si; algum tipo de reificação é necessário para se ir além da situação imediata e concreta, para podermos falar sobre outras situações. Mas colocar isso dessa maneira imediatamente provoca a seguinte questão: que experiência social está sendo reificada, e mais especificamente, experiência social de *quem*? Os textos de teoria social envolvem principalmente uma reificação da experiência social do Norte. Às vezes, isso é bem direto, como quando somos informados de que vivemos numa sociedade de redes, ou numa sociedade de risco, ou na pós-modernidade – todas caracterizadas por experiências sociais que a maioria da população do mundo não vive. Nas formas mais sofisticadas e poderosas de teoria, contudo, a reificação da experiência social da metrópole ocorre num nível mais abstrato.

Nesta direção, ocorre algo semelhante no Brasil sobre as produções dos livros didáticos e seus autores sulistas e sudestinos, excluindo de certo modo e estereotipando as demais regiões do país ao retratá-los no próprio livro, dando destaque para o Nordeste. Na disciplina nomeada Laboratório de Pesquisa e Práticas Pedagógicas em Ciências Sociais IV – LAPPECS IV, oferecida no 5º período do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, seguindo uma sequência

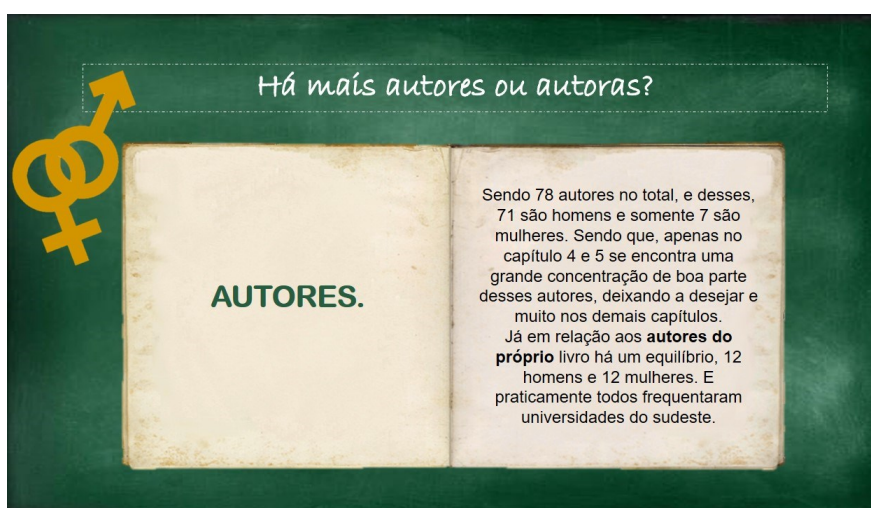
de um total de cinco laboratórios durante todo o percurso do curso. Durante um levantamento de dados, ao analisar livros do Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD dos anos 2018 e 2021, obteve-se tais resultados, que demonstram além disso, dos três livros didáticos analisados, que há mais autores que autoras no livro, em um dos tópicos prescritos para análise, destacando também que grande parte são brancos, como pode ser observado nas imagens a seguir:

Figura 3 - Dados da análise dos livros do PNLD 2018



Fonte: arquivo pessoal

Figura 4 - Dados da análise dos livros do PNLD 2021

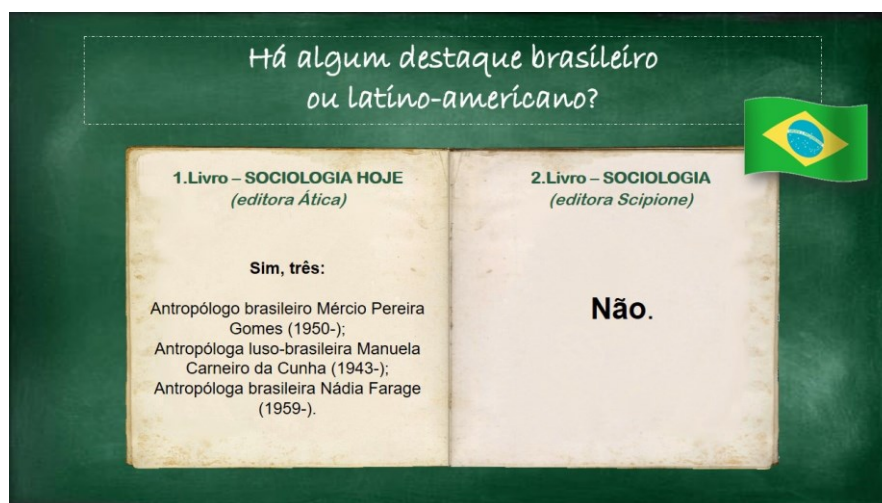


Fonte: arquivo pessoal

E ao analisar em recorte de território, um tópico também tratava sobre destaques brasileiros ou latino-americanos e os dados resultaram em uma maioria do gênero masculino no livro do PNLD 2021, e nos outros dois livros do PNLD 2018, apenas três obtiveram

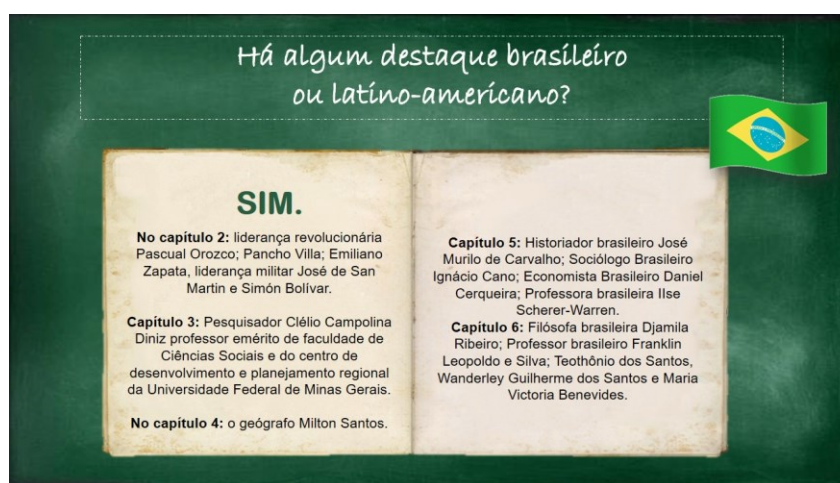
destaque, sendo dois do gênero feminino no primeiro livro *Sociologia Hoje* da editora Ática. Entretanto, o segundo livro não apresentou nenhum. Ressalta-se que nessa fase da análise ocorreu um recorte temático, em que o tema escolhido foi Cultura, o que causa ainda mais indignação, pois como um livro de caráter nacional, tratando em seu capítulo sobre cultura não destaca os seus semelhantes, o seu “próprio sangue” por assim dizer?

Figura 5 - Coleta de dados dos livros do PNLD 2018



Fonte: arquivo pessoal

Figura 6 - Coleta de dados dos livros do PNLD 2021



Fonte: arquivo pessoal

Outros destaques sobre a análise da pesquisa são que os livros didáticos escolhidos do PNLD 2018 foram dois, sendo eles *Sociologia Hoje* (editora Ática) e volume único, *Sociologia* (editora Scipione) volume único. Enquanto os do PNLD 2021 apenas um, o livro *Globalização, Emancipação e Cidadania - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas* (editora Moderna Plus),

volume 2. Foram levados em consideração também os livros de maior preferência pelas escolas por todo o país. Essas são apenas uma das provas que expressam o quão desiguais e ausentes são as representatividades no meio educacional, que necessitam o (re)pensar, e pluralidades em todos os campos, afinal é papel sobretudo nosso como educadores, professores das Ciências Sociais, estudiosos da sociedade, “transmitir socialmente às novas gerações um legado cultural sistemático que tanto nos impulsiona no sentido do desenvolvimento humano” e ajudar a desenvolver o pensamento abstrato e a criticidade (PINHEIRO, 2023).

Figura 7 - Livros Didáticos objetos de pesquisa na disciplina LAPPECS IV em 2022



Fonte: arquivo pessoal

Bárbara Pinheiro (2023) citou que nós professores somos “doadores de memórias”, mas que memórias são essas que desejamos passar? A alva, cristã, imperialista, alemã, europeia, etc., totalmente distinta de nossa especificidade histórica? Fazendo uso de fontes de autoridades externas à sua própria sociedade? Exercendo um “bom uso do mau gênero”? A urgência de um pluralismo epistemológico é nítida, e no Brasil, está presente nas leis. A Lei 10.639/03, completou 20 anos em 2023, e nela é possível enxergar a tentativa de inserir tal urgência, ao estabelecer que se deve abordar, dentro das disciplinas já existentes no currículo do ensino fundamental e médio, a história e cultura afro-brasileira. Essa legislação brasileira aponta para um caminho de consolidação em relação à educação e diversidade étnico-racial e cultural do país, bem como o comprometimento com a mudança e a justiça social (DAMÁSIO, 2024). Por mais que entre a sua teoria e prática observe-se discrepâncias, como de praxe, já nos foi dado um passo bastante significativo. Em vista disso, em Damásio (2024, p. 140) reflete-se que:

[...] as Ciências Sociais nos mostram que o racismo, o machismo, o colonialismo, ou seja, todas as formas de opressão e discriminação não são estruturas naturais ou estáticas. Se não são naturais, são aprendidas e incorporadas ao longo de uma socialização, é nosso compromisso enquanto professores(as) educar para uma nova

sociabilidade, que tenha por base uma educação antirracista, feminista, e que supere o individualismo produzido pelo sistema capitalista.

A partir da aprovação desta lei, outras pautas foram levantadas, fazendo surgir consequentemente discussões em torno da história e cultura indígena no Brasil. A Lei 10.639/03 foi modificada pela Lei nº 11.645/2008, que inclui os povos indígenas do Brasil no ensino, reconhecendo a contribuição dos verdadeiros formadores desse país. Promovendo projetos para “formar profissionais em gestão educacional e Educação para Relações Étnico-Raciais – ERER” (MEC, 2024). Entretanto, ainda não havia pluralidade nesta lei, apresentava-se muitas lacunas. Então, recentemente o Ministério da Educação – MEC, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão – Secadi, criou a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ). Buscando “fomentar ações e programas educacionais voltados à superação das desigualdades étnico-raciais na educação brasileira e à promoção da política educacional para a população quilombola” (MEC, 2024). Essa política estrutura-se em sete eixos, sendo eles: Governança; Diagnóstico e monitoramento da implementação da Lei nº 10.639/2003; Formação de gestores escolares e professores em educação para as relações étnico-raciais; Material didático e literário; Protocolos de prevenção e resposta ao racismo no ambiente educacional; Afirmção das trajetórias negras e quilombolas; e Difusão de saberes (MEC, 2024). Outro ponto que se deve destacar e preocupar-se nesse sentido é a formação dos futuros professores, investigar se a graduação está cumprindo ou irá cumprir da mesma forma o seu papel, por mais que haja diferenças do currículo prescrito para o vivido, toda mudança traz desafios. E seria totalmente desgastante, ou até inútil educar tais estudantes, crianças e adolescentes, para o progresso da equidade e pluralidade, e ao chegarem na Universidade bater de frente com o “retrocesso” da causa. Assim, Damásio (2024, p. 137) aponta que:

[...] é preciso também olhar muito atentamente para a prática docente no ensino superior, os espaços formativos dos quadros profissionais, não só das licenciaturas, mas de todas as profissões. Se as questões étnico-raciais são abordadas nesses espaços, como estão sendo abordadas?

A pauta sobre o racismo em sala de aula faz surgir inúmeras dúvidas e cenários a respeito da forma como deve ser tratado, iniciado, e até desenvolvido. Bárbara Pinheiro (2023), exprime em seu livro *Como ser um Educador Antirracista*, que a branquitude também é extremamente necessária na abordagem em âmbito acadêmico. Afinal, foi com os brancos que o conceito de raça surgiu na modernidade europeia. O termo branquitude não se refere às pessoas em suas singularidades, trata-se de uma categoria social, que se refere a um lugar de

vantagens simbólicas, subjetivas e materiais disponíveis para as pessoas identificadas como brancas em uma sociedade onde o racismo é estrutural. De início, a autora discute que a identificação no Brasil é fenotípica, ou seja, se dá pela estética, e não pela constituição genética (genótipo). Em outros termos, você pode ser filho ou filha de um casamento interracial (seu pai é negro e sua mãe é branca ou vice-versa) ou ter avós negros; se a sua estética não leva você a receber um baculejo semanal da polícia, se ela não faz você ser seguido no shopping, se ela não faz você perder um emprego por "ausência de boa aparência", se ela não eleva à décima potência o seu risco de ser encarcerado ou morto, se ela não faz as pessoas durante a sua vida o reconhecerem como alguém menos bonito e inteligente: você não é uma pessoa lida como negra no Brasil. E ao falar sobre o privilégio branco, ela destaca que todas as pessoas brancas são beneficiárias sim de tais vantagens, por mais que não sejam signatárias (PINHEIRO, 2023).

Em raça como constructo social apresenta-se o conceito de raça do ponto de vista social dialogando frontalmente com a desimportância de nossas vidas negras. Pois a ciência nos devolveu teoricamente a humanidade defenestrada por toda a modernidade ocidental, mas esqueceu de avisar ao Estado e ao seu braço armado que nós somos humanos. Nesse sentido, em sequência, Pinheiro (2023) cita o mito da democracia racial³, o qual primeiramente se apresenta como verdadeiro, supondo que exista, da seguinte forma: A democracia racial é o estado de plena igualdade entre as pessoas na sociedade, qualquer que seja sua raça ou etnia. Tanto raça quanto etnia são constructos sociais, ou seja, conceitos socialmente desenvolvidos em determinados contextos históricos. No entanto, como já apresentado, a raça surgiu como um conceito biológico a partir de sua articulação com o genótipo (constituição genética). Posteriormente, ela disserta que a democracia racial é um mito. Não há plena igualdade entre pessoas negras e não negras no Brasil. Esse mito se fortalece na medida em que se constrói, com base nas teses do Lombroso⁴ e de diversos outros eugenistas, a estratégia de genocídio negro pautada na miscigenação racial (PINHEIRO, 2023).

Nesse sentido, mais que não ser racista, é preciso ser antirracista, ou seja, não basta não cometer atos racistas: é preciso lutar contra o racismo. As crianças que estão sendo formadas

³ A visão que perpetua o mito da democracia racial paralisa a prática antirracista, pois romantiza as violências sofridas pela população negra, afirma Djamila Ribeiro (2019). Ocultando as desigualdades raciais e mantendo a ideia de que o Brasil é um país onde todos têm as mesmas oportunidades, independentemente da cor da pele. Sendo prejudicial por ignorar a história e o legado da escravidão e do colonialismo, desconsiderando as estruturas de poder e os sistemas de opressão. Impedindo assim, a discussão sobre o racismo estrutural e a responsabilidade do Estado. Além de culpar as vítimas em vez de abordar as causas do problema (RIBEIRO, 2019).

⁴ Antropólogo e criminologista italiano do século XIX, com teorias amplamente criticadas, consideradas hoje pseudocientíficas e preconceituosas. Defendia que certos indivíduos nascem com uma predisposição para cometer crimes, devido a características físicas e biológicas. Defendia que certos traços físicos, como formato do crânio, tamanho dos olhos, etc., poderiam indicar uma predisposição para o crime (PINHEIRO, 2023).

precisam se nutrir do que elas efetivamente são e não do que não são, mas que disseram acerca delas como mecanismo de controle social. O antirracismo é uma responsabilidade ocidental cujo centro é o racismo, por ser uma construção ocidental. Em outros termos, enquanto, numa perspectiva afrocentrada, a preocupação fundamental é se autoformar e formar crianças e adolescentes a partir de uma lógica do reforço positivo (PINHEIRO, 2023). Acompanhar, indicar e se alimentar de conteúdos produzidos por pessoas negras e discuti-los em sala de aula com uma abordagem transversal da EREER que não seja centralizada no 20 de novembro e que coloque a reflexão sempre como algo central no espaço escolar, possibilitando um olhar racializado sobre os fenômenos sociais; escutar os/as jovens sobre o que eles/as têm a dizer, principalmente os/as jovens negros/as, que trarão facetas da realidade que muito possivelmente você, professor/professora branco/a, não acessou, já é meio caminho andado (PINHEIRO, 2023).

3 O FLAMEJAR DO FEMININO

Mexo, remexo na inquisição
 Só quem já morreu na fogueira
 Sabe o que é ser carvão 🎵 🎵

– Rita Lee (*Pagu*, 2000)

Este capítulo faz uma breve recapitulação ao passado histórico sobre a educação feminina nacional e suas formas de sistema educacional da época voltadas apenas para o gênero feminino, que se diferem das masculinas, e persistem de diferentes formas abstrusamente, espelhando sistematicamente até os dias atuais tais condutas e objetivos apontados. Bem como, discute a partir do levantamento bibliográfico o cânone das ciências sociais e o que e quem define um clássico.

Por fim, descreve-se algumas “feiticeiras”, mulheres do pensamento social que foram apagadas da história e esquecidas na estante empoeirada da teoria social, e o pouco do que restou de seus escritos. Seu título e epígrafe referenciam metaforicamente essas consideradas feiticeiras, por nós mulheres no passado termos sido consideradas bruxas apenas pelo fato de sermos pioneiras em muitos dos conhecimentos que se tem hoje, dos remédios nas prateleiras das farmácias ao tempero presente em nossas mesas, entre muitos outros. Só sente a dor do que é ser mulher, a própria mulher. Ninguém entenderá nossas cicatrizes e o que sofremos na pele. Só quem já morreu na fogueira saberá o que é ser carvão, sabendo cada um a dor e delícia de ser o que é.

3.1 A EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL

Discutir sobre a educação feminina não só no Brasil como também em outras partes do mundo, deveria causar grande envergonhamento à população brasileira e toda a sociedade, tanto pelo seu tardamento como pela forma quando finalmente findaram a decisão de que mulheres mereciam ter acesso à educação, como se fossem uma “coisa” à parte do corpo social, sem nenhuma importância.

As mulheres eram tratadas de maneira hostil até de forma documental, de acordo com Fernandes (2019), nas leis portuguesas “o sexo feminino fazia parte do *imbecilitus sexus*, ou sexo imbecil, uma categoria à qual pertenciam mulheres, crianças e doentes mentais”. Sem

contar que até Charles Darwin⁵, figura tão considerada nas Ciências e de grande prestígio para tal, “acreditava que as mulheres eram intelectualmente inferiores – opinião semelhante à de outros homens biólogos na época” (FERNANDES, 2019).

No entanto, mesmo com todo esse atraso e dificuldades para obterem seus direitos educacionais, a presença feminina nos dias atuais é maioria nas escolas, sobretudo nas universidades, como apontam pesquisas mais recentes realizadas no ano de 2021 e 2022 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que apontam que as mulheres são maioria na pós-graduação conquistando mais bolsas, na docência e gestão escolar, e quando se fala em ensino superior elas predominam entre matriculados e concluintes. Havendo um equilíbrio na educação básica, em que 49,4% são mulheres, mulheres essas que permanecem, ultrapassando barreiras e vencendo preconceitos dia após dia (MEC, 2023).

Foi durante o período colonial, segundo registros coletados da autora Arilda Ribeiro, que em 1561, a primeira mulher brasileira a ler e escrever fez uma carta para o padre Manoel de Nóbrega: Catarina Paraguassu, também conhecida como Madalena Caramuru, que pode ter sido não só a primeira brasileira, mas a primeira indígena alfabetizada (FERNANDES, 2019). Tempos depois, na segunda metade do século XVII, houve o período em que as mulheres eram “educadas” seguindo as regras da educação feminina da época, voltada para o lar e a família. Porém isso não ocorria em escolas de fato, mas em conventos. Boas maneiras, e reza para “afastar maus pensamentos”, eram um dos ensinamentos tidos nesses locais, (FERNANDES, 2019).

Essa “inclusão” limitada das mulheres na educação permaneceu por muitos e muitos anos no Brasil, e ainda hoje encontra-se pessoas com esse mesmo pensamento da época. O androcentrismo e o machismo estavam escancarados, atualmente não é diferente. Costuma-se reverter esses períodos históricos amenizando com frases do tipo “eram outros tempos”, “naquela época era normal” ou “temos que ver o contexto histórico da época deles, não seja tão radical”. Mas o que intriga é: as mulheres sempre existiram, e ao mesmo tempo em que os homens. E é sabido que muitas sempre lutaram por direitos iguais há muitos e muitos anos atrás, muitas dessas que lutaram e pensaram “diferente” estavam presentes em todos esses períodos da educação no Brasil, na Revolução Francesa, Industrial, sendo até próximas dos famosos “clássicos” da Sociologia (Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber), vivendo o mesmo que estes. Então que sentido há em justificativas desse tipo? Alguma coisa isso deve significar.

Foram métodos e ações absurdas utilizadas para com as mulheres, e um bom exemplo

⁵ Apesar disto, Darwin foi contrário à escravização humana. E sua visão evolucionista quanto ao desenvolvimento das espécies deveu-se, em parte, à sua contraposição aos horrores da escravidão.

disso era o Abecedário Moral (1585) escrito pelo português Gonçalo Fernandes Trancoso. Cada letra do alfabeto representava uma frase moralista e conservadora do tipo: A = amiga da sua casa, U = unida à família, útil ao marido (FERNANDES, 2019). Tais representações demonstram a ridicularidade e irracionalidade metodológicas empregadas. Arilda também relata sobre o código das flores, o qual homens presenteavam moças com flores simbolizando interesse, por elas ainda não saberem ler e escrever bilhetes. Porém, na Reforma Pombalina algumas coisas começam a mudar, mulheres são permitidas a frequentar as escolas em salas separadas por sexo (FERNANDES, 2019). No entanto, essa “inclusão” não existia de fato, dar acesso a minorias não significa o mesmo que incluir, e esse é um problema que perdura até os dias atuais. Tomaz Tadeu da Silva, em seu livro Documentos de Identidade abordou sobre isso ao tratar da pedagogia feminista:

As análises feministas mais recentes enfatizam, de forma crescente, que o mundo social está feito de acordo com os interesses e as formas masculinas de pensamento e conhecimento. Podemos utilizar uma comparação para nos ajudar a compreender a mudança radical que está envolvida nesse deslocamento. Vamos transferir, por um momento, a questão da divisão entre os gêneros para uma hipotética divisão em termos de altura. Vamos supor que o mundo estivesse dividido em duas metades: uma metade de pessoas altas e outra metade de pessoas extremamente baixas. Vamos supor ainda que o mundo estivesse feito à escala das pessoas altas, ou seja, que tudo estivesse construído levando em conta esta sua altura. Numa tal situação, parece evidente que qualquer reivindicação de igualdade por parte das pessoas baixas não poderia se limitar a ganhar acesso a esse mundo talhado à medida das pessoas altas, mas deveria tentar modificar esse próprio mundo para que ele refletisse também a experiência das pessoas mais baixas (SILVA, 2007, p. 93)

Mas são justamente as mulheres, que fizeram história no país, sendo pioneiras em diversas áreas e promovendo a inclusão de fato. Entre elas, temos: Nísia Floresta, com a fundação, em 1838, de um dos primeiros colégios com instrução elementar para meninas, o Colégio Augusto; Adélia Sigaud, primeira brasileira a ler pelo método Braile, deficiente visual desde criança, ela defendeu além dos direitos das mulheres, os direitos de escravizados e indígenas. Se tornando a primeira professora do Instituto dos Meninos Cegos (Benjamin Constant), o qual foi fundado por Dom Pedro II motivado por ela; Maria Augusta Generoso Estrela, a primeira médica brasileira, mas formada nos Estados Unidos em 1881, pois na época ainda não era permitido mulheres estudarem medicina na Faculdade do Rio de Janeiro. Porém seu êxito na profissão e atitude de “enfrentamento”, influenciaram para que as mulheres ingressassem na graduação em 1879; Armanda Álvaro Alberto, que fundou a primeira escola do Brasil a ter uma biblioteca e a oferecer merenda, a conhecida Escola Proletária de Meriti (1921). Armanda lutava pela educação pública, laica e gratuita para todos no país, o que na Constituição de 1824 só foi proposto desconsiderando as populações negra e indígena

(FERNANDES, 2019).

Outra importante mulher que merece destaque é Nilceia Freire que “durante sua gestão implantou o projeto pioneiro de cotas para alunos de escolas públicas e afrodescendentes” (FERNANDES, 2019). Apesar disso, versinhos chulos eram espalhados por muitos escritores do sexo masculino, como “mulher que sabe muito é mulher atrapalhada, para ser mãe de família, saiba pouco ou saiba nada”; "a mulher honrada deve ser sempre calada"; e “mulher que sabe latim não tem marido, nem bom fim” (FERNANDES, 2019). Frases hostis que ainda hoje são replicadas de maneiras aversivas, com ações e verbalizações semelhantes, e que causam repugnância a qualquer pessoa que tenha um mínimo de agudeza de espírito, ou pelo menos deveria.

Entretanto, a educação feminina ainda passou por mais algumas dificuldades no ensino profissionalizante e superior. Pois somente em 1879 é que elas foram “permitidas” a frequentar esse âmbito, mas de toda forma com a permissão de algum homem, seja pai ou marido. E até que se chegasse em um número relevante do gênero na educação, custou tempo e muitos julgamentos. Boa parte das mulheres desse tempo não conseguiram frequentar o ensino superior por vários motivos, mas o que mais se destacou entre eles foi o preconceito e pensamento retrógrado que ainda estava impregnado na sociedade e que perdura até hoje (FERNANDES, 2019). Se mesmo com todo esse atraso, com todas essas adversidades, ainda sim persistiram e conseguiram chegar onde chegaram, imagine se não houvesse todos esses impasses? Decerto seja cabível o medo que o sexo masculino tem da ascensão das mulheres, se com tão pouco oferecido e permitido a elas, elas ainda foram marcantes e pioneiras em muitas áreas. Não se pode ter nem em média uma noção do quantos são capazes, seus limites, porque esses pequenos exemplos dados de grandes feitos realizados, prova muita coisa e deveria ser o suficiente.

Dados da ONU, do relatório de “Índice de Normas Sociais de Gênero” apontam que “cerca de 9 em 10 homens e mulheres globalmente possuem algum tipo de viés de gênero” (ONU, 2023). Analisando quatro dimensões, entre elas a educação, ressalta-se

a falta de conexão entre o progresso das mulheres na educação e o empoderamento econômico. Em 59 países, onde mais mulheres possuem formação do que os homens, a diferença média de renda entre gêneros permanece em 39% a favor dos homens. Pedro Conceição lembra que a falta de progresso nas normas sociais de gênero está aprofundando a crise de desenvolvimento humano. Ele adiciona que todo mundo tem a ganhar com “a garantia de liberdade para as mulheres” (ONU, 2023).

E é por meio da educação que se pode mudar esse cenário. É a partir dela que se constrói uma sociedade para o progresso, ou regresso, depende da forma como ela está sendo utilizada.

Nos processos políticos e de informação, é necessário e crucial combater a desinformação e desigualdade de gênero, reconhecendo primeiramente que ela existe, e promovendo os direitos das mulheres em todas as esferas sociais, elevando a aceitação, equidade e representatividade (ONU, 2023).

3.2 A ESTANTE EMPOEIRADA DA TEORIA SOCIAL

O que seria da sociologia hoje se ela fosse produzida por mulheres e sobre mulheres? O que e quem define um clássico? Onde foram parar as clássicas do pensamento social? Será mesmo que tal estante está empoeirada ou inexistente? A poeira vem do esquecimento ou por um outro motivo: enterraram esses livros? Ocultaram, esquecendo propositalmente lá no fundo da estante? Decerto, são muitas indagações as quais têm surgido com bastante frequência nos últimos tempos. E que, conseqüentemente, aumentaram as linhas de pesquisa sobre o tema. O que chega até a ser de certo modo irônico, uma ciência como as sociais demorar tanto tempo para retratar sobre algo tão escancarado, com peso e relevância nas transformações da sociedade, explicitamente trazendo conseqüências para o gênero feminino em particular. Explícito mas tratado como algo implícito, aliás por muitos e muitos anos o cânone sempre teve um gênero como padrão.

O cânone das ciências sociais deveria ser amplo e diversificado, ir além. Não apenas nesta ciência, mas principalmente nela, por tentar retratar as mais variadas desigualdades e conseqüências da ação humana no meio social. Mas na vida acadêmica basta olhar em volta e se questionar quantas das mulheres que ali estão exercem cargos de poder. Estar entre ou “no meio de” se difere bastante se a presença política sempre foi majoritariamente branca e masculina, por mais que em números a igualdade esteja “findada”, mas apenas matematicamente e nem em todas as áreas. Seria coincidência tudo isso? Está tudo bem utilizar sabe-se lá desde quando somente como referência cânones de um só gênero e cor, representados e designados por também indivíduos deste mesmo grupo? Restringir-se a um só continente é mais uma preocupação, sobretudo quando são aqueles países colonizadores, os quais exploraram pessoas de várias raças e etnias, espalhando à sua maneira tal comportamento infame. É sabido e notório que isso acarreta sequelas no cotidiano de cada mulher, a cada passo dado por elas, em uma rua, esquina, ônibus, empresa ou festa.

As cicatrizes femininas são *sui generis*, não só as físicas, como as obtidas em uma cesária ao dar à luz - outro contexto que ainda hoje não cabe a própria decidir - ou de cistos em ovários,

de histerectomia, entre várias outras que uma hora ou outra maioria delas terão que realizar em algum momento da vida. As marcas do “ser mulher” vão além do físico, e só quem consegue tocá-las e senti-las são elas mesmas, variando entre cicatrizes hipertróficas que inflamam de dentro para fora, ou queloides que ultrapassam os limites das barreiras da dor feminina original. Diferenciando-se daquelas marcas comuns que no geral todos têm, a exemplo das atroficas causadas por acne, ou a brasileira provocada por uma vacina. Homens jamais a terão, algumas mulheres brancas e privilegiadas também não, pois se livram de algumas devido sua raça ou etnia, e classe social. Nas mulheres pretas, essa cesura é mais profunda. Anna Julia Cooper (Raleigh, Estados Unidos) reflete bastante sobre o tema em suas obras, pois mulheres e negras são “excluídas duas vezes da ideia de cidadania e da noção de humano” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 36). E por ser afro-americana, tem total domínio para apontar sobre especificidades das relações étnico-raciais.

Anna Julia Cooper relata em uma de suas obras, aos descrever sobre determinada cena em um trem, uma das ideias centrais do feminismo negro, sobre como as mulheres negras não se encaixam completamente entre muitas das formas criadas no nosso meio social. Ideia essa que enfatiza que um agrupamento nem sempre, ou quase nunca, representa o todo: o grupo de mulheres brancas não constitui toda a categoria feminina, assim como homens negros não representam a totalidade dos negros (DAFLON; SORJ, 2021). Para ela, cada injustiça deve ter um representante em particular, porque cada luta possui uma grande diversidade de indivíduos, cada qual com suas singularidades, sendo pioneira na defesa política deste tipo de pensamento, contribuindo para as teorias da interseccionalidade ao campo da sociologia. Segundo Anna, há pensamentos majoritários tanto em grupos dominantes como em marginalizados. A necessidade de voz das mulheres negras é necessária para enfrentar a discriminação de gênero e raça, visto que no machismo também há homens negros (DAFLON; SORJ, 2021).

E entre tantos apagamentos, em nível geográfico, o latinoamericano se destaca. Por qual motivo pouco se fala da sociologia da América Latina? Quando se tem uma sublime como Alfonsina Storni (Argentina), que ainda nas pesquisas do Google é tratada apenas como uma poetisa, sendo que além disso possui trabalhos voltados para a representação política feminina, tornando-se uma analista política aguçada. Considerada polêmica, como qualquer mulher que se revolte com o sistema imposto a ela, Alfonsina publicava em revista ironias voltadas ao modelo da mulher do lar, que dizia como uma mulher deveria se portar, entre outras coisas que já se sabe de cor que uma mulher “deveria ser”. Explorou a relação entre as latino-americanas e a modernidade, abordando sobre a luta pelo sufrágio, o movimento feminista, a importância das mulheres na economia, entre vários outros dilemas enfrentados pelo gênero feminino

(DAFLON; SORJ, 2021). Intelectual política, ela sempre que podia adoçava seus poemas com uma pitada de crítica política e social.

Feroz ativista, Alfonsina em um trecho de “Um livro queimado, 1919”, discorre sobre o que é ser feminista e suas implicações, com sarcasmo aos que são contrários e se dizem amedrontados com quem é e apoia o movimento. Ademais, expõe que a humanidade perdeu uma grande obra como a de Teresa de Jesus por puro preconceito antifeminista, e a freira fora obrigada a queimar sua obra por autêntica irracionalidade masculina. Dessa maneira, voltamos ao fogo, ao flamejar do feminino. Do qual alguém deve estar se perguntando que relação há entre uma coisa e outra? Mas que deveria se indagar por que razão giramos e giramos, damos voltas e voltas e sempre paramos no mesmo lugar, nas mesmas palavras: fogo e machismo? Tratadas até hoje como bruxas, as mulheres sempre assustaram o outro sexo com a sua perspicácia e sabedoria há séculos atrás. Suas inúmeras produções textuais em chamas e depois cinzas, são mais que provas, e comprovam como mesmo virando pó elas ressurgem. Ser mulher é como uma chama, como aquela da fogueira em que muitas delas foram queimadas, mas que a eternizaram, simbolizando-as de uma forma intrigante e bela com o fogo. Fogo esse que flameja, possuindo brilho pela sua alta capacidade cognitiva, que diferente do fogo é inapagável, porém que ao mesmo tempo queima, provocando dor decorrentes de julgamentos e preconceitos.

Outra “bruxa sociológica” é a estadunidense Charlotte Perkins Gilman, visto que se foi apagada e apedrejada por exercitar seus pensamentos e dons ao mesmo modo das bruxas da idade média, logicamente pode-se assim ser considerada. Charlotte em “O lar: seu funcionamento e influência” destaca a seguinte frase “Deve o lar ser o nosso mundo... ou o mundo o nosso lar?” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 111). Com isso, se revela o seu principal objeto/sujeito de estudo sobre as relações existentes entre a família, mercado e Estado. Recheadas de críticas à domesticidade feminina, o casamento e outros mecanismos de produção de desigualdade de gênero. Questionando os papéis tradicionais de esposa e dona de casa, a autora critica sobretudo o culto da maternidade feminina, além de suas análises institucionais, econômicas e culturais (DAFLON; SORJ, 2021).

Apesar de todas essas narrações femininas enriquecedoras sobre a sociedade, onde muitos dos feitos foram pioneiros e vindos de mulheres, representando e abrindo caminho para diversas conclusões, todavia elas permanecem ocultas na estante da teoria social. Levando ao esquecimento a luta feminista no século XIX, que não deixa de ser um movimento que faz parte da teoria social e política, porém não foi escolhido para ser. Estando isso tão internalizado em todos ao nosso redor, que acabaram por domesticar-nos a não estranhar nenhum desses fatores

até aqui apresentados, alienando tão bem que jamais fez com que tantos se questionassem por si próprios do porquê o mundo ser assim e não de outra maneira, ou que surgissem *insights* em algum momento de suas vidas relacionados.

4 SOBRE O OMBRO DE MULHERES – CLÁSSICAS

O que torna alguém um clássico da Sociologia? Sabe-se que para isso em dado momento alguma pessoa irá escolher quem sim e quem não, assim como processos sociais, elitistas e discriminatórios serão decisivos e influenciadores neste quesito. Entretanto, se a escolha não bastar e o que mais influenciar for o destaque do seu trabalho, então, que fundamento explica a ausência de certas figuras femininas no currículo? Talvez já saibamos a resposta, mas relutamos em acreditar no real motivo, pois receamos que nos tachem, e não é necessário muito para isso. Em qualquer oportunidade surgem abundantes nomeações para atribuir ao gênero feminino quando este luta pelo mínimo de equidade possível. Alatas e Sinha (2017, p. 8) evidenciam que:

A história registrada da sociologia e da teoria sociológica está impregnada de androcentrismo, de tal forma que ela se lembra, lista, grava e reproduz contribuições de estudiosos homens. Harriet Martineau, Florence Nightingale Harriet Taylor Mill e Pandita Ramabai são apenas alguns nomes ausentes de uma longa lista de pensadoras sociais pioneiras. Elas estavam presentes antes do nascimento da disciplina formalizada da sociologia e contribuíram para a emergência de uma nova ciência da sociedade. Sabemos que essa lista é longa, pois agora têm sido fornecidas provas sólidas de numerosas mulheres pensadoras e teóricas (ocidentais e não ocidentais) que têm sido rotineiramente deixadas de fora, que permanecem não mencionadas e marginalizadas nas narrativas padrão da história da sociologia.

O androcentrismo é fato, ele existe. E revela que eles escolhem o que ELES consideram temas legítimos. De modo sucinto: homens sempre escolhem homens. Conferindo assim, de acordo com Verônica Daflon e Bila Sorj (2021, p. 12), que sobrevém “determinada identidade à comunidade de cientistas sociais fundamentada em um ato original de exclusão de todo um domínio de investigação ligado às questões de gênero”. Não sendo esse o único obstáculo, o eurocentrismo é reprodutor de desigualdades de maneira conjunta, gerando impactos no currículo e na maneira de pensar sobre certos aspectos da sociedade. É essencial e necessário que se encontre em um currículo, sobretudo em um cuja disciplina se denomina e é social, uma “diversidade de procedências geográficas” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 13). Afinal, o mundo não é só preto e branco e X ou Y, são 193 países reconhecidos pela ONU, 6 continentes com culturas espalhadas de ponta a ponta. As pessoas precisam se ver em seus livros, ser representadas e se enxergarem na escola, não restringir-se a uma classe de senhores com meia idade, brancos e meio calvos, com barbas longas. Esses indivíduos devem ter suas histórias contadas assim como as da Europa, recontadas e replicadas, espalhadas aos quatro ventos: Norte, Sul, Leste e Oeste. Para que outros saibam e percebam que o planeta gira em torno de todos e que o único centro da Terra é sinteticamente o geográfico, o seu próprio núcleo e nada

mais.

Se todos contribuíram para a construção da sociedade que temos agora de alguma forma, carregando sua relativa importância, o que faz com que essa centralização permeie por tanto tempo e com tanta força? Embora seja verdade que:

O Iluminismo europeu, a transição do feudalismo para o capitalismo e a democratização na Europa, e assim por diante, formam um contexto relevante no qual a emergência da teoria sociológica pode ser compreendida, o contexto da expansão colonial europeia e do eurocentrismo é igualmente relevante tanto para o euroamericano como para o asiático ou o africano. Trazer o colonialismo é um exemplo de como a teoria sociológica clássica pode ser mais contextualizada de acordo com as experiências dos estudantes [...] Ademais, e mais importante, foi no período da dominação colonial europeia que os teóricos clássicos europeus escreveram não apenas sobre as suas próprias sociedades, mas também sobre o “Oriente”. Frequentemente, suas análises e reflexões sobre as sociedades não ocidentais eram tanto declarações sobre o “Ocidente” como sobre o “Oriente”. Por exemplo, o discurso de Marx sobre a Índia serviu para confirmar a singularidade da Europa no que diz respeito à sua propensão para o desenvolvimento capitalista (ALATAS; SINHA, 2017, p. 4).

O eurocentrismo representa mais do que se pode avistar, ultrapassa o conceito de Europa como centro, é um sistema velado que contribui a reproduzir preconceitos, pois eles não surgiram do nada. Conotando “uma posição particular, uma perspectiva, uma forma de ver e de não ver que está enraizada em uma série de alegações e suposições problemáticas” (ALATAS; SINHA, 2017, p. 5). Todavia, se os seus não fizerem por si mesmos, ninguém o fará, se não forem outras mulheres pardas, pretas, brancas, a se darem voz e lutarem por seus direitos, tudo permanecerá igual, exceto sua representatividade, são elas por elas. Nesse sentido, está a ser comprometido realizar aqui uma parte desse papel.

Nesse sentido, adiante iremos nos deparar com mais três pensadoras sociais escolhidas para serem discutidas mais detalhadamente e abordadas em sala de aula nesta pesquisa. Olive Schreiner, Pandita Ramabai Sarasvati e Ercília Nogueira Cobra ganharam destaque pelos seguintes critérios: essencialmente por fugirem da rota do eixo Europeu, pois uma das críticas presentes aqui é justamente o Eurocentrismo além do Androcentrismo, por mais que as outras também sejam mulheres, buscou-se aqui trazer pluriculturalismo; Olive justifica-se, primordialmente, por ser a única autora social negra e africana que se tem materiais coletados suficientes para esse tipo de aplicação educacional. Bem como a sua relevância em questão da representatividade étnico-racial e temas atemporais elencados em sua bagagem autoral para a sociedade, a exemplo da desigualdade de gênero e o racismo; Ramabai, devido a sua coragem ao tocar em questões tão sensíveis para sua cultura, ao problematizar as imposições e distorções religiosas que buscaram justificar principalmente a violência de gênero. Tema o qual vem se

intensificando cada vez mais em torno de protestos contra guerras de cunho religioso com finalidades de posses de territórios, entre proibições, genocídios, etc. Pontuando também a sua pluralidade cultural, por advir do continente asiático, dado que um dos fatores, como já mencionado, é diversificar os continentes, desviando-se do previsível. Ademais, por ter sido defensora dos direitos humanos, fundamento importantíssimo para sua relevância social; Ercília suspeitosamente por ser uma autora brasileira pouco difundida e estudada, e localizar-se na América Latina, o que carrega uma representatividade territorial. Conjuntamente a sua discussão em torno da sexualidade feminina, tema que ainda enfrenta muitas barreiras no sistema de educação no Brasil. E esta autora debate sem tabus tal temática, abrangendo tópicos muito específicos em relação a estigmatização da mulher em nosso país, hipersexualizada mundo afora, sobretudo, pelos estrangeiros europeus.

4.1 OLIVE SCHREINER

Aterrissamos primeiramente em terras sul africanas, avistando uma mulher forte e de uma mentalidade extraordinária: Olive Schreiner, que viveu entre 1855 e 1920, nascida na Colônia do Cabo. Olive contestava discursos racistas vindos de cientistas, que não só disseminavam ódio alegando haver inferioridade de populações não europeias como também a biológica de mulheres. A abordagem que poderia ser feita com ela em sala de aula seria especialmente a partir de sua insistência de que as desigualdades eram produto sim das relações sociais e não da biologia (DAFLON; SORJ, 2021). Relatada por uma voz que viveu intrinsecamente de fato aquele período, e sofreu. Possibilitando uma visão amplamente diferente baseada e contada pelos que arcaram com tais opressões e não por seus agressores. Em uma perspectiva feminina sobre o machismo, além do preconceito étnico-racial.

Os pensamentos de Olive Schreiner estão bastante presentes na contemporaneidade, mesmo com décadas findadas. Ela produziu “*insights* que se comunicam com perspectivas construtivistas contemporâneas sobre gênero, raça e ciência” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 14), alegando não ser possível uma sociedade progredir se sustentando em reduzir a população negra e privando-a de seus direitos civis, ou forçando e coagindo-a fisicamente. Criticando rigidamente a ciência racial e social da época, deixou múltiplas obras de ficção e inúmeros textos de análise social e política. A exemplo de *Mulher e Trabalho (1911)*, considerado a bíblia do movimento feminista do início do século XX, suas vivências também mostram um outro lado de certos movimentos sociais, que nem podem ser considerados assim de fato se excluem uma outra minoria, pois quando convocada por mulheres brancas sul-africanas “a integrar a

Liga pelo Sufrágio Feminino, ela deixou o grupo ao saber que as participantes eram contra o voto da população negra” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 146), sendo que a sua obra fez sucesso majoritariamente entre elas.

4.2 PANDITA RAMABAI SARASVATI

Outra pensadora social que pode ser aplicada em aulas sobre estudos sociais é Pandita Ramabai Sarasvati (1858-1922), do continente asiático. De Kanara na Índia, Pandita foi uma erudita que lutou pelos direitos das mulheres viúvas, adolescentes e meninas indianas, apontando a negação de oportunidades educacionais para moças, infanticídio feminino e valorização dos filhos sobre as filhas. Ela resgatou da pobreza e violência centenas de pessoas do sexo feminino, e “seus escritos permitem conexões com os debates pós-coloniais, hoje tão em voga nos estudos feministas” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 13). E redigiu um dos primeiros manifestos políticos feministas escritos por uma indiana, e para cientistas sociais obras textuais proporcionam grande riqueza ao realizar um “relato importante contra visões estáticas das relações sociais e de gênero na Índia e outras sociedades não ocidentais” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 89).

Pandita Ramabai sempre foi contrária ao estigma projetado sobre ela ou qualquer outra mulher que fosse viúva, pobre e mãe de menina. Seu conteúdo e sua bagagem histórica nos ajuda a pensar questões de religião, casta, nacionalismo e colonialismo, além do gênero e suas complexas relações históricas entre a opressão colonial. Considerada uma figura ainda mais perigosa aos olhos da elite após a morte de seu marido, Ramabai desenvolveu seus textos também a respeito dos dilemas da transnacionalização de movimentos sociais como o feminismo (DAFLON; SORJ, 2021). Em seu livro publicado em 1887: *A Mulher Hindu de Casta Alta*, é possível argumentar a respeito do patriarcado, religião, machismo, violência, manutenção de sistemas, política e classe, pois a mulher hindu sofria em seu cotidiano injustiças e preconceitos desde o seu nascimento:

Em um tempo em que o acesso ao sânscrito e às escrituras estava veementemente proibido às mulheres, publicar esse livro era uma dupla transgressão: não só demonstrava dominar conteúdos interditos, como também usava o seu conhecimento para contestar as representações negativas da mulher e contradizer, com estudo e propriedade, interpretações de religiosos e eruditos brâmanes a respeito das escrituras. Pensadora perspicaz e heterodoxa, Ramabai enxergava a religião na sua dimensão social e apontava as apropriações seletivas, as falsificações maliciosas, as pequenas distorções dos escritos sagrados que eram feitas pelos homens brâmanes com o objetivo de conferir justificativa religiosa às práticas de opressão das mulheres [...] gênero e casta se ligaram de maneira profunda e inseparável na Índia. Isso porque as

regras de casamento se tornaram absolutamente centrais para a construção e o controle de fronteiras entre os grupos, cujos membros deveriam casar-se entre si para manter sua posição social e de casta. O matrimônio envolvia transações econômicas entre as famílias por meio da prática do dote e das alianças políticas criadas e sustentadas por laços de consanguinidade. As mulheres, portanto, se tornaram um fator fundamental na construção e na manutenção do sistema de castas (DAFLON; SORJ, 2021, p. 84 e 87).

Com isso, repensar sobre as estruturas e o funcionamento das instituições de determinada cultura e observar até que ponto vai o seu relativismo é imprescindível em campo educacional. E, principalmente, em países emergentes e de terceiro mundo, que acabam sendo levados ao esquecimento, ou ignorados. Assim como as suas formas de controle ao gênero, como o apontado por Ramabai, entre outras minorias dominadas por grupos com alta centralização de poder.

4.3 ERCÍLIA NOGUEIRA

Pousando na América Latina, encontramos Ercília Nogueira Cobra. Brasileira e natural de São Paulo, publicou o livro *Virgindade Anti-higiênica (1924)* que como o próprio título já sugere, trata sobre uma crítica à hipocrisia em relação ao controle da sexualidade direcionada totalmente ao gênero feminino. Desaprovando qualquer tipo de imposição à mulher, argumentando contra a negação de direitos civis às mulheres brasileiras, pois pondera que ocorre uma dupla moral voltada à virgindade das brasileiras daquela atualidade. No contexto escolar, tal obra pode ser discutida “mostrando que o controle da sexualidade pode ser a base para o exercício de inúmeras outras relações de poder” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 14), discorrendo sobre independência financeira, o poder e controle de seu próprio corpo, ao mesmo tempo direcionando aos estereótipos aplicados às mulheres. Como exemplo, o modo como a mídia representa uma jovem moça conservadora, que nutre sonhos de romance e vê o casamento como o único objetivo, e o principal da vida de uma mulher, para se chegar à felicidade de fato. Com isso, pode-se observar como a figura masculina apaga a visibilidade da figura feminina, e assume um papel dominante e de destaque, como o único e possível salvador de todos os males e problemas existentes, consequência da influência de uma cultura patriarcal que moldou a identidade feminina há séculos.

Dessa maneira, o gênero feminino, quando representado na mídia (principalmente a televisiva) apresenta uma predominância maniqueísta. Percebe-se que o bem e o mal têm características que chamam bastante atenção e que se diferem significativamente quando comparadas ao sexo masculino, uma personagem mulher só pode ser boazinha se apresentar

ingenuidade, se vestir de forma romântica e conservadora, e sempre representada com uma performance e rosto angelical. Enquanto a má é sempre aquela de personalidade forte, com vestimentas mais ousadas e comportamento agressivo, que sempre visa destruir os sonhos amorosos da mocinha. Assim, ao relatar sobre personagens mulheres desta forma, é notório como enfatiza-se a rivalidade feminina nessas histórias, além dos estereótipos, como se uma mulher só pudesse ter valor e caráter se agisse e vestisse de certa forma. E, por mais que isso seja consequência do passado, ainda está presente e perdurará por muito tempo, pois diversas pesquisas, desde 1970, analisam temas como esse que conotam tal comprovação tanto na retratação do feminino como na sua própria recepção dos meios comunicação de massa. E conjuntamente a Ercília, discutindo tramas da vida familiar, como também os julgamentos que em certos momentos justificaram o comportamento de uma mulher remetendo-os a doenças nervosas, o que ainda hoje acontece, referindo-se às mulheres como histéricas se elas discordarem ou rebelarem-se diante de alguma infâmia ou injustiça.

Não se sabe ao certo data e local da morte de Ercília Nogueira Cobra, mas este fato expõe o significado do efeito social de sua escrita. A vida pessoal dela era repleta de escândalos, segundo relatos de seus antigos vizinhos, e o silêncio sobre a sua morte revela um pouco disso, porém não se contam todas as versões (DAFLON; SORJ, 2021). O que se sabe é que a mesma recebeu todas as sanções sociais que se espera de uma mulher quando esta questiona de maneira tão aberta as diferenças entre gênero conectadas aos atos e desejos sexuais. Sua vida pessoal muitas das vezes é levada em conta desmerecendo seu reconhecimento, uma prova devassada de preconceitos definidos pelo gênero masculino, uma comparação desnecessária e sem fundamentos que não justificam de forma alguma alegação absurda.

Ninguém contesta a intelectualidade dos homens baseada em seus erros morais cometidos, traições ou com tamanho rigor comportamental, e estes se beneficiam disso. Estudar Ercília abre portas para a liberdade que toda mulher deveria ter ao falar sobre sexualidade, assim como os homens, trabalhando o medo sentido por elas e levando-as a serem livres. As polêmicas de sua vida não cabem aqui, a discussão é sobre o seu pensamento social, sua sapiência, que pode ser atribuída a sua aprovação em primeiro lugar em um discurso disputadíssimo da época, mas que ela não assumiu, pois preferia voar por países ao invés de se prender em uma profissão, devido a sua mentalidade libertadora. Quando presa pela censura presente no Brasil naquele tempo, uma de suas vizinhas narra que, ao interrogarem Ercília, só queriam saber sobre o que ela pensava dos homens, ninguém se interessava pela sua opinião política, pois estavam machucados demais com suas convicções sobre sexualidade. Nisso:

Depois que foi apreendida pela polícia acusada de “pornografia”, sob a política de censura do presidente Arthur Bernardes, a obra foi reeditada pela própria autora. Cobra defendeu-se alegando que a única pornografia que existe é "o mistério que se lança sobre o mais natural e inocente instinto da natureza humana". Ercília referia-se aqui ao desejo sexual e ao prazer feminino, suprimidos sob as proibições e censuras pela sociedade brasileira da época (DAFLON; SORJ, 2021, p. 201)

Posto isso, enfoques no âmbito acadêmico de perspectivas femininas sobre o mundo podem sim realizar uma grande e profunda mudança no futuro. À vista disso, o currículo apresentaria uma correlação com o empoderamento feminino, quebrando gradativamente convenções sociais antagônicas às mulheres. E esses adolescentes e jovens, quiçá crianças, visualizarão o mundo e rótulos com outros olhos, analisando de maneira crítica e reflexiva gestos, pensamento e falas opressoras.

5 A POLIFONIA NA EDUCAÇÃO E NO ENSINO – O FUTURO É AGORA?

Sabe-se que se quisermos mudar o nosso futuro, devemos seguir atenciosamente um belo paradoxo: começar no presente ao mesmo modo que olhamos para o passado. Damos início ao futuro no agora, e obrigatoriamente a voz de todos deve ser ouvida e estabelecer uma harmonia, pois cada uma tem suas características e tons ímpares. As pessoas também são como o som, com intensidades, alturas e timbres singulares, e para que coletivamente se tornem uma música é necessário que juntas busquem o equilíbrio visando o mesmo objetivo. Assim é a sociedade, para se obter equidade entre os seus indivíduos, precisa-se ajustar os desequilíbrios existentes, promovendo o diálogo não só acerca de um estabelecimento de regras que funcionem entre si, mas promovendo uma discussão acerca de seus erros. E a falta de representatividade étnico-racial e do gênero feminino no currículo é um deles, causando impactos na forma como os discentes de agora se enxergam e se sentem, e que conseqüentemente irão reproduzir majoritariamente o que lhes foi passado. Uma vez que, é evidente a influência do androcentrismo e eurocentrismo na formação do que se tem hoje do currículo, Dulcilene Nascimento (2020, p. 5) afirma que:

Um dos locais mais significativos para que essas categorias apareçam é na escola. Nesse lócus, tanto educadores quanto alunos e alunas desde muito cedo buscam se enquadrar nos padrões socialmente estabelecidos e que são reforçados a todo o momento em casa, na escola e por meio da mídia.

Introduzir um pensamento social não ocidental repercute em expressivo peso e relevância, trazendo identidade, referências e representatividade. A colonização arrancou muito do que já tínhamos, mas que hoje não sabemos. Um pensamento decolonial é crucial durante todo o percurso acadêmico, lidando não só com as críticas aos cânones europeus, bem como enfatizando os pensadores não ocidentais (ALATAS; SINHA, 2017). Em razão de os clássicos carregarem sempre o papel de conhecedores, enquanto os não europeus ficam em segundo plano, são estes dados como meros objetos de estudos daqueles (ALATAS; SINHA, 2017). Logo, tornando-se óbvio o silenciamento feminino e o embranquecimento do currículo que visa permanecer na construção de uma sociedade nitidamente preconceituosa, machista e racista, colocando um tapete por cima, de quem é e sempre foi a base e estrutura das paredes sólidas deste corpo social.

Uma das possíveis soluções práticas é trazer abordagens pedagógicas eficazes com recurso e estratégias em sala de aula para promover a conscientização e inclusão, que

contribuam para a justiça social, desafiando estereótipos e preconceitos. Entre as estratégias para um ensino efetivo é essencial começar com um diálogo aberto e respeitoso, pois é fundamental para criar um ambiente seguro para discussões francas sobre raça, etnia e gênero, estimulando o respeito pelas diferentes perspectivas e experiências dos alunos. Sendo interessante fazer uso de recursos diversificados, utilizando uma variedade de materiais, como textos, filmes, obras de arte e testemunhos pessoais, para ilustrar a complexidade dessas relações e promover empatia. E para fornecer uma base sólida para a compreensão dos alunos e alunas, é atrativo sempre explicar e relembrar o contexto histórico das desigualdades, com uma abordagem interseccional, que destaque a interseção entre identidades, mostrando como raça, gênero e outras características se entrelaçam para criar experiências únicas. Todavia, como toda estrada, há algumas pedras e obstáculos a serem enfrentados.

5.1 DESAFIOS NO ENSINO

O primeiro destes desafios que possivelmente pode-se encontrar é a resistência e o desconforto, discutir esses tópicos pode gerar resistência por parte dos alunos, que podem se sentir desconfortáveis ao confrontar sua própria posição de privilégio ou as realidades das desigualdades. Não esquecendo que a falta de capacitação faz com que muitos educadores enfrentem desafios ao lidar com essas questões sensíveis se não estiverem adequadamente preparados, podendo reproduzir estereótipos ou minimizar a gravidade das injustiças. Outro desafio é a diversidade de experiências e vivências que os estudantes possuem em relação à raça, etnia e gênero, o que pode dificultar a criação de abordagens universais. De acordo com Nascimento (2020, p. 6):

Os educadores atuam de maneira significativa neste processo de aquisição de conhecimento podendo influenciar seja com suas palavras, seja com sua omissão e silêncio. Um dos maiores problemas aqui enfrentados é a omissão por não saber agir com as situações que se apresentam ou agir preconceituosamente e estereotipadamente. Atualmente, a dificuldade no âmbito escolar não é abordar essa história, mas problematizá-la e trabalhá-la de forma crítica, considerando que a opressão de mulheres e o estereótipo de família concebido não é algo que se configura como natural, mas uma “assimilação” resultante de um processo sócio-histórico-cultural. Passível, portanto, de desestabilização e transformação.

Por outro lado, existem possíveis soluções para a capacitação desse educadores, com recursos e estratégias que possibilitam quebrar essa barreira invisível que impedem que mulheres, principalmente negras, ascendam mais alto ultrapassando esse “teto de vidro”, gerando impacto na mentalidades de alunos e professores. Alatas e Sinha (2017, p. 5) propõem

a seguinte visão:

uma abordagem criativa à teoria sociológica seria uma que incorporasse os três objetivos interrelacionados seguintes: a) gerar consciência do “eurocentrismo” como tema e contexto que informa a teoria sociológica clássica; (b) separar o eurocêntrico dos aspectos universalistas da teoria clássica; e (c) introduzir pensadores e pensadoras sociais não ocidentais com o objetivo de universalizar o cânone.

Por fim, mais uma dificuldade no ensino da teoria sociológica que faz com que seja inevitável reorientá-lo, é o reconhecimento “que o eurocentrismo não é apenas encontrado nas escolas europeias, mas tem afetado o desenvolvimento das ciências sociais nas sociedades não ocidentais de várias de maneiras” (ALATAS; SINHA, 2017, p. 5-6). Dentre essas maneiras, segundo Syed Alatas e Vineeta Sinha (2017, p. 6), estão:

(I) A falta de conhecimento de nossas próprias histórias, como evidenciado em livros didáticos. Nos livros didáticos utilizados na Ásia e na África, tende a haver menos informação sobre essas partes do mundo, uma vez que são invariavelmente escritos nos Estados Unidos ou no Reino Unido. Por exemplo, sabemos mais sobre a vida cotidiana da família pré-moderna europeia do que sobre a nossa. Isso porque a sociologia surgiu no contexto da transição do feudalismo ao capitalismo e, portanto, o contexto histórico europeu é o que a define. O desenvolvimento normal é definido como uma passagem do feudalismo para o capitalismo, portanto, essa é a coisa normal a estudar. O objeto de estudo é definido por esse viés de desenvolvimento normal. Em nossas próprias sociedades, enquanto a prioridade também é estudar as sociedades modernas capitalistas, o problema é que começamos com as sociedades pré-capitalistas europeias e chamamos atenção para as nossas próprias sociedades pré-capitalistas, a fim de mostrar que elas constituíram obstáculos à modernização. (II) Por meio do eurocentrismo, são construídas imagens da nossa sociedade que passamos a considerar reais até que a academia eurocêntrica produza imagens alternativas que possam ser igualmente eurocêntricas. (III) A falta de teorização original. Por causa do dilúvio de trabalhos sobre teoria, metodologia e pesquisa empírica surgindo principalmente na América do Norte e na Europa, tem havido muito consumo de teorias, técnicas e agendas de investigação importadas.

Quebrar essas convenções é destruir paulatinamente as raízes de um dos grandes males da humanidade. A magia acontecerá com muito esforço, porque como disse Rita Lee “nem toda feiticeira é corcunda”, e ao reconhecer a invisibilidade e omissão causadas por esse sistema, a canção finalmente fluirá repleta das paridades devidas.

5.2 CONTEXTO E RELEVÂNCIA

Na Sociologia o que implica a um apagamento, seja de qual for o objeto/sujeito, constantemente resulta a algo ou alguém que pretendeu se beneficiar da omissão dessas minorias, assim como abundantes acontecimentos que já foram comprovados pela História. O

qual um deles, era a Caça às Bruxas pela chamada “Santa Inquisição”, onde mulheres foram levadas à fogueira não apenas por temor daqueles povos ou da igreja do diferente, pois o diferente surgia a todo tempo, mas por esse ser resultado de mulheres, daquelas às quais incessantemente pretenderam ocultar, limitando acessos e recursos, mas que mesmo assim, com tão pouco, adquiriram descobertas incríveis. Tinham medo do que mais elas podiam ser capazes. Daflon e Sorj (2021, p. 16), argumentam que:

a esfera pública das democracias modernas se apoiou na separação e no isolamento da esfera privada - um espaço socialmente designado para mulheres. Isso permitiu que diversas formas de exercício de poder no cotidiano a dominação de gênero, violência doméstica e a assimetria de oportunidades marcadas como assuntos privados e, portanto, excluídas das discussões pública e política.

Muitas das autoras e pensadoras aqui citadas foram marginalizadas, consideradas proibidas, e até mesmo malditas. No entanto, há aquelas que, com muita relutância, conseguiram ser amplamente difundidas (DAFLON; SORJ, 2021). A legitimidade dessas mulheres é atestada por sua presença expressiva na profusão de pesquisas recentes sobre o tema, que cada vez mais se comporta de forma crescente, sinalizando o contexto e a relevância em consenso em torno da Academia a seu respeito. E o papel que o currículo escolar exerce no universo desses estudantes aponta para um modelo de sociedade que perpetua meritocracia e racismo, refletindo os privilégios que as pessoas brancas possuem. Não generalizando, pois o reducionismo não cabe aqui, faz-se crítica a ele também. Contudo, é uma reprodução histórica enraizada. A reflexão sobre o racismo pode contribuir para a redução das vulnerabilidades de adolescentes e jovens em relação às violências, permitir visualizar como as variadas formas de opressão não são isoladas e se reforçam mutuamente. Nos corredores da escola ou até mesmo fora dela em algum momento já se ouviu falar sobre isso, nem que seja de forma ingênua, não percebendo toda a problemática envolvida. Os vestígios vez ou outra surgem, porém, a maioria não consegue identificar a ausência pela forma tão instituída que essa reprodução gerou internamente nelas.

Tratar sujeito ou coisa como algo proibido só instiga mais ainda a curiosidade sobre ele. Destinar um valor social a uma categoria minoritária sem quaisquer embasamento científico, só agrega mais ainda importância ao problema aqui fundamentado. Uma vez que “não podemos pretender compreender o mundo social sem prestar atenção ao gênero. E o contrário é igualmente verdadeiro: não podemos compreender gênero sem entender o mundo social” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 17). No que diz respeito à sapiência dessas mulheres, não resta dúvidas e já foi mais que atestado, mas como dizia Pagu "a satisfação intelectual não me basta...

a ação me faz falta!", sendo dever principalmente da Sociologia atribuir essas narrativas na esfera educativa. Afinal, é apontado pela própria Base Nacional Comum Curricular, que seu compromisso é obter “a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza” (BRASIL, 2018, p. 561). Cabendo do mesmo modo à escola contribuir para a construção de um referencial de ação, na perspectiva da igualdade, equidade e proteção dos Direitos Humanos.

5.3 O REFLEXO DOS IMPACTOS

Nem tudo que brilha é necessariamente bom ou precioso. Certamente você já ouviu alguma frase semelhante por aí, mais precisamente como “nem tudo que reluz é ouro”. E de fato, o reflexo dos impactos causados pelo *Teto de Vidro*, fenômeno que reflete “as várias barreiras simbólicas, impostas sutilmente - por isso ditas transparentes -, mas suficientemente fortes para impossibilitar a ascensão de mulheres aos mais altos postos da hierarquia organizacional” (SILVA, 2016, p. 15) ou demais posições de conquista, seja ela pessoal ou profissional, sobretudo de mulheres negras, devem ser vistos por meio de lentes interseccionais. São muitas as linhas que se cruzam aqui, raça/classe/gênero são apenas as consideradas “cores primárias” dessa lente. Podemos enxergar isso como nos foi ensinado na matemática, com a interseção de circunferências, onde dentre elas iremos encontrar também a orientação sexual, Pessoas com Deficiência (PcD), religião, aspectos físicos (gordofobia, tamanhismo), e até idade (incluindo o etarismo).

A gama de pesquisas e estudos com este tema, que reflete os impactos em múltiplas disciplinas, não só na Sociologia, é mais que prova, conferindo que SIM, há impactos refletidos pela falta de representatividade étnico-racial e do gênero feminino no currículo para com os discentes. Serão citadas aqui narrativas/dados oriundos de algumas das pesquisas prévias de campo revisadas documentalmente sobre o tema, não só para com os discentes do Ensino Médio, como também professoras pretas, na graduação e pós, e crianças na educação infantil. Exemplos na disciplina de Educação Física, Língua Portuguesa, bem como na área da Contabilidade e Química não foram descartados.

Uma pesquisa realizada com jovens de uma escola estadual situada em Uberlândia – Minas Gerais, intitulada “*Jovens Negras e A Sala De Aula: Caminhos Para Promover o Reconhecimento da Negritude Feminina por Meio do Ensino De Sociologia*”, demonstrou que,

com base nos dados da etnografia e das entrevistas realizadas com estudantes pretas, evidencia-se:

que, de fato, raça e gênero são marcadores sociais que se correlacionam e produzem problemáticas na construção da identidade étnico-racial de jovens negras em decorrência das opressões que se desdobram na realidade social desse público. No ambiente escolar, essas jovens ainda vivenciam as dimensões do racismo e a desigualdade de gênero, inclusive por parte do senso comum dos(as) educadores(as) que pouco problematizam esses fenômenos sociais e, conseqüentemente, os naturalizam. Desse modo, interseccionalidade representa um pressuposto primordial para que, por meio do Ensino de Sociologia, o reconhecimento da negritude feminina ocorra de forma menos tardia e as problemáticas de raça e gênero sejam debatidas de forma crítica em sala de aula [...] Diante da ausência desse debate no campo da Sociologia da Educação, é necessário construir um contexto de emergência do mesmo, a fim de transformar o cenário de invisibilidade teórica e social que envolve a vivência de jovens e mulheres negras (SOUSA, 2016, p. 8).

Mariana Sousa (2016) ainda destaca outras conseqüências que também se relacionam a construção de identidade, mas de forma mais objetiva, ela aponta que a busca pelo padrão estético predominantemente branco, faz com que as jovens negras neguem seus fenótipos, no que diz respeito aos cabelos crespos, nariz e boca. Não afirmando e se identificando étnico-racialmente. Sem contar que são “atingidas pelos efeitos da democracia racial que, por reforçar a ideia da ‘mistura das raças’, gera questionamentos de sujeitos negros sobre a essência de suas racialidades: ora são claros demais para serem negros, ora não são tão escuros para se autodeclararem como tal” (SOUSA, 2016, p. 185).

Já em uma pesquisa feita sobre a discriminação racial e pluralismo nas escolas públicas da cidade de São Paulo, Eliane Cavalleiro (2005, p. 83) trata das conseqüências da invisibilização no ambiente escolar no que diz respeito aos recursos pedagógicos afirmando que:

as ilustrações presentes nesses recursos pedagógicos, embora seja possível reconhecer personagens negros, são, em sua maioria, representações de personagens brancas. Decorrente desse quadro surge outro fator, o qual se depreende do processo de entrevistas: os profissionais não percebem que a disparidade nas representações de personagens negras e brancas pode ser fonte de rebaixamento de auto-estima e um facilitador para a construção de autoconceito negativo por parte das crianças negras. E, diametralmente, que pode ser fonte de construção de um sentimento de superioridade por parte das crianças brancas, pelo simples fato de terem a pele branca e fazerem parte, portanto, do grupo que constitui a maioria em ilustrações e referências culturais e históricas nesse tipo de material – o que sinaliza a referência de poder, beleza e inteligência.

Trazendo principalmente para meninas estudantes uma sensação de não pertencimento, assim como discorrido por Cavalleiro (2005, p. 69-70):

Aspectos do cotidiano escolar como currículo, material didático e relações interpessoais são hostis e limitadores de aprendizagem para os(as) alunos(as) negros(as). Nesses espaços, as ocorrências de tratamentos diferenciados podem conduzir, direta ou indiretamente, à exclusão deles(as) da escola, ou ainda, para os(as) que lá permanecem, à construção de um sentimento de inadequação ao sistema escolar e inferioridade racial. Como consequência, a população negra apresenta os piores indicadores educacionais nas taxas de analfabetismo [...] Em decorrência dessa educação discriminatória e, conseqüentemente, desigual, o baixo nível de escolaridade da população negra contribui para manter a sua exclusão do mercado de trabalho, agravada pelas constantes e intensas reatualizações do mundo contemporâneo. Acrescente-se a isso o fato de que os processos de seleção operam, por vezes, com intervenção da mentalidade racista. Valores negativos, como a inadequação, são atribuídos a pessoas negras, desqualificando-as para obter os postos de trabalhos mais elevados.

Desse modo, a escola acaba por contribuir ao invés de quebrar essas desigualdades, não cumprindo com seu papel de cidadania e preservação dos Direitos Humanos. E nesse sentido, no que se refere ao percurso acadêmico, uma pesquisa desenvolvida entre os meses de agosto de 2019 e junho de 2020 na cidade de Porto Velho, verificou-se os impactos de raça e gênero na trajetória acadêmica pautadas a partir de narrativas de uma professora preta. Eunice Johnson sofreu apagamentos e preconceitos durante sua caminhada, nunca recebendo o protagonismo devido. Na única Universidade pública do Estado de Rondônia, a qual ela teve extrema importância para sua fundação e que foi “estruturada tendo como ponto fundamental a titulação que só ela detinha no momento” (HILÁRIO; SANTOS, 2021, p. 1.630), ela não foi reconhecida nem mesmo na edição de comemoração do aniversário da Universidade, não sendo convidada nem citada em nenhuma das publicações feitas, apagada da história e memória da Universidade e seus estudantes (HILÁRIO; SANTOS, 2021).

Essa falta de representatividade na Academia também ocorre nas minhas vivências particulares, pois nesta própria universidade, a qual a conclusão deste trabalho se fornece, não há nenhuma professora negra nos cursos noturnos, nem de Ciências Sociais nem de Gestão Pública. O diretor e vice são homens brancos, e reitor, como de se esperar homem do mesmo modo. E o que mais me intrigava durante o período de todo o curso é que nenhum de meus colegas se questionou sobre isso a não ser quando indagado por mim. Até mesmo professores que possuem linhas de pesquisa e especializações nesta área sequer tocaram neste assunto. Já no Ensino Médio, dentre mais de 10 professores, tanto de conhecimentos gerais como técnicos, pois frequentei escola técnica federal, no Instituto Federal da Paraíba, apenas uma professora era negra, lecionando Geografia, porém pouco tempo depois transferiu-se. E no total de professoras no Ensino Médio tive somente três, duas na disciplina de geografia e uma na de química. Ou seja, nas áreas específicas do curso técnico de informática não havia nenhuma

mulher, os professores eram, no fim, majoritariamente homens e brancos. Apesar disso, muitos dos alunos eram negros e negras. Porém, o diretor e reitor eram homens.

Em vista disso, Hilário e Santos (2021), alegam que o espaço lugar afeta e interfere nas normativas para ingresso, permanência e visibilidade na Academia. Concluindo que:

essa reflexão vale retomar algumas das indagações que orientaram a coleta de dados para a pesquisa e a reflexão que se organizou a posteriori: já temos uma Reitora Preta na Universidade, mas sua presença não está refletida nem na divisão de cargos entre mulheres e homens e nem na assunção de pesquisadores e pesquisadoras pretas a cargo de direção e liderança. Os professores e as professoras pretas continuam sendo ponto de referência em seus respectivos departamentos: em uma “brincadeira” que traduz a perversão do pensamento colonial, se diz nos departamentos que a cota já foi cumprida. Refletir sobre como as pontuações a respeito de “brincadeiras” vêm refletidas desde a entrada da professora Eunice Johnson, ainda que a Universidade fosse estruturada tendo como ponto fundamental a titulação que só ela detinha no momento, apresenta os reflexos da exclusão e da não visibilidade destes corpos na Universidade. Mesmo na contemporaneidade, tendo em vista o percentual de pesquisas desenvolvidas envolvendo estas reflexões na Universidade: em um universo de 176 pesquisas envolvendo a temática no Mestrado Acadêmico em Educação, apenas oito abordavam temas relacionados a raça, representatividade e política de reparação. Ser cota em um espaço excludente é ser, além de resistência, alvo e, sendo alvo, toda repressão decai sobre si. (HILÁRIO; SANTOS, 2021, p. 1.630)

Outra pesquisa realizada em Minas Gerais, porém com crianças do primeiro ano, faixa etária de seis anos, sobre as temáticas relacionadas à gênero, raça e literatura infantil na educação escolar foram analisadas. Através de intervenções pedagógicas, oficinas, histórias e aulas dialogadas, produção de cartazes, recorte de gravuras, etc., foi possível inferir a cultura construída nas escolas e os demais elementos curriculares:

influenciam diretamente no processo de construção do conhecimento e desenvolvimento identitário das crianças. Verificou-se ainda a necessidade de posturas críticas ante aos conteúdos trabalhados na escola investigada. Mesmo considerando as limitações de tempo e recursos necessários para a realização do Plano de Ação, algumas crianças começaram a expor posturas mais críticas, questionando os padrões racistas, machistas e heteronormativos tão presentes na instituição investigada e nas demais relações que interferem na construção de suas identidades. Assim conclui-se que práticas pedagógicas cotidianas críticas contribuem para o processo da educação para a diversidade (ALBUQUERQUE, 2015, p. 4)

O que destacou-se nessa pesquisa foi a produção de cartazes e os diálogos com as crianças, onde o propósito era refletir sobre as representações sociais e de gênero construídas pelos mesmos. Nisso, um grupo remeteu papéis com profissões e afazeres domésticos à mulheres, o outro o oposto, propondo-se a dividir as atividades entre os homens e as mulheres, mas ao serem indagados foram contraditórios em suas respostas (ALBUQUERQUE, 2015). “É importante pensar que as crianças não conseguiam explicar o porquê de suas escolhas,

demonstrando a apropriação do discurso produzido pela família e pela escola” (ALBUQUERQUE, 2015, p. 27). Ao ler um trecho do livro infantil da *Branca de Neve*, em que os anões levam as obrigações domésticas somente a ela, na sua chegada a casa deles, ocorreu uma normalização das funções de casa e do trabalho infantil na obra, e conseqüentemente concordância das crianças a isso. Em seguida, ao dialogar com elas sobre esse trecho e os seus contextos familiares, percebeu-se essa reprodução de papéis, bem como a dupla jornada do trabalho feminino.

Outro exemplo que saliento, aproveitando o período político que acontece no tempo de desenvolvimento deste trabalho, é a representação feminina na política, que pode ser relacionado com os problemas apontados até aqui. Levando em conta até os dias atuais, questiono: Quantas prefeitas a sua cidade já teve? Ou quantas você conhece? E pretas? Ou prefeitos negros? O Brasil, claro, já teve uma presidenta e um homem preto. Nilo Peçanha era pardo, mas assumiu o cargo somente com a morte de Afonso Pena, pois na verdade era vice. Mas um país como o Brasil, conhecido por todos como multicultural e miscigenado, ter apenas um exemplo de cada, abrangendo tanto gênero quanto raça, é pouco. Pois, em uma sociedade que ainda qualifica as mulheres como passivas, dificilmente encontraremos uma mulher em altos cargos de poder, e além de tudo preta? Dificilmente.

Nas chamadas “ciências duras”, essa perspectiva de currículo também é apontada. Defende-se que esse olhar deve incidir para além das Ciências Humanas e Sociais. E as disciplinas que normalmente são associadas a este termo, por exemplo, a química, foi analisada por uma estudante de Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Cristiane Barbosa Soares realizou em 2020 um estudo designado *Interseccionalidade de gênero e raça na docência do ensino superior: representatividade, visibilidade e resistência*. Nele, o perfil de mulheres negras da instituição e a identificação das suas áreas de interesse e atuação, seja no âmbito da graduação e pós foram levados em consideração. Reverberando:

a invisibilidade das presenças das mulheres negras na docência superior, visto isto, ressaltamos a importância daquilo que historicamente as feministas negras vêm afirmando, é preciso nomear. Pois, se não é nomeado não é visto, não é pautado e não se discute nem se criam estratégias que colaborem para a reversão de um quadro de desigualdade. Portanto, é necessário tirar essas pautas da invisibilidade através do olhar interseccional para se romper com a universalidade que exclui. Entendemos que é essencial possibilitar o ingresso de mulheres negras no campo científico para transformar esses espaços e restituir humanidades historicamente negadas. No entanto, a representatividade vai além da presença das mulheres negras no espaço científico, visto os eixos de subordinação que as atingem centralmente, estar nestes espaços construídos pelas práticas e discursos dos homens brancos é romper as mazelas históricas que localizam as mulheres negras em situações depreciativas. E, já que o conhecimento é situado e socialmente construído, ao ocupar um espaço de

produção de conhecimento as mulheres negras tem a possibilidade de construir outras leituras de mundo que não produzam desigualdades baseadas em hierarquias raciais e de gênero. (SOARES, 2020, p. 108-109)

Apontando outro impacto refletido que atinge os próprios docentes. “Não mostrar as mulheres negras enquanto sujeito que produz conhecimento, é reiterar a estrutura branca e masculina do campo científico e sua a epistemologia dominante” (SOARES, 2020, p. 108). Enquanto que na Contabilidade, que não deixa de ser uma Ciência Social Aplicada, o cenário não é muito diferente. Sandra Silva (2016, p. 12) também discute as representatividades nessa área e suas consequências, onde:

Diante do exposto, e de um quadro de não acesso das mulheres a cargos de liderança, acredita-se que, em um processo de violência psíquica, o “discurso contábil” nega, particularmente à mulher negra – que ao longo de sua vida sofre três tipos específicos de discriminação: por ser mulher, por ser pobre, em sua maioria, e por ser negra – sua identidade como profissional habilitada para o exercício de suas funções, particularmente em espaços de poder e prestígio.

A disciplina de Educação Física também não escapa dessas consequências, repleta de preconceitos, “rechações” e discriminações que advém dessa espera pela interpretação “correta” de papéis de cada gênero. É altamente constante no esporte violências não só de gênero como raça, em que o futebol por exemplo é um clássico, palco do racismo, que estamos presenciando e assistindo cada vez mais frequentemente na televisão e entre outras mídias. Um estudo feito sobre as condutas naturalizadas nessa disciplina, aponta que se deve pluralizar as possibilidades de configuração das corporalidades dos sujeitos. Pois quando se trata de gênero não encontramos apenas o machismo como problema de desigualdade, a homofobia também é uma questão demasiadamente significativa, e em vista disso:

A partir de discussões geradas por dois grupos focais com estudantes universitários, homens e mulheres, o autor diagnosticou três formas com que a homofobia atinge o contexto esportivo no que se refere às experiências de atletas não heterossexuais. A homofobia afetiva (sentimentos de incômodo e rechaço para com gays e lésbicas); a homofobia cognitiva (concepções e crenças negativas sobre a homossexualidade); e a homofobia comportamental (ações direcionadas a pessoas ou práticas consideradas “homossexuais”, tais como: rechaço, xingamentos e agressões) são algumas das formas como o preconceito e a discriminação atingem atletas gays e lésbicas. No caso de atletas homossexuais o autor afirma que a musculatura, a agressividade, e a valentia são características consideradas como “inerentes” e “necessárias” ao esporte (RIBEIRO; ALTMANN; PRADO, 2016, p. 71).

Essa divisão de práticas corporais e/ou esportivas impostas como “masculinas” ou “femininas”, gera consequências negativas de atitudes e desvalorização em determinadas

modalidades. Por exemplo, a falta de apoio no futebol feminino é resultante dessa construção, ou até mesmo os homens ao praticarem ginástica artística, dança, balé principalmente, se protagonizadas por eles acarretam em ações não só intolerantes ao que é aceito como “normal” ou “apropriado”, como discriminatórias. E as habilidades corporais não possuem diretamente nenhuma ordem biológica, são as experiências vividas por esses meninos e meninas que determinam, em geral, um desempenho melhor ou pior (RIBEIRO; ALTMANN; PRADO, 2016). As práticas pedagógicas contribuem para reforçar as desigualdades sociais, especialmente quando deixamos de problematizar aquela fala, brincadeira, atitude ou conflito baseado nessa questão. Tais relações, de acordo com Ribeiro; Altmann e Prado (2016, p. 59), são “produzidas e reiteradas nas aulas desde a Educação Infantil, bem como produzem impactos na prática de atividades corporais na idade adulta, apontando que muitas ‘escolhas’ por práticas corporais podem traduzir-se em ‘determinações culturais’ que cabem ser problematizadas”. E não só isso, demonstra-se do mesmo modo que:

algumas das consequências escolares em relação à não adequação do sujeito ao gênero esperado socialmente. Ao investigarem as interfaces entre o *bullying* e as relações de gênero no contexto escolar junto a 95 estudantes do ensino fundamental de uma escola no interior do Rio Grande do Sul, relatam que os insultos e apelidos, mais comumente utilizados por meninos agressores, relacionam-se à suposta homossexualidade da vítima. Ou seja, uma perseguição instaurada pela crença da “não adequação” dos perseguidos à ordem normalista do gênero que prevê uma relação causal e ordenada entre o macho, a masculinidade e a heterossexualidade (RIBEIRO; ALTMANN; PRADO, 2016, p. 70)

É necessário ações coletivas, afirmativas, que contribuam mutuamente para a construção de saberes emancipatórios sobre os marcadores sociais. Planos de Ação que construam novas práticas, zelando cada processo e formação não só de professores, como de todo o corpo acadêmico. Reverberando novos projetos e compromissos firmados nos sistemas de ensino e chão das escolas, combatendo essa segregação social que reforça as relações de poder favoráveis à manutenção das desigualdades que caracterizam nossa estrutura social. Tornar cada vez mais visível essas formas de violência, que têm se tornado um fenômeno cada dia mais dilacerante, focando nas múltiplas faces e ligações em que ele se apresenta, sobretudo, na América Latina. Visto que a idolatria epistemológica colonial se faz presente em praticamente todas as áreas da educação, instituída às custas do extermínio físico e simbólico de Outros sujeitos e seus saberes, nesse privilégio epistêmico do homem branco ocidental. Por conseguinte, Ivana Freitas (2009, p. 68) fala a respeito da segregação sofrida por pessoas negras em materiais didáticos em sua dissertação, afirmando ser preciso:

combater a representação distorcida da população negra no livro didático bem como a omissão deste segmento. É necessário então observar o que o discurso do livro didático vincula, o que silencia, e por fim, quais as causas e conseqüências desse silenciamento. Pois em muitos casos o silêncio fala de forma precisa e contundente. Mais do que isso, esse silêncio pode ecoar signos de ódio e a omissão pode representar desejo de extermínio.

Freitas (2009) comenta que existe uma mensagem subliminar no apagamento, “esquecimento” e exclusão dos negros, seja em livros didáticos, ou revistas, *outdoors*, propagandas, etc., insinuando que negros não são bem-vindos, que não há “tipos” como os deles neste grupo, e nem os querem, com raízes no eugenismo:

Nesse sentido, é possível acreditar que há uma espécie —de cartell ou se preferirmos — “pacto de branquitude” no que se refere à representação distorcida da população negra brasileira no que se convencionou chamar de livro didático no Brasil. Esse posicionamento redundantemente eurocêntrico também perpassa a apresentação dos autores e conseqüentemente a forma como é construído o discurso do livro didático (FREITAS, 2009, p. 78).

Indo para o caminho das políticas públicas, em um artigo de Cláudia Vianna e Sandra Unbehau (2004), salienta-se a preocupação com o debate de gênero há mais de 20 anos atrás, e percebe-se que evoluímos engatinhando. Nele, mostra-se “que adotar a ótica de gênero para a análise dessas políticas permite avaliar como elas podem facilitar ou dificultar a aquisição de padrões democráticos, uma vez que a política educacional não tem um papel neutro, dissociado de preconceitos, entre os quais destacamos o de gênero” (VIANNA; UNBEHAUM, 2004, p. 77). Destacando um ponto que, para muitos, permanece igual décadas depois:

Poucas são as investigações que abordam o impacto da discriminação de gênero nas políticas públicas educacionais, tais como a persistência da discriminação contra as mulheres expressa em materiais didáticos e currículos, a limitação ao acesso à educação e permanência na escola, sobretudo das jovens grávidas, bem como o fracasso escolar que marca de maneira distinta a trajetória escolar de meninos e meninas. A escassez dessa abordagem espelha-se na raridade de análises densas sobre a discussão acerca da igualdade entre homens e mulheres prevista na Constituição Federal de 1988. As reflexões sobre o atual desenvolvimento de políticas educacionais e suas conseqüências para um sistema de ensino que reproduz de alguma maneira a desigualdade de gênero não foram ainda suficientemente desenvolvidas (VIANNA; UNBEHAUM, 2004, p. 78-79)

Assim, a neutralidade científica não é um caminho na metodologia educacional, até porque, como já foi citado, nem mesmo a política educacional tem um papel neutro ou os livros didáticos. Então, vamos aqui adotar como bell hooks (2017) almejou ensinar a todos nós, através de lentes interseccionais, que devemos desafiar o sistema de ensino tradicional, cabendo tudo isso aos educadores e pesquisadores transgredir e questionarem conceitos, métodos e atitudes hegemônicas. Propondo abordagens inclusivas, empoderando não só o povo negro, mas

indiscutivelmente as mulheres. No seu livro *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*, bell hooks (2017) além de apontar que essas ações transgressoras devem agir como forma de valorização, e não marginalização, da cultura e do povo preto, a autora confirma que as estruturas de poder, destacando o machismo, racismo e classismo, afetam SIM o sistema educacional, refletindo no processo de ensino e aprendizagem dos jovens discentes, e indo mais além: afetando seu cotidiano, sua vida adulta, seus sonhos, seus futuros (hooks, 2017). E mudar muitas vezes pode parecer limitado, restrito, que “não vai dar em nada”, mas ao levantar para partir à luta pela equidade de gênero e respeito à diversidade, lembre-se sempre de seus ancestrais, dos caminhos percorridos por eles para que você fosse a certeza de quem te plantou para ter uma colheita melhor, sendo a esperança e o agente da mudança que você deseja viver.

6 UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS

se.mi.nal

adjetivo de dois gêneros

1. relativo a semente (ex.: propagação seminal).

2. [FIGURADO]

que estimula novas criações, que traz novas ideias, gerador de novas obras; inspirador.

"obra s."

Partimos em conjunto nesta caminhada: estudante e professor, corpo docente e social, eu e você caro e cara leitora; que poderá ser lenta, gradativa, mas com um simbolismo e necessidade de urgência altamente atroz, digna de corrida olímpica. A largada não será muito fácil, porém essa estrada já esteve muito mais difícil, hoje ela se encontra digamos que “pavimentada” em boa parte de seu percurso. Encontraremos muitas pedras que podem ser ou aquela metáfora “tinha uma pedra no meio do caminho”, o famoso empecilho. Ou um bloco, tijolo, paralelepípedo, rocha... Fica a sua escolha! Que podem ser guardados para uma construção de algo mais sólido futuramente em sua chegada, se é que há chegada. Ou será que estamos construindo uma ponte? Bem, de toda forma sabe-se que construindo alguma fortaleza estamos, por mais complexa que ela aparente ser, será difícil agora, para ser mais fácil posteriormente para outros e outras.

Veja só, agora já temos leis: nº 10.639/03 e 11.645/2008, assim como o ERER e PNEERQ, que conseqüentemente apresentam-se na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que integra a Sociologia e demais disciplinas como Filosofia e História, apontados como “a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza” (BRASIL, 2018, p. 561). Todavia, o epistemicídio ainda está impregnado nos livros didáticos e salas de aula. Por mais que a *senhora* BNCC aponte o que se deve e como abordar pedagogicamente, o velho clichê aparece para nos assombrar: “teoria é diferente da prática”. Uma morte simbólica acontece dentro das escolas, como já li em algum lugar, no epistemicídio “a morte começa antes do tiro”. De acordo com Campos, Miranda e Palma (2024), “o racismo epistêmico, uma construção colonial, seria a inferiorização dos saberes/conhecimentos pertencentes a grupos racialmente discriminados. Sua consequência última seria o epistemicídio”. E o androcentrismo também pode ser considerado um tipo de morte nesse sentido. Um outro termo que entra em questão é a decolonialidade:

O termo decolonialidade emerge em uma escola de pensamento com forte expressão latino-americana e busca se afastar das epistemologias euro centradas e sua

pretensão de universalidade. A hegemonia ocidental na produção de conhecimento e cultura tem como base uma suposta superioridade europeia ocidental em detrimento dos povos colonizados e subalternizados nos processos de colonização desde a chegada dos povos europeus na América. Sendo assim, a decolonialidade é o descentramento epistêmico no mundo colonizado pelo padrão eurocêntrico (MIGNOLO, 2000 *apud* MAIOR, 2014, p. 20).

Todos esses termos e definições voltados à exclusão de grupos minoritários devem ser cruciais nas abordagens em sala de aula. São essas nomeações que representam aqueles que queimam a história desses povos marginalizados. E os docentes buscam, entre as cinzas do que restou ou se apagou de tais grupos, acendê-las novamente na memória dos jovens estudantes. São as pedras no caminho entre tantas outras que surgem e surgirão. A vista disso, para melhor compreensão, define-se o epistemicídio como:

a colonização, o assassinato e a recusa da produção de conhecimento de determinados povos, no caso brasileiro, o negro e indígena. [...] Em outras palavras, seria a negação da capacidade dos povos não brancos em produzir conhecimentos. É quando a morte simbólica antecede – e alimenta – o extermínio físico de coletividades (CAMPOS; MIRANDA, PALMA, 2024, p. 30)

Mas aqui, ao invés de matar ou deixar morrer esses conhecimentos, iremos semear toda e qualquer possível manifestação de sapiência periférica, seja ela esquecida ou escondida entre essas tantas formas de censura. Com propostas de materiais didáticos e métodos pedagógicos voltados para o currículo da Sociologia no ensino médio, espalharemos sementes nesse caminho, plantando um ensino inovador que fará germinar ideias revolucionárias em discentes que desejam e irão romper essas barreiras preconceituosas que só levam ao retrocesso. Pretende-se assim com este trabalho, que ele se caracterize como seminal, inspirando e estimulando outras pessoas a desabrochar novas perspectivas e percepções sobre o mundo e a sociedade. Florindo esses espaços secos e vazios, lacunas e sonhos roubados.

6.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Nas Ciências Sociais, para se escolher uma metodologia, deve-se primeiro entender e se perguntar qual o problema de pesquisa aqui apresentado: Buscar conhecer quais impactos a falta de representatividade étnico-racial e do gênero feminino no currículo gera na mentalidade e vida dos discentes. Por meio da análise do Androcentrismo e Eurocentrismo na Teoria Social e formação do currículo escolar do Ensino Médio, Mirian Goldenberg (2004, p. 14) aponta que “o que determina como trabalhar é o problema que se quer trabalhar: só se escolhe o caminho

quando se sabe aonde se quer chegar”. A partir disso, foi considerado o método qualitativo o mais adequado para efetivação deste trabalho e objetivo a ser alcançado. Essa escolha permitiu que se analisasse criticamente, levando a provocações e reflexões profundas, que por conseguinte conduziram a uma proposta de elaboração de material didático sobre o tema e suas correlações e impactos, com possibilidade de aplicação tanto no Ensino Médio bem como utilização nos cursos de graduação de Ciências Sociais em disciplinas específicas. Buscando assim propor um caminho para uma possível solução, uma tentativa para o problema em questão.

Dado que, com a pesquisa bibliográfica é possível analisar de maneira mais ampla um problema que já possui certa nitidez na construção de uma sociedade, perpetuado de inúmeras formas mas nem sempre enxergado de fato, que ao mesmo tempo que estão explícitos ali naqueles documentos, se tornam ocultos se não analisados e refletidos criteriosamente. Através de uma orientação teórica-metodológica com a pesquisa qualitativa documental, com revisões na literatura, obtém-se resultados em livros didáticos e dossiês, literaturas metodológicas e pedagógicas, relatos de experiências. Além de pesquisas, artigos e livros já publicados sobre tal tema, porém pouco disseminados, fazem com que se identifique o problema entendendo melhor a sua dimensão. Pois:

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc. (GOLDENBERG, 2004, p. 14).

Pretendeu-se, primordialmente, dar relevância e realizar a pesquisa com referências bibliográficas de autoria feminina, sobretudo fora do eixo europeu. Propondo-se a construção de materiais didáticos com arquivos auxiliares, das autoras apresentadas anteriormente, e seus respectivos temas de estudo, temas correlacionados. Materiais esses, que podem ser aplicados em turma do Ensino Médio, voltados substancialmente às turmas dos 2º e 3º anos, pelo seu nível de maturidade. Realizar essa pesquisa especificamente com alunos do Ensino Médio, trazendo uma proposta com estratégias didático-pedagógicas, é bastante válido, pois a Sociologia desempenha o cumprimento de seu papel em desenvolver “a exploração dessas questões sob uma perspectiva mais complexa” (BRASIL, 2018, p. 561), que segundo a BNCC é no Ensino Médio que torna-se possível

a maior capacidade cognitiva dos jovens, que lhes permite ampliar seu repertório conceitual e sua capacidade de articular informações e conhecimentos. O

desenvolvimento das capacidades de observação, memória e abstração permite percepções mais acuradas da realidade e raciocínios mais complexos – com base em um número maior de variáveis –, além de um domínio maior sobre diferentes linguagens, o que favorece os processos de simbolização e de abstração (BRASIL, 2018, p. 561)

Com isso, ao abordar sobre um tema tão importante e presente no dia a dia desses alunos, possibilita-se que a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas “favoreça o protagonismo juvenil investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens [...] e engajar-se em práticas cooperativas, para a formulação e resolução de problemas.” (BRASIL, 2018, p. 562).

Foram escolhidos como base três livros para a elaboração e construção do material pedagógico: *Como ser um Educador Antirracista*, da autora Bárbara Carine Pinheiro, que além de professora, é a idealizadora da primeira escola afro-brasileira do Brasil, a Escola Maria Felipa em Salvador - Bahia; *Diferentes, não Desiguais: a questão de Gênero na escola*, cujo autores são Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado e Michele Escoura, todos graduados em Ciências Sociais; e *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil*, o qual as autoras são Aryane Cararo e Duda Porto de Souza. Considerando crucialmente uma visão e pedagogia decoloniais, e narrativas de (re)existências de jovens estudantes negros na Licenciatura, que “contam suas próprias histórias formativas, se apoderam delas para produzir uma didática e uma pedagogia antirracista” (OLIVEIRA, A.; MOURA; OLIVEIRA, L., 2024, p. 51). Além de pesquisas sobre os desafios das abordagens sobre a construção do gênero nas aulas de Sociologia e suas implicações sociais para os estudantes do ensino médio. Com perspectivas feminista, antirracista, decolonial, interseccional e, que reflitam a branquitude e seus privilégios, apontando para um letramento racial. Que estimule a uma educação mais inclusiva e diversa/plural/cultural, que reflita sobre as relações étnico-raciais e de gênero no Ensino de Sociologia, voltada para a formação de educadores(as) e práticas educativas contra-hegemônicas.

No primeiro livro citado, *Como ser um Educador Antirracista*, como seu próprio título sugere, aponta caminhos para se combater o racismo em sala de aula. Afinal, a escola também é um espaço de reprodução das estruturas de opressão, e muita coisa pode ser feita para se combater tais mazelas. Pinheiro (2023) parte das experiências pedagógicas da Escola Afro-brasileira Maria Felipa, com um sumário rico em direções, atitudes e apoio para educadores – os quais ela enfatiza que se deve ter uma compreensão desde o início de que “todas as pessoas que atuam no interior de uma escola são educadoras e precisam ser formadas, não apenas professores/as” (PINHEIRO, 2023) – e suas concebíveis dúvidas. Partindo de tópicos que vão

desde *Um caso de racismo na escola: como atuar?*; *Aprender dói*; *Um conhecimento não facultativo*; *É preciso intelectualizar pessoas negras*; *Como pensar práticas antirracistas em sala de aula*; *Um mundo individualista e desumanizado*; *A filosofia Ubuntu: eu sou porque nós somos*; *A velhice em uma cultura de respeito*; *Um projeto pedagógico baseado em potências culturais*; *A proposta decolonial*; *Textos que estimulam o questionar*; *Diversidade não se constrói, se celebra!*; *A sociedade centrada no homem (branco)*; *Espaços de poder: reservados para alguns*; *A pedagogia da implosão*; *Combatendo a reprodução dos estigmas* [...] à discussão sobre cotas. Tópicos esses que já falam por si só, com abordagens onde a autora tenta nos guiar para ações de natureza prática, mas sempre ressaltando que seu livro não é um manual, e sim um caminho.

O segundo livro *Diferentes, não Desiguais*: a questão de Gênero na escola, que enfoca primeiramente em uma metodologia de informação para pessoas leigas, onde qualquer pessoa, seja ela professor/a ou não, pode se aprofundar um pouco sobre a problemática e luta por direitos na questão de gênero e suas consequências. Iniciando com o tema *Entre o azul e o cor-de-rosa: normas de gênero*, e sequencialmente com: *Gênero e o movimento pelos direitos das mulheres*; *Mulheres e seus direitos*; *Violência de gênero e a experiência da escola*; *Vamos falar de sexualidade*; *O que a família tem a ver com isso?* Seu apêndice possui um panorama de execução excelente, trazendo sugestões de como ajudar caso você seja tanto professor/a, como parte gestão e equipe técnica, acompanhada de várias tabelas com sugestões como apresentado na imagem abaixo. Em vista disso, para Oliveira, A., Moura e Oliveira, L. (2024) “Uma perspectiva de pedagogias decoloniais requer pensar e intervir na realidade a partir dos sujeitos subalternizados pela colonialidade, como indígenas, negros, mulheres, LBTTQIAP+ e outros marcadores das diferenças contrapostas às lógicas educativas hegemônicas”. Além das tabelas, há sugestões excepcionais de materiais audiovisuais e de leitura com sínteses que apontam o que cada uma dessas indicações tem a oferecer e seus significados e simbologias. Finalizando o livro com um glossário direcionando às palavras “novas” voltadas para o gênero.

Figura 8 - Tabela de Sugestões do Livro *Diferentes, não Desiguais*

SE VOCÊ ESTIVER DENTRO DA SALA DE AULA	SE VOCÊ ESTIVER FORA DA SALA DE AULA (GESTÃO E EQUIPE TÉCNICA)
<p>Fique atenta/o e evite repreender alguém com frases como "isso não é coisa de menino" ou "com- porte-se como uma menina". Se a/o estudante estiver fazendo algo fora das normas escolares, ela/ ele deve ser repreendida/o por seu ato, não por seu gênero. Use argumentos fora das normas de feminilidade e masculinidade. Caso a/o estudante esteja experimentando comportamentos considerados "normais" para o gênero oposto, faça disso uma oportunidade para desnaturalizar as diferenças sociais entre homens e mulheres com sua turma.</p>	<p>Articule com a gestão de seu município ou estado trabalhos conjuntos sobre a temática de gênero. Busque parcerias com secretarias de direitos humanos, de políticas para as mulheres ou de assistência social que possibilitem ações conjuntas: formações de professoras/es, distribuição de materiais informativos e palestras. É possível também fazer articulações com organizações da sociedade civil (ONGS) e movimentos sociais para garantir apoio no desenvolvimento de projetos educativos sobre a temática de gênero e desigualdades.</p>

Fonte: Livro *Diferentes, não Desiguais*

Por fim, o terceiro livro *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil*, é uma obra que realmente faz jus ao seu título. Apresentando mulheres históricas, porém ocultadas, e de grande relevância para a luta de seus direitos, de uma forma sutil e leve. Nele, tais mulheres são retratadas de maneira sucinta e perspicaz, com ilustrações criativas e modernas que chamam a atenção de qualquer leitor, principalmente de estudantes jovens. Dentre as revolucionárias citadas, tem-se: *Margarida Alves*, símbolo de resistência no campo; *Carolina Maria de Jesus*, voz da favela; *Pagu*, exemplo de militância modernista; *Indianara Siqueira*, ativista transformadora; *Sônia Guajajara*, líder dos povos indígenas brasileiros; *Djamila Ribeiro*, força do feminismo negro; *Felipa de Souza*, um símbolo da luta LGBTTIQAP+, cada uma delas com frases e *box* lateral com referenciais que instigam o aluno a pesquisar mais sobre. No final do livro há uma linha do tempo que sintetiza a passagem dessas mulheres discutidas na obra, e sua relevância na história do Brasil, relacionando a transformações sociais, lutas, leis e injustiças, que vai desde o século XVI ao século XXI, mais precisamente até o ano de 2016, com 6 páginas sequenciais.

Nesse sentido, a opção decolonial em educação, além da perspectiva militante, produz conhecimento pedagógico, tendo como fundamento procedimental a intervenção junto e com a realidade dos sujeitos envolvidos no processo educacional. Pedagogias decoloniais são um ato político intercultural, antirracista, antissexista, anti-homofóbico e contra todas as formas de exploração e opressão constituídas pela Modernidade/Colonialidade (OLIVEIRA, A.; MOURA; OLIVEIRA, L., 2024, p. 50)

Em relatos de jovens estudantes entre 24 e 27 anos do Rio de Janeiro, presentes em um

artigo sobre percurso formativo, *transgredir, insurgir e (re)existir*, destaco a voz de uma jovem negra e um indígena. Tais narrativas são bastante representativas “para realizamos uma breve reflexão sobre o combate ao racismo no ensino de Ciências Sociais, a partir de experiências locais, marcadas por fortes aprendizagens de quem sofreu na pele e no pensamento, as marcas coloniais de racialização do outro não europeu” (OLIVEIRA, A.; MOURA; OLIVEIRA, L., 2024, p. 56). É de suma importância que se analise criticamente as estruturas de poder que perpetuam a opressão das mulheres negras na América Latina. Desafiando as perspectivas feministas tradicionais, que muitas vezes ignoram ou marginalizam as experiências das mulheres negras. Pois qualquer movimento feminista verdadeiramente inclusivo deve levar em consideração as particularidades das mulheres negras, bem como Lélia Gonzalez (2020) nos apontou.

A jovem negra relata que sofria *bullying*, assim como os demais jovens também afirmaram, e que ambos só vieram perceber que aqueles episódios eram na verdade racismo quando adultos, anos depois. Ela conta que seu sonho na época era *sair* daquela escola para não passar mais por tais abusos. E ao chegar no Ensino Médio teve a necessidade de precisar trabalhar, o que aconteceu porém só por 4 meses, pois ela não possuía computador nem experiência, por ser de família baixa renda (OLIVEIRA, A.; MOURA; OLIVEIRA, L., 2024). Todas essas ocorrências que ela passou atrapalharam em seu aprendizado na escola, e isso comprova que “discutir as condições sociais em que a maioria das mulheres negras se encontram pode ser um fator impulsionador de mudança social e política” (SANTANA, 2024, p. 92).

No caso do rapaz indígena, as ocorrências de violência verbal e assédios também foram confundidas com *bullying* durante muito tempo. E foi justamente no Ensino Médio que esses acontecimentos se intensificaram e foram constantes. E infelizmente teve que abandonar os estudos para cuidar de seu irmão, que havia adoecido. Mas, mesmo assim, retomou seus estudos à noite na Educação de Jovens e Adultos – EJA, porque na parte da manhã procurava por emprego (OLIVEIRA, A.; MOURA; OLIVEIRA, L., 2024). Nisso, Oliveira, A.; Moura e Oliveira, L. (2024, p. 46), discorrem que “estes percursos formativos podem contribuir numa perspectiva decolonial na formação de educadores em Ciências Sociais como forma de transgressão, educação antirracista e insurgente”.

Gonzalez (2020) destaca a importância de reconhecer a diversidade dentro da comunidade negra e de entender as diferentes formas de opressão enfrentadas por mulheres afrodescendentes em toda a América Latina. Ela examina as relações entre raça, classe e gênero, destacando como essas interseções influenciam as experiências das mulheres negras e moldam

suas identidades e oportunidades. E a autorreflexão desses estudantes, os quais foram muito além daquilo que lhes foi permitido em seus lugares subalternizados permite a

construção de uma noção e visão pedagógica que se projeta muito além dos processos de ensino e de transmissão de saber, uma pedagogia concebida como política cultural, envolvendo não apenas os espaços educativos formais, mas também as organizações dos movimentos sociais (OLIVEIRA, A.; MOURA; OLIVEIRA, L., 2024, p. 49)

Com isso, o agir e pensar a partir dessas reflexões transforma, e é uma luta constante, com desafios como qualquer outra mudança exige. Precisamos, todos nós: docentes, técnicos, diretores, porteiro, merendeira, sociedade, “é aprender a desaprender para reaprender novas posturas, novas ações de luta, novas ideias para um bem viver” (OLIVEIRA, A.; MOURA; OLIVEIRA, L., 2024, p. 50). Desconstruir estereótipos e estigmas é uma tarefa de casa para todos nós, que perpetuará em um futuro próximo positivamente. E, o bem viver

é um princípio de convivência entre todos/as seres humanos, de convivência equilibrada com o outro e com o meio ambiente. Entre o povo Guarani, significa “bom proceder” (tekoporã). É um campo aberto, complexo e que não pode ser entendido somente como operações didáticas tradicionais escolarizadas ou institucionalizadas, mas em constante construção por parte de sujeitos coletivos (OLIVEIRA, A.; MOURA; OLIVEIRA, L., 2024, p. 50)

Ou seja, não basta fazer bem o trabalho dentro da instituição e do portão para fora agir totalmente diferente. Ou se portar de tal maneira apenas com algumas pessoas e com as demais o completo oposto. Discurso bonito e atitudes toscas. Aja de acordo com o que você prega, busque e queira intrinsecamente o bom proceder, sabendo que ele não é algo isolado, são um conjunto de condutas diversas que andam lado a lado, coexistem, coletivas. Seja um bom professor e seja antirracista antes de tudo, não seja apenas um professor antirracista e, fora dos muros da escola, uma pessoa preconceituosa. Você não deixa de ser professor fora da sala de aula, nem deixa de ser quem é dentro dela, os dois são um só. Alguns dirão que não se misturam, mas também não se diferem.

6.2 A CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO

Diga-me e eu esquecerei.

Ensine-me e eu me lembrarei.

Envolva-me e eu aprenderei.

– Anne with an E ♡ (2017)

Durante a construção dos recursos educativos para abordar as três autoras escolhidas previamente para inserção delas em sala de aula buscou-se, sobretudo, além de todas as bases de apoio e referenciais já citados acima, em especial levar em consideração a frase acima, bem como retornar a época de aluna, imaginando que tipo de conteúdo poderia ser mais atrativo e instigante no conjunto “abordagem e teoria”, para que se obtivesse uma maior absorção de conhecimento ali. Muitas vezes, em nosso papel como professores, esquecemos como foi ter aquela idade e como nos colocar no lugar desses adolescentes, afinal, todos já tivemos a idade deles e sabemos como é estar nessa fase da vida. Assim, pode-se encontrar mais abaixo, no apêndice, materiais didáticos com sequências de aula e slides de apoio elaborados nesse sentido, de transformar e abranger melhor a forma de aprender e analisar a sociedade sob uma ótica mais dinâmica e voltada para o cotidiano dos estudantes.

Os conteúdos programáticos e eixos temáticos, assim como os bimestres em que cada um pode ser tratado, ficam a critério do educador, podendo ser usados com diálogo transdisciplinar, conversando com outras matérias. Um exemplo disso é discutir Olive Schreiner com transdisciplinaridade a Biologia, com as suas contestações aos discursos racistas vindos de cientistas, que alegavam não só haver inferioridade de pessoas não europeias como também de gênero, afirmando que as mulheres eram inferiores. Desse modo, Olive na época insistiu que as desigualdades eram produto sim das relações sociais e não da biologia e, nesse sentido, ela dialoga com outras ciências. Outros pontos que podem ser debatidos em relação ao gênero e seguindo essa perspectiva é o demonstrado por Lins, Machado e Escoura (2016, p. 17):

Além da relação entre feminilização do magistério e a conseqüente desvalorização da profissão, há ainda muitas outras desigualdades de gênero operacionalizadas no espaço escolar. As normas e os estereótipos de gênero se reproduzem até mesmo nas disciplinas e nos conteúdos escolares. Nas aulas de biologia, por exemplo, aprendemos que a reprodução humana acontece a partir da corrida dos espermatozoides até o óvulo. Pesquisas na área de reprodução, contudo, mostram que a imagem do óvulo à espera da fecundação pelos espermatozoides está muito mais relacionada aos estereótipos de feminilidade (passiva) e masculinidade (ativa) do que ao processo biológico da fecundação.

Ainda fazendo uso de Olive como exemplo, pode-se discorrer sobre ela e sua obra *Mulher e Trabalho* conjuntamente a Karl Marx e o *Manifesto Comunista*. Na sequência de aula sobre ela, há indicação de reprodução de algumas músicas, que são interessantes para estimular os alunos ao assunto em questão, pois a música não é um fenômeno isolado, nela podem ser tratados inúmeros casos sociais até mesmo em apenas uma estrofe ou título. As músicas de

Baco Exu do Blues estão entre elas, e em uma de suas composições denominada *Autoestima*, a qual foi escolhida por retratar sobre o racismo estético, tema importante e muito atual nas mídias sociais, que estão ligadas aos jovens cada dia mais intensamente. Falar sobre autoestima envolve muitas nuances, bell hooks (2020) como professora, encontrou muitos “estudantes com a autoestima profundamente ferida”. Ela ainda complementa da seguinte maneira:

Essas feridas são sérios obstáculos para o aprendizado. Estão presentes tanto em estudantes com baixo índice de sucesso acadêmico, vindos ou não de grupos explorados e/ou oprimidos e possivelmente de famílias disfuncionais, quanto em estudantes que talvez tenham bastante confiança em sua inteligência, mas que provavelmente também venham de lares disfuncionais onde foram envergonhados e desrespeitados (hooks, 2020, p. 187).

Mas não só isso pode ser absorvido das artes de Baco Exu do Blues. Suas batidas, vestuários, o seu próprio nome, coreografias, etc., presentes em sua obra, a exemplo de seu álbum *Bluesman* e clipe “carrega uma crítica ao racismo religioso presente na sociedade brasileira, demonstrando como certa parcela da nossa população sofre violentamente com essa situação” (CAMPOS; MIRANDA, PALMA, 2024, p. 29). Introduzir artistas como este, torna a aula mais enriquecedora, pois além de ser contemporâneo e estar na *timeline* desses jovens, provoca estranhamentos que são necessários para que mais adiante aconteça a desnaturalização “bem como reinterpretações do contexto social influenciado pela hierarquia colonial e o cristianismo, estabelecendo um dos deveres da escola: garantir um ambiente voltado para relações de alteridade e de respeito à pluralidade religiosa” (CAMPOS; MIRANDA; PALMA, 2024, p. 40).

Outra estratégia presente nas sequências de aula são uma espécie de *seções temáticas*, que vez ou outra são inseridas nos slides de apoio. Os quais separam um momento da aula para abordar notícias em redes sociais muito utilizadas pelos estudantes, que parecem aleatórias mas na verdade não são, sendo uma maneira de atualizá-los devidamente e guiá-los para coleta correta de informação, relacionando aos temas da escola e norteando-os para que aprendam a construir de fato conhecimento e não apenas fiquem “pegando” informações sem nenhum embasamento ou fontes confiáveis, por exemplo. Além de incentivá-los a seguir perfis de notícias verificadas no *Instagram* ajudam e muito a não propagação de notícias falsas ou que eles próprios acreditem em tudo que é publicado na *internet*. Pois:

o universo amplamente acessado das redes sociais digitais muitas vezes favorece a construção de “certezas absolutas” e opiniões rígidas, mais do que propriamente ao debate de ideias e a valorização do contraditório. Alguns estudantes chegam em sala de aula fechados para as discussões ou, por outro lado, com a certeza de que já sabem tudo sobre o assunto (MAIOR, 2024, p. 17)

Esta seção descrita foi denominada apenas de *Atualidades*, e em uma das que se encontram no apêndice é possível encontrar *memes* que mesmo com seu lado cômico levam a muitas reflexões, principalmente os *memes* advindos do antigo *Twitter*, rede social que atualmente se chama *X*. Os chamados *memes* problematizam situações cotidianas com certa ironia, a exemplo do utilizado no material sobre todos termos as mesmas 24 horas, com uma captura de tela de um aplicativo de mapeamento demonstrando a diferença de tempo para uma certa localização comparada aos diversos meios de transporte. Que acaba discutindo tanto sobre desigualdades sociais como a de classe e até mesmo raça, bem como saúde mental. Para Silvia Maior (2024, p. 23) é importante:

Conectar as teorias sociológicas com as vivências e as opiniões particulares dos estudantes sobre as construções e relações de gênero na sociedade, fazendo-os refletir e propondo-lhes uma leitura crítica das diversas narrativas que circulam principalmente nas redes sociais e nos ambientes virtuais.

Por Olive tratar sobre o racismo em uma de suas obras é possível relacioná-la a estas diversas questões pontuadas, como também as mídias sociais que adentram no universo tecnológico desses adolescentes. Associando a esse tipo, há também uma atividade requerendo que os estudantes levem na próxima aula exemplos de objetos ou configurações tecnológicas que o incomodam na internet, direcionados aos seus corpos e rostos, os quais eles se sentem pressionados a fazer uso. Ou que sejam direcionados a terceiros, não diretamente ao sujeito, mas que eles próprios não acham correto. Fazendo um trocadilho entre dor e cor “A dor da cor”, problematiza-se filtros para fotos em aplicativos, maquiagens (ex. base), cor dos protetores solares e até bandaid, e procedimentos estéticos (ex. boca, nariz), que também se conectam à música *Autoestima*. Debatendo a simbologia que a ausência ou presença de tais exemplos significam para com a cor da pele negra. Problematizar isso é importante, pois há um tipo de preconceito presente aqui, uma exclusão. São reproduções, construções de um padrão em que há “peles negras com máscaras brancas”. Coisas as quais não foram pensadas para os negros, testados para tal pele. Parece bobo, mas é um exemplo simples e aparentemente minúsculo que vai além, levando a um nível de complexidade e profundidade que se espalha e afeta as pessoas de uma maneira grandiosamente absurda.

Elaborar estratégias didático-pedagógicas ou planos de aula não deveria ser algo chato e tão estático, remontando aos tempos da Escola Tradicional. Estamos no século XXI, Era Digital, da informação e tecnologia, os alunos não aprendiam o suficiente daquela forma naquela época, quem dirá nos dias atuais? Essa elaboração não só pode e como deveria se tornar

algo divertido e dinâmico para todos os educadores, como bell hooks (2020) nos ensinou em seu legado literário. A pedagogia engajada era o nome que buscava para a didática que pretendo praticar. Alguns podem dizer “*Ah, mas a teoria fica pouco difundida desta forma*”. Será? Pouco difundida para quem? Como os estudantes serão instigados a ter interesse pela busca do conhecimento senão adentrarmos no universo deles? “A pedagogia engajada é uma estratégia de ensino que tem por objetivo recuperar a vontade dos estudantes de pensar e a vontade de alcançar a total autorrealização. O foco central da pedagogia engajada é capacitar estudantes para pensar criticamente” (hooks, 2020, p. 30).

Uma outra seção que está incorporada no material didático é a nomeada *Extraordinárias: Mulheres que Revolucionaram o Brasil*, mesmo nome do livro de onde são retirados todos os referenciais desta seção. Que reúne mulheres brasileiras que marcaram a história do país, aproximando e demonstrando que essas heroínas e a própria história das lutas contra as desigualdades não se encontram tão distantes de nós. Dar exemplos brasileiros incentiva os alunos a se familiarizarem com conteúdos de sua própria origem, não se viciando a buscar exemplares internacionais, ou deixando de lado a sua própria cultura e apropriando-se de outras fora do seu eixo, se fechando apenas para estes, como filmes, músicas, artistas internacionais, entre outros. Nesse sentido, citaram as autoras do livro em questão que

Ao reunir estas histórias de vida, pudemos entender um pouco da nossa própria história, do que nos fez chegar até aqui, do que já conquistamos para nós lá atrás. E do que ainda temos de enfrentar, pois as conquistas, às vezes, são fios frágeis de uma costura complexa e trabalhosa que não se conclui de uma hora para outra. Colocando essas mulheres lado a lado, percebemos o quanto suas vidas se entrelaçam no tempo, no espírito ou nas convicções, e como séculos de história separam as mesmas reivindicações. Entendemos como cada uma foi vítima e embaixadora de sua época. Para seguir carreira, muitas tiveram de abdicar do casamento, para não serem proibidas de trabalhar pelos maridos (CARARO; SOUZA, 2018, p. 10).

Cada uma das sequências didáticas se dividem em duas aulas, mas podem ser modificadas ficando a critério do professor tanto a ordem, como onde desejam encaixar tal aula ou tema, bem como a quais dos anos do Ensino Médio destiná-las, sempre lembrando em levar em consideração a classificação indicativa dos filmes sugeridos. Pois não é um roteiro que deve ser seguido totalmente à risca, e sim uma proposta, um caminho a ser seguido mas que pode se transformar ao longo do seu percurso. Afinal, assim como as águas que correm no rio não são as mesmas, o caminho continua ali mas não permanece o mesmo para sempre, há algo novo a cada caminhada, seja uma pedra, flor, inseto, animal ou o próprio tempo. Cada autora tem como material de apoio slides de apresentação de até no máximo dez páginas, seguindo um padrão de identidade visual adotado para melhor atender e identificar a quais clássicas pertencem. Selos

para representação do projeto também foram desenvolvidos e estão carimbados nos materiais ou em marcas d'água, para estabelecer uma identificação e autoria da criadora. Podendo ser encontrados no apêndice B, o segundo selo que também representa todo o trabalho até aqui constituído se diferencia do primeiro por sua personalização ser mais abrangente e geral para a prática da disciplina de Sociologia com símbolos que estampam o conceito do projeto, enquanto o primeiro que está em uso em todos esses arquivos espelha o trabalho de conclusão em si, referentes a Academia, personalizado com a logomarca da Instituição.

As atividades/avaliações distribuídas em cada sequência são sugestões de uso livre que podem ser alteradas ou complementadas para as demais autoras, e com elas é possível trazer noções e informações elementares sobre determinado tema. Como no caso das atividades com recomendação de filmes, em que especificamente Ercília Nogueira Cobra por falar sobre o tema sexualidade, foi proposto um filme que em tradução livre denomina-se *Lindinhas*, por retratar a vida de um grupo de garotas menores de idade, sendo elas negras e brancas da periferia, o qual acaba envolvendo muitas outras problemáticas. Dentre elas, há o perigo da pré-adolescência desassistida que reflete sobre o que as pessoas muitas vezes parecem não querer enxergar, tratando como um tabu. Porém, pontua-se um outro lado, discutir sobre as críticas envolvidas ao filme. E esse em questão foi ameaçado de censura no Brasil pelo falso conservadorismo. Desse modo, indicou-se a leitura de uma coluna de jornal escrito por uma especialista no tema, psiquiatra e presidente da Associação Brasileira de Estudos em Medicina e Saúde Sexual. Carmita Abdo vai contra a censura do filme e o defende, alegando que “o filme é na verdade um forte alerta para uma sociedade que não ampara como deveria suas crianças”, e em seguida desbrava:

Se de um lado *Lindinhas* escancara a sexualização precoce, de outro apenas resvala em temas não menos relevantes e próprios da pré-adolescência, seja na periferia de Paris, seja nos quatro cantos do Brasil: estão no roteiro o *bullying* ou vínculos utilitários entre crianças; a prática de pequenos delitos e seus riscos; dramas familiares insolúveis; choque de culturas e conflito de gerações; sensação de desamparo doméstico e busca pelo suporte social; banalização da importância da menarca (primeira menstruação); fascínio pelas redes sociais e mau uso delas; premência em superar a falta de perspectiva; necessidade “tóxica” de sucesso e fama; indignação com a ordem patriarcal e identificação com a mulher (mãe) submetida ao homem, pela revolta e pelo sofrimento inconfessos (ABDO, 2020).

Fornecer de maneira singela mas profunda esses tipos de *insights* novos ou inesperados sobre determinado assunto ou desafiar suposições e teorias existentes para abrir novas direções e perspectivas sobre o conteúdo é interessantíssimo, e torna a aula muito mais atrativa.

Correlacionar com essas autoras músicas, filmes, memes, vídeos do *TikTok*⁶, e comentários de outras pessoas advindos de mídias sociais como o *Instagram*⁷ traz o aluno para a sala de aula e leva a aula para o cotidiano desses alunos. Sempre destacando a criticidade, pode-se levar a questionamentos como, ainda no quesito filme, o porquê aquele filme retrata sobre determinado eixo temático somente com mulheres brancas, ou o porquê de não colocarem como protagonista a atriz negra, não sentindo representatividade nisto. Ou ainda, que conexão existe entre a música utilizada em uma *publi* da influenciadora digital Malu Borges, branca e privilegiada, que já cedo era de classe média alta, com a marca a qual fez propaganda em um local elitizado com a letra “O meu lugar, é caminho de Ogum e Iansã, lá tem samba até de manhã, uma ginga em cada andar [...] É cercado de luta e suor, esperança num mundo melhor” de Arlindo Cruz, que fala sobre a comunidade de Madureira? Enxergar e debater esses tipos de *gafes* cometidas por pessoas da elite para ganhar dinheiro em cima de pautas importantes é crucial nos tempos de hoje, evitando o esvaziamento de pauta. Uma vez que:

A pedagogia engajada começa com o entendimento de que aprendemos melhor quando há interação entre estudante e professor. Como líderes e facilitadores, professores devem descobrir o que os estudantes sabem e o que precisam saber. Essa descoberta só acontece se os professores estiverem dispostos a engajar os estudantes para além da superficialidade (hooks, 2020, p. 43).

No caso de Pandita Ramabai Sarasvati (DAFLON; SORJ, 2021), repleta de argumentações em várias áreas de conteúdo como o patriarcado, religião, machismo, violência, manutenção de sistemas, política e classe, é possível introduzir tantos exemplos de modo holístico, como a menção de conflitos por território revestido de justificativas religiosas distorcidas para oprimir minorias, como os exemplificados em sua sequência de aula. Em sua atividade direcionada a criação de uma charge relacionada a esses conflitos, é requerido que o papel da mulher neste sistema infame de violência em tais países seja retratado se voltando a elas. Considerando as desigualdades de gênero já acometidas a todas nós por sermos mulheres, que triplicam o sofrimento quando se embarca em um país com uma cultura tão misógina. E Ramabai mesmo não tendo tido uma educação formal, sendo educada pelos pais, se tornou uma erudita que enfrentou o sistema bravamente, agraciada com dois títulos: Pandita, cujo significado é “eminente estudiosa e professora”; e Sarasvati, por ser vista como uma encarnação

⁶ Aplicativo de rede social que permite a interação entre os seus usuários apenas com compartilhamento de vídeos curtos ou transmissões ao vivo e seus respectivos comentários às publicações. Em que o engajamento de seus vídeos se destacam com facilidade seguindo tendências que se baseiam muitas vezes em músicas.

⁷ Plataforma que permite o compartilhamento de fotos, vídeos, notícias, textos, entre várias outras informações, socialmente. Permitindo a criação de conteúdos, e comentários em cada publicação.

atual da deusa hindu da aprendizagem, que recebia o mesmo nome (ALATAS; SINHA, 2017). Provando que uma mulher com ainda mais conhecimento é uma criatura perigosa. E na pedagogia engajada ressalta-se “a importância do pensamento independente e de cada estudante encontrar sua voz, que é única, esse reconhecimento geralmente empodera os estudantes” (hooks, 2020, p. 46).

E com toda certeza, as ciências sociais assim como a disciplina de Sociologia, “ganharia muito se incorporasse estas autoras nos seus cursos regulares, tanto pelo ponto de vista que trazem sobre as sociedades em que viveram como pela qualidade dos trabalhos que nos legaram” (CANDIDO; DAFLON, 2017, p. 9), frase dita por Bila Sorj, socióloga e pioneira dos estudos de gênero no Brasil, em entrevista. Que esses recursos educativos evoquem a memória dessas mulheres pensadoras sociais e entre muitas outras, que resistamos, por mais que resistir seja cansativo. Que então cheguemos a um nível de convivência que o resistir não seja mais preciso. Pois, desde cedo, garotas aprendem a mirar baixo, e que mirar alto é para homens. Que quebre os grilhões que ainda nos impedem de alar. Porque este trabalho não acaba aqui.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, através de uma orientação teórica-metodológica com a pesquisa qualitativa documental, com revisões na literatura, obtém-se a constatação da influência do androcentrismo e eurocentrismo na formação do que se tem hoje do currículo. Isso contribui para o surgimento de muitos dos desafios presentes no ensino, a exemplo de temas sensíveis voltados às relações étnico-raciais e de gênero, pois há resistência e conflito de ideias, falta de conhecimento prévio de temas desse tipo, superficialidade na abordagem, ausência de inclusão, e não valorização das diferentes perspectivas existentes. E ao trazer as abordagens pedagógicas até aqui apresentadas, será possível promover a conscientização e inclusão, uma vez que o estudo dessas relações permite que os alunos reconheçam a existência de privilégios e desvantagens baseados na identidade étnico-racial e de gênero, incentivando uma visão crítica da sociedade. Contribuindo essencialmente para a justiça social, dado que a compreensão das desigualdades étnico-raciais e de gênero motiva os alunos a se envolverem em ações de justiça social e a trabalhar para a construção de uma sociedade mais igualitária, assim como desafiando estereótipos e preconceitos ao analisar as construções sociais de raça e gênero, os alunos podem identificar e questionar estereótipos prejudiciais e preconceitos arraigados em nossa cultura.

Pois a ausência do feminino no currículo estimula com maior impulso a cultura machista e o racismo estrutural, se tornando mais um dos obstáculos existentes para luta contra esses “ideais”. Além de não influenciar meninas, as estudantes do ensino médio em questão, a se inspirarem em outras mulheres neste campo, pois elas não aparecem, são apagadas. As consequências do androcentrismo e eurocentrismo estão muito presentes na constituição da nossa sociedade, sendo a sua própria estrutura. E o currículo possui correlação com o empoderamento das mulheres, e a falta de representatividade de mulheres nesse quesito é muito alta, e quando se fala de mulheres negras mais ainda. Refletir sobre as relações étnico-raciais e de gênero no ensino é de extrema relevância, pois a construção social de gênero começa por todos os lados, e principalmente na escola, onde essas alunas passam boa parte de suas vidas. E a Sociologia deve ser uma das primeiras a problematizar isso e aplicar em seu método de ensino.

Não abordar sobre essas mulheres que também fizeram parte da história no currículo escolar, seja na própria disciplina de história, ou na teoria social, entre outras disciplinas, faz com que essas jovens não se sintam incluídas de fato na sociedade. Acarretando diversificados impactos tanto nas gerações atuais, como nas gerações vindouras. A exemplo da não visibilidade das mulheres, sobretudo negras, implica em desigualdades e discriminação,

impactando diretamente em seu cotidiano, como a aceitação, atrasando a sua inspiração ao ativismo, sua narrativa. E resultando também como consequência em sua carreira, pois o estereótipo de gênero gera uma ideia de que mulheres têm mais inclinação para área de cuidado, justamente por essa cultura presente no sistema e no próprio currículo desde muito cedo. Assim, a porcentagem de mulheres nas áreas das exatas, ciências e tecnologia é muito baixa.

Isto posto, a relevância e o contexto dessa abordagem causa uma construção social saudável com entrelaçamento de identidades, diálogo e escuta ativa, sensibilidade cultural e autoconsciência, estimulando a reflexão crítica cada vez mais, inspirando o ativismo, além de fomentar a empatia. Valorizar as diferentes perspectivas promove a inclusão na sala de aula, criando um ambiente de mais respeito e segurança, preparando desde já para os desafios futuros no enfrentamento de resistências persistentes.

REFERÊNCIAS

- ABDO, Carmita. ‘Lindinhas’, da Netflix: assista antes de condenar. **Veja Abril**. [S. l.], 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/lindinhas-da-netflix-assista-antes-de-condenar>>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- ALATAS, Syed Farid; SINHA, Vineeta. **Sociological Theory Beyond the Cannon**. Tradução: Bárbara Vítor. Londres: Palgrave Macmillan, 2017.
- ALATAS, Syed Farid; SINHA, Vineeta. **A Teoria Sociológica Para Além do Cânone**. Tradução: Luciana Pudenzi. São Paulo: Funilaria, 2023.
- ALBUQUERQUE, Luciana Catalão de. **As Construções das Representações Sociais de Gênero e Raça na Literatura Infantil**. Monografia (Especialização). UFMG, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-ADSKGE>>. Acesso em: 05 set. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2024.
- CAMPOS, Fernanda Cecília Alves Gonçalves de; MIRANDA, Natália da Silva; PALMA, Rogério da. Exu Não é Satã: o rap nacional e o combate ao racismo religioso nas aulas de Sociologia. **Revista Café com Sociologia**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 26–43, 2024. Disponível em: <<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1443>>. Acesso em: 05 ago. 2024.
- CANDIDO, Marcia Rangel; DAFLON, Verônica Toste. Bila Sorj: socióloga e pioneira dos estudos de gênero no Brasil. **Caderno de Estudos Sociais e Políticos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 8-9, 2017. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/CESP/article/view/32841>>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- CARARO, Aryane; SOUZA, Duda Porto de. **Extraordinárias: Mulheres que Revolucionaram o Brasil**. São Paulo: Seguinte, 2018.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Discriminação Racial e Pluralismo nas Escolas Públicas da cidade de São Paulo**. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume2_educacao_anti_racista_caminhos_abertos_pela_lei_federal_10639_2003.pdf>. Acesso em: 09 set. 2024.
- CONNELL, Raewyn. **Southern Theory: The Global Dynamics of Knowledge in Social Science**. *Crows Nest: Allen & Unwin*, 2007.
- CONNELL, Raewyn. A Iminente Revolução na Teoria Social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 09–20, out. 2012.

CULTURA, TV. **Fundação Padre Anchieta** - TV Cultura Uol . Zenaide Silva Quer Introduzir Conhecimentos de Afrocentricidade (bloco 1 - 3), 25 abr. 2011. Disponível em: <<https://tvcultura.com.br/busca/?q=zenaide>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. **Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

DAMÁSIO, Ana Clara. 20 anos da lei 10.639: Sociologia, Educação e Ensino Étnico-racial: entrevista realizada com Marcelo Cigales. **Revista Café com Sociologia**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 131–141, 2024. Disponível em: <<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1420>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

FARES, Khadyg. A Volta do Manto Tupinambá: restituição e colonialismo interno. **C& América Latina, Brasil**, 2024. Disponível em: <<https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/the-return-of-the-tupinamba-cloak-restitution-and-internal-colonialism/>>. Acesso em: 26 jul. 2024

FERNANDES, Fernanda. A História da Educação Feminina. **MultiRio**, 2019. Disponível em: <<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina>>. Acesso em: 05 set. 2023.

FREITAS, Ivana Silva. **A Cor da Metáfora: O racismo no livro didático de Língua Portuguesa**. Dissertação (Mestrado). UFPB – CCHLA. JOÃO PESSOA, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6312>>. Acesso em: 29 ago. 2024.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONZALEZ, Lélia. **Por Um Feminismo Afro-Latino-Americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HILÁRIO, Rosângela Aparecida; SANTOS, Vinicius de Souza. Interseccionalidade, Educação e Representatividade: O Impacto de Raça e Gênero no Percurso Acadêmico. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 1610–1632, 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/riac/article/view/54677>>. Acesso em: 05 set. 2024.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando o Pensamento Crítico: sabedoria prática**. Tradução: Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HUNTY, Rita von. **Tempero Drag: 15 Intelectuais - Aspásia de Mileto**, 25 mai. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-uAkNa2kYt4>>. Acesso em: 22 jul. 2024.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Blocos Econômicos - Países membros do G20. **Atlas Escolar**, 2024. Disponível em: <<https://atlascolar.ibge.gov.br/mundo/3014-espaco-economico/blocos-economicos.html>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não Desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Reviravolta, 2016.

MAIOR, Silvia Mello Souto. Os Desafios das Abordagens sobre a Construção do Gênero na aula de Sociologia e as suas Implicações Sociais para Estudantes do Ensino Médio. **Revista Café com Sociologia**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 16–25, 2024. Disponível em: <<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1450>>. Acesso em: 05 ago. 2024.

MEC, Ministério da Educação. Dia da Mulher: mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica. **Ministério da Educação (Brasil)**, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>>. Acesso em: 10 set. 2023.

MEC, Ministério da Educação. MEC cria Política Nacional de Equidade na educação. **Ministério da Educação (Brasil)**, 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/maio/mec-cria-politica-nacional-de-equidade-na-educacao>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

NASCIMENTO, Dulcilene Ribeiro Soares. Androcentrismo, A Construção da Dominação Cultural Masculina. **Cognitionis**, [S. l.], v. 3, n. 1, n. p, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://revista.cognitionis.org/index.php/cogn/article/view/52/50>>. Acesso em: 05 set. 2023.

OLIVEIRA, Alice Xavier Marques de; MOURA, Diogo da Hora; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Percurso Formativo Decolonial: transgredir, insurgir e (re)existir. **Revista Café com Sociologia**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 45–60, 2024. Disponível em: <<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1476>>. Acesso em: 06 ago. 2024.

ONU, Organização das Nações Unidas – ONU: 90% da população mundial tem algum preconceito contra mulheres. **Onu News**, 2023. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2023/06/1815832>>. Acesso em: 27 set. 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como Ser um Educador Antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda; ALTMANN, Helena; PRADO, Vagner Matias do. Condutas Naturalizadas na Educação Física: uma questão de gênero? **Currículo sem Fronteiras**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 59-77, 2016. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180423022537id_/http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss1articles/prado-altmann-ribeiro.pdf>. Acesso em 04 ago. 2024.

RIBEIRO, Djamila (coord.); ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTANA, Maíra Honorato Marques de. Apontamentos sobre o Ensino de Sociologia e o Feminismo Negro: interseccionalidade, sociologia e interpretação da sociedade brasileira. **Revista Café com Sociologia**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 82–95, 2024. Disponível em: <<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1467>>. Acesso

em: 02 ago. 2024.

SILVA, Sandra Maria Cerqueira da. **Tetos de Vitrais: gênero e raça na contabilidade no Brasil**. Tese (Doutorado). USP, 2016. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-03082016-111152/en.php>>. Acesso em: 27 ago. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Cristiane Barbosa. **Interseccionalidade de Gênero e Raça na Docência do Ensino Superior: representatividade, visibilidade e resistência**. Dissertação (Mestrado). UNIPAMPA, 2020. Disponível em: <<https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/5438>>. Acesso em: 01 set. 2024.

SOUSA, Mariana Alves de Sousa. **Jovens Negras e a Sala de Aula: caminhos para promover o reconhecimento da negritude feminina por meio do Ensino de Sociologia**. Dissertação (Mestrado). UNESP, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/items/69fb06d9-80f5-4db8-b049-aff927a8ba6d>>. Acesso em: 03 set. 2024.

VIANNA, Cláudia Pereira; UNBEHAUM, Sandra. O Gênero nas Políticas Públicas de Educação no Brasil: 1988-2002. **Cadernos de Pesquisa**, [S. l.], v. 34, n. 121, p. 77–104, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/KT99NbZ5MFVHHmSm4kwRVGN/>>. Acesso em: 03 set. 2024.

APÊNDICE A – SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS



OLIVE SCHREINER

RIBEIRO, Dayanne de Melo. **A ALEXANDRIA FEMININA – UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS NA SOCIOLOGIA: o androcentrismo e eurocentrismo na formação do currículo escolar.** 2024. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande – Campus Sumé – Paraíba, 2024.

PLÁGIO É CRIME! REFERENCIE.

LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

e-mail: dayanne.sax100@gmail.com

DOCENTE: Dayanne de Melo Ribeiro	SÉRIE: 2º e 3º ano – Ensino Médio	DISCIPLINA: Sociologia
BIMESTRE: (a critério do/a professor/a)	DURAÇÃO: 50 min.	TURNO: Matutino/Vespertino /Noturno/Integral
EIXO TEMÁTICO (sugestões): 1. Globalização; 2. Mundo do Trabalho e Reestruturação Produtiva; 3. Cidadania e Direitos; 4. Cultura 5. Mídia no Capitalismo globalizado.		CONTEÚDOS (sugestões): 1.1 Movimentos Sociais. 2.1 O trabalho para Marx; As classes e os estratos sociais no século XX. 3.1 Cidadania; 3.2 Direitos humanos e seus pilares; 3.3 Liberdade; 3.4 Luta por direitos; 3.5 Desigualdades estruturais. 4.1 Cultura, etnocentrismo e relativismo; 4.2 Padrões culturais; 4.3 O conceito de cultura no século XX; 4.4 O conceito de cultura no século XXI; 4.5 A escravidão e a questão racial; 4.6 Sociologia Brasileira. 5.1 Poder, Sociedade e Mídia; 5.2 Mercantilização cultural e saturação midiática; 5.3 Cultura da mídia e controle social; 5.4 Cultura, Ideologia e Identidade cultural no século XXI.
OBJETIVO GERAL:		
<p>Propiciar a compreensão dos problemas sociais existentes, assim como o eurocentrismo e androcentrismo presentes em nossa sociedade e suas consequências, e estabelecer relações entre esses conteúdos abordados em sala com o cotidiano, para desenvolver pensamento e análise crítica às diversas temáticas.</p>		
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:		

- Entender os aspectos sociais decorrentes das desigualdades na relação econômica, política e cultural da sociedade capitalista;
- Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária;
- Compreender a problemática em torno da produção de estereótipos.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES:

Competências:

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Habilidades:

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

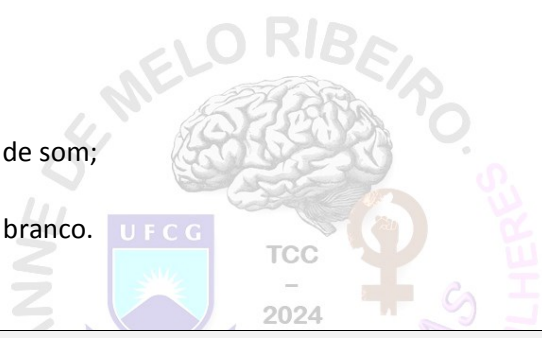
(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA		
AULA 1 – 15/10/2024		
EIXO TEMÁTICO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)	CONTEÚDO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)	
OBJETIVOS:		
<p>Entender os aspectos sociais decorrentes das desigualdades na relação econômica, política e cultural da sociedade capitalista; Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária.</p>		
RECURSOS DIDÁTICOS:		
<ul style="list-style-type: none"> ● Produções textuais; ● Vídeo; ● Aparelho de som; ● Projetor; ● Notebook; ● Cabo HDMI, VGA e de som; ● Apagador; ● Pincel para quadro branco. 		
PROCEDIMENTO (METODOLOGIA):		
INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	FECHAMENTO
<p>Abordar sucintamente a vida e obra de Olive Schreiner, contextualizando o tema do racismo a partir de sua insistência de que as desigualdades eram produto das relações sociais e não da biologia na sua época. Relatada por uma voz que viveu intrinsecamente aquele período, e sofreu. Possibilitando uma visão amplamente diferente baseada e contada pelos que arcaram com tais opressões e não por seus agressores.</p> <p style="text-align: center;">(20 min.)</p>	<p>Seguidamente, apresentar músicas dos artistas <i>Iza - Fé</i> e <i>Baco Exu do Blues - Autoestima</i>, correlacionando com os <i>insights</i> que se comunicam com perspectivas construtivistas contemporâneas sobre gênero, raça e ciência apresentados por Olive. Pontuando as simbologias presentes nos clipes musicais, bem como na produção dos álbuns e vestimentas dos cantores e suas representações. Com apoio extra do artigo de Campos; Miranda e Palma (2024).</p> <p style="text-align: center;">(20 min.)</p>	<p>Finalizar com análise das letras de cada música, com comentários livres dos estudantes e suas opiniões sobre o tema, mais repasse da atividade complementar.</p> <p style="text-align: center;">(10 min.)</p>
ATIVIDADES:		AVALIAÇÃO:

<p>Trazer na próxima aula exemplos de objetos ou configurações tecnológicas que o incomodam na internet, direcionados aos seus corpos e rostos, os quais eles se sentem pressionados a fazer uso. Ou que sejam direcionados a terceiros, não diretamente ao sujeito, mas que eles próprios não acham correto.</p>	<p>Produção textual de até uma lauda, para casa, sobre os motivos que o levam a se sentirem incomodados sobre tais exemplos da atividade em questão, avaliando o aprofundamento e relação com o tema abordado em sala.</p>	
REFERÊNCIAS:		
<p>BLUES, Baco Exu do. Autoestima. Rio de Janeiro: 999 · Altafonte, 2022. Plataforma Digital (02:53 min.).</p> <p>CAMPOS, Fernanda Cecília Alves Gonçalves de; MIRANDA, Natália da Silva; PALMA, Rogério da. Exu não é satã: o rap nacional e o combate ao racismo religioso nas aulas de Sociologia. Revista Café com Sociologia, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 26–43, 2024. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1443>. Acesso em: 05 ago. 2024.</p> <p>DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>IZA. Fé. [s. l.]: Warner, 2022. Plataforma Digital (03:05 min.).</p> <p>NACCA, Giovana. IZA evoca as representações de Afrodite para falar de amor em seu novo. Arte Que Acontece, 2023. Disponível em: <https://www.artequaeacontece.com.br/iza-evoca-as-representacoes-de-afrodite-para-falar-de-amor-em-seu-novo-album/>. Acesso em: 07 ago. 2024.</p>		
AULA 2 – 22/10/2024		
<p>EIXO TEMÁTICO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)</p>	<p>CONTEÚDO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)</p>	
OBJETIVOS:		
<p>Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária; Compreender a problemática em torno da produção de estereótipos.</p>		
RECURSOS DIDÁTICOS:		
<ul style="list-style-type: none"> ● Produções Textuais; ● Vídeo; ● Aparelho de som; ● Projetor; ● Notebook; ● Cabo HDMI, VGA e de som; ● Apagador; ● Pincel para quadro branco. 		
PROCEDIMENTO (METODOLOGIA):		
INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	FECHAMENTO

<p>Discutir e refletir os resultados das respostas obtidas de cada estudante na atividade repassada na última aula mediando com o livro <i>Como ser Um Educador Antirracista e Diferentes não Desiguais</i>.</p> <p>(15 min.)</p>	<p>Relembrar brevemente o que foi passado na última aula sobre Olive Schreiner e apresentar trechos de uma de suas obras <i>Mulher e Trabalho (1911)</i>, problematizando as questões sociais, de gênero e raça elencados na produção textual. E indicar filme <i>As Sufragistas</i> para que correlacionem com o que foi debatido, instigando-os com o trailer do próprio.</p> <p>(20 min.)</p>	<p>Espaço para apresentação de <i>Mulheres que revolucionaram o Brasil</i>: trazendo neste episódio - buscando sempre relacionar com o eixo temático - Carolina Maria de Jesus vida e obra; e Djamila Ribeiro e seu ativismo no meio digital: a <i>internet</i>. Baseando-se no livro <i>Extraordinárias</i>.</p> <p>(15 min.)</p>
<p>ATIVIDADES:</p>		<p>AVALIAÇÃO:</p>
<p>Além de propor que assistam ao filme <i>As Sufragistas</i>, também recomendar que vejam <i>Eu Não Sou um Homem Fácil</i>.</p>	<p>Solicitar que relatem no mínimo 3 cenas que o chamaram atenção associando ao tema debatido em sala. Ressaltando para que indiquem em minutos onde se encontram tais cenas do filme. [desse modo fará com que eles de fato assistam e não busquem resumos na <i>internet</i>.] Considerando assim o nível de aprofundamento de cada um e suas conexões entre a teoria discutida e a “prática” presente no cotidiano dos mesmos.</p>	
<p>REFERÊNCIAS:</p>		
<p>AS Sufragistas. Direção: Sarah Gavron. Produção de Alison Owen, Faye Ward. Reino Unido: Pathé; Film 4 BFI; Ingenious Media; Canal+; Ciné+; Ruby Films, 2015. <i>Streaming</i> (106 min.).</p> <p>CARARO, Aryane; SOUZA, Duda Porto de. Extraordinárias: Mulheres que Revolucionaram o Brasil. São Paulo: Seguinte, 2018.</p> <p>DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>EU Não Sou Um Homem Fácil. Direção: Éléonore Pourriat. Produção: Eleonore Daily, Édouard de Lachomette. França: Netflix, 2018. <i>Streaming</i> (98 min.).</p> <p>LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. Diferentes, não Desiguais: a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016.</p> <p>PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como Ser um Educador Antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.</p>		



RIBEIRO, Dayanne de Melo. **A ALEXANDRIA FEMININA – UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS NA SOCIOLOGIA: o androcentrismo e eurocentrismo na formação do currículo escolar.** 2024. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande – Campus Sumé – Paraíba, 2024.

PANDITA RAMABAI

PLÁGIO É CRIME! REFERENCIE.

LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

e-mail: dayanne.sax100@gmail.com

DOCENTES: Dayanne de Melo Ribeiro	SÉRIE: 2º e 3º ano – Ensino Médio	DISCIPLINA: Sociologia
BIMESTRE: (a critério do/a professor/a)	DURAÇÃO: 50 min.	TURNO: Matutino/Vespertino /Noturno/Integral
EIXO TEMÁTICO (sugestões): 1. Globalização; 2. Mundo do Trabalho e Reestruturação Produtiva; 3. Cidadania e Direitos; 4. Cultura 5. Mídia no Capitalismo globalizado.		CONTEÚDOS (sugestões): 1.1 Movimentos Sociais. 2.1 O trabalho para Marx; As classes e os estratos sociais no século XX. 3.1 Cidadania; 3.2 Direitos humanos e seus pilares; 3.3 Liberdade; 3.4 Luta por direitos; 3.5 Desigualdades estruturais. 4.1 Cultura, etnocentrismo e relativismo; 4.2 Padrões culturais; 4.3 O conceito de cultura no século XX; 4.4 O conceito de cultura no século XXI; 4.5 A escravidão e a questão racial; 4.6 Sociologia Brasileira. 5.1 Poder, Sociedade e Mídia; 5.2 Mercantilização cultural e saturação midiática; 5.3 Cultura da mídia e controle social; 5.4 Cultura, Ideologia e Identidade cultural no século XXI.
OBJETIVO GERAL:		
Propiciar a compreensão dos problemas sociais existentes, assim como o eurocentrismo e androcentrismo presentes em nossa sociedade e suas consequências, e estabelecer relações entre esses conteúdos abordados em sala com o cotidiano, para desenvolver pensamento e análise crítica às diversas temáticas.		
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:		
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Entender os aspectos sociais decorrentes das desigualdades na relação econômica, política e cultural da sociedade capitalista; ▪ Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária; 		

- Compreender a problemática em torno da produção de estereótipos.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES:

Competências:

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Habilidades:

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

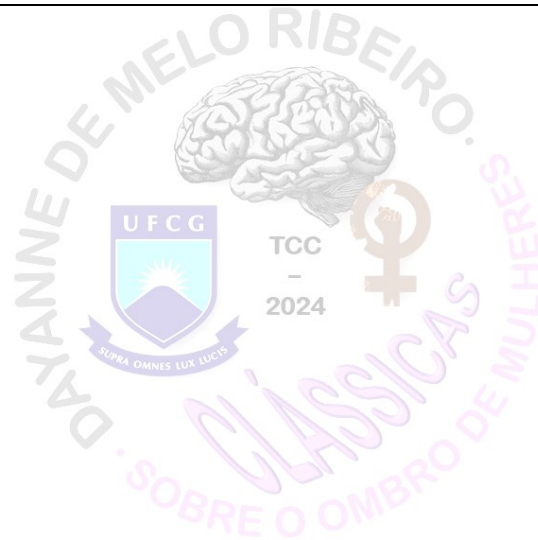
SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1 – 15/10/2024

EIXO TEMÁTICO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)		CONTEÚDO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)	
OBJETIVOS:			
<p>Entender os aspectos sociais decorrentes das desigualdades na relação econômica, política e cultural da sociedade capitalista;</p> <p>Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária.</p>			
RECURSOS DIDÁTICOS:			
<ul style="list-style-type: none"> ● Produções textuais; ● Vídeo; ● Aparelho de som; ● Projetor; ● Notebook; ● Cabo HDMI, VGA e de som; ● Apagador; ● Pincel para quadro branco. 			
PROCEDIMENTO (METODOLOGIA):			
INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	FECHAMENTO	
<p>Discutir vida e obra de Pandita Ramabai Sarasvati. Erudita do continente asiático que lutou pelos direitos das mulheres viúvas, adolescentes e meninas indianas, apontando a negação de oportunidades educacionais para moças, infanticídio feminino e valorização dos filhos sobre as filhas. Ela resgatou da pobreza e violência centenas de pessoas do sexo feminino, e “seus escritos permitem conexões com os debates pós-coloniais, hoje tão em voga nos estudos feministas” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 13).</p> <p style="text-align: right;">(20 min.)</p>	<p>Retratar trailer do filme <i>A Voz do Empoderamento</i>, baseado na história real de Gangubai Harjivandas, popularmente conhecida como Gangubai Kothewali. Desenvolvendo com a riqueza de exemplos sobre as abordagens inculcadas por Pandita, a exemplo de um dos primeiros manifestos políticos feministas escritos por uma indiana, “relato importante contra visões estáticas das relações sociais e de gênero na Índia e outras sociedades não ocidentais” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 89).</p> <p style="text-align: right;">(20 min.)</p>	<p>Concluir com discussão em torno de protestos contra guerras de cunho religioso com finalidades de posses de territórios, entre proibições etc., que recaem apenas ao gênero feminino. Exemplificando com charge de protesto de mulheres e a simbologia dos seus véus e de cortar seus próprios cabelos no Irã.</p> <p style="text-align: right;">(10 min.)</p>	
ATIVIDADES:		AVALIAÇÃO:	
<p>Assistir ao filme <i>A Voz do Empoderamento (Gangubai)</i>, e selecionar no mínimo 3 cenas que lhe chamaram atenção e o porquê, associando ao tema debatido em sala. Ressaltando para que indiquem em minutos onde se encontram tais cenas do filme.</p>		<p>Trazer na próxima aula infográfico digital ou manual com colagens de ilustrações ou recortes de capturas de tela das cenas do próprio filme, da <i>internet</i>, revistas, livros, etc., e também palavras chaves, e</p>	

[desse modo fará com que eles de fato assistam e não busquem resumos na <i>internet</i> .]	símbolos que representem os estudos de Pandita percorridos em sala.	
REFERÊNCIAS:		
<p>DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>A VOZ do Empoderamento (<i>Gangubai Kathiawadi</i>). Direção: Sanjay Leela Bhansali. Produção: Sanjay Leela Bhansali, Jayantilal Gada, Jaspinder S. Kang. Índia: Netflix, 2022. <i>Streaming</i> (153 min.).</p>		
AULA 2 – 22/10/2024		
EIXO TEMÁTICO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)	CONTEÚDO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)	
OBJETIVOS:		
<p>Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária; Compreender a problemática em torno da produção de estereótipos.</p>		
RECURSOS DIDÁTICOS:		
<ul style="list-style-type: none"> ● Produções textuais; ● Vídeo; ● Aparelho de som; ● Projetor; ● Notebook; ● Cabo HDMI, VGA e de som; ● Apagador; ● Pincel para quadro branco. 		
PROCEDIMENTO (METODOLOGIA):		
INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	FECHAMENTO
<p>Retomar discussão sobre o filme repassado como atividade e tema abordado na aula passada. Relacionando a obra de Pandita Ramabai <i>A Mulher Hindu de Casta Alta (1887)</i>, argumentando a respeito do patriarcado, religião, machismo, violência, manutenção de sistemas, política e classe, pois a mulher hindu sofria em seu cotidiano injustiças e preconceitos desde o seu nascimento.</p> <p style="text-align: right;">(20 min.)</p>	<p>Sequencialmente apresentar a música <i>Díaspóra - Tribalistas</i>, problematizando as imposições e distorções das religiões e demais culturas, exemplificando com os casos Rússia x Ucrânia, e Israel x Palestina, correlacionando aos estudos de Pandita. Bem como discutir a posição das mulheres em ambos os casos sobre cabelo, vestimentas, e outras representações de papéis.</p> <p style="text-align: right;">(15 min.)</p>	<p>Finalizar com a abordagem sobre os conflitos mencionados voltados para uma perspectiva mais ampla de grupos atingidos, e sua resistência. Com texto-base <i>Quantos campos de batalha? - Rita von Hunty</i>, inserido no livro <i>Gaza no Coração</i>.</p> <p style="text-align: right;">(15 min.)</p>

ATIVIDADES:	AVALIAÇÃO:
Criar charge relacionada aos conflitos citados na aula, podendo ser voltado para uma perspectiva geral, ou de gênero.	Considerar nível de desempenho e reflexão sobre o eixo temático e profundidade de compreensão.
REFERÊNCIAS:	
<p>DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>HUNTY, Rita von. <i>Quantos campos de batalha?</i>. In: OLIVEIRA, Rafael Domingos (org.). Gaza no Coração: história, resistência e solidariedade na Palestina. São Paulo: Elefante, 2024.</p> <p>TRIBALISTAS. Diáspora. Rio de Janeiro: Phonomotor Records; Universal Music, 2017. Plataforma Digital (04:02 min.).</p>	





ERCÍLIA NOGUEIRA

RIBEIRO, Dayanne de Melo. **A ALEXANDRIA FEMININA – UM CAMINHO ENTRE AS CINZAS NA SOCIOLOGIA: o androcentrismo e eurocentrismo na formação do currículo escolar.** 2024. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande – Campus Sumé – Paraíba, 2024.

PLÁGIO É CRIME! REFERENCIE.

LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

e-mail: dayanne.sax100@gmail.com

DOCENTES: Dayanne de Melo Ribeiro	SÉRIE: 2º e 3º ano – Ensino Médio	DISCIPLINA: Sociologia
BIMESTRE: (a critério do/a professor/a)	DURAÇÃO: 50 min.	TURNO: Matutino/Vespertino /Noturno/Integral
EIXO TEMÁTICO (sugestões): 1. Globalização; 2. Mundo do Trabalho e Reestruturação Produtiva; 3. Cidadania e Direitos; 4. Cultura 5. Mídia no Capitalismo globalizado.		CONTEÚDOS (sugestões): 1.1 Movimentos Sociais. 2.1 O trabalho para Marx; As classes e os estratos sociais no século XX. 3.1 Cidadania; 3.2 Direitos humanos e seus pilares; 3.3 Liberdade; 3.4 Luta por direitos; 3.5 Desigualdades estruturais. 4.1 Cultura, etnocentrismo e relativismo; 4.2 Padrões culturais; 4.3 O conceito de cultura no século XX; 4.4 O conceito de cultura no século XXI; 4.5 A escravidão e a questão racial; 4.6 Sociologia Brasileira. 5.1 Poder, Sociedade e Mídia; 5.2 Mercantilização cultural e saturação midiática; 5.3 Cultura da mídia e controle social; 5.4 Cultura, Ideologia e Identidade cultural no século XXI.
OBJETIVO GERAL:		
Propiciar a compreensão dos problemas sociais existentes, assim como o eurocentrismo e androcentrismo presentes em nossa sociedade e suas consequências, e estabelecer relações entre esses conteúdos abordados em sala com o cotidiano, para desenvolver pensamento e análise crítica às diversas temáticas.		
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:		
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Entender os aspectos sociais decorrentes das desigualdades na relação econômica, política e cultural da sociedade capitalista; ▪ Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária; 		

- Compreender a problemática em torno da produção de estereótipos.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES:

Competências:

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Habilidades:

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1 – 15/10/2024

EIXO TEMÁTICO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)		CONTEÚDO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)	
OBJETIVOS:			
Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária; Compreender a problemática em torno da produção de estereótipos.			
RECURSOS DIDÁTICOS:			
<ul style="list-style-type: none"> ● Produções Textuais; ● Vídeo; ● Aparelho de som; ● Projetor; ● Notebook; ● Cabo HDMI, VGA e de som; ● Apagador; ● Pincel para quadro branco. 			
PROCEDIMENTO (METODOLOGIA):			
INTRODUÇÃO		DESENVOLVIMENTO	
<p>Iniciar com reprodução da música <i>Pagu - Rita Lee</i>, refletindo as questões sociológicas em torno da mesma. Em seguida, apresentar sucintamente a história da brasileira Pagu apoiando-se no livro <i>Extraordinárias</i>.</p> <p style="text-align: right;">(15 min.)</p>		<p>Correlacionar música e história de Pagu com os pensamentos sociais de Ercília Nogueira Cobra, e sua obra <i>Virgindade Anti-higiênica (1924)</i> que trata sobre a hipocrisia em relação ao controle da sexualidade direcionada totalmente ao gênero feminino. Mostrando que o controle da sexualidade pode ser a base para o exercício de inúmeras outras relações de poder, além de discorrer sobre independência financeira, o poder e controle de seu próprio corpo, direcionando aos estereótipos aplicados às mulheres.</p> <p style="text-align: right;">(20 min.)</p>	
		FECHAMENTO	
		<p>Reproduzir trecho do filme <i>Lindinhas</i> refletindo as críticas em torno dele no Brasil, e sua ameaça de censura pelo Governo. Discutindo sobre o forte alerta para uma sociedade que não ampara como deveria suas crianças e a sexualização precoce, que ocupa o vazio da ausência de outras possibilidades de visibilidade.</p> <p style="text-align: right;">(15 min.)</p>	
ATIVIDADES:		AVALIAÇÃO:	
<p>Assistir ao filme <i>Lindinhas</i>, e selecionar no mínimo 3 cenas que lhe chamaram atenção e o porquê, associando ao tema debatido em sala. Ressaltando para que indiquem em minutos onde se encontram tais cenas do filme.</p>		<p>Produção textual de uma lauda, para casa, abordando sobre a importância do tema tratado no filme e reflexão em relação às suas críticas.</p>	

[desse modo fará com que eles de fato assistam e não busquem resumos na <i>internet</i> .]		
REFERÊNCIAS:		
<p>ABDO, Carmita. 'Lindinhas', da Netflix: assista antes de condenar. Veja Abril. [s. l.], 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/lindinhas-da-netflix-assista-antes-de-condenar>. Acesso em: 14 ago. 2024.</p> <p>DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>LEE, Rita. Pagu. São Paulo: Universal Music Brasil, 2000. Plataforma Digital (03:54 min.).</p> <p>LINDINHAS. Direção: Maïmouna Doucouré. Produção: Zangro. França: Netflix, 2020. <i>Streaming</i> (96 min.).</p>		
AULA 2 – 22/10/2024		
EIXO TEMÁTICO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)	CONTEÚDO: (a critério do/a professor/a, sugestões acima)	
OBJETIVOS:		
<p>Entender os aspectos sociais decorrentes das desigualdades na relação econômica, política e cultural da sociedade capitalista;</p> <p>Abordar a relevância do tema para construção de uma sociedade mais igualitária.</p>		
RECURSOS DIDÁTICOS:		
<ul style="list-style-type: none"> ● Produções Textuais; ● Vídeo; ● Aparelho de som; ● Projetor; ● Notebook; ● Cabo HDMI, VGA e de som; ● Apagador; ● Pincel para quadro branco. 		
PROCEDIMENTO (METODOLOGIA):		
INTRODUÇÃO	DESENVOLVIMENTO	FECHAMENTO
Retomar debate sobre filme e atividade repassada na aula anterior com comentários e respostas dos estudantes.	Apresentar poema de Elisa Lucinda: <i>Mulata Exportação</i> e problematizar, com apoio das obras de Ercília Nogueira e Bárbara Pinheiro, sobre racismo. Em seguida, dar continuidade a abordagem das discussões de Ercília sobre	Discutir brevemente sobre a luta LGBTQIAP+ conjuntamente a história de Felipa de Souza, símbolo da luta. Brasileira, foi condenada e castigada por lesbianismo pela Inquisição no Brasil colonial, Felipa é considerada a primeira mulher das américas a reconhecer publicamente sua

(15 min.)	sexualidade e gênero mais profundamente. (20 min.)	homossexualidade. (15 min.)
ATIVIDADES:		AVALIAÇÃO:
Pesquisar exemplos de ações afirmativas e políticas públicas existentes no Brasil.		Solicitar que com os exemplos pesquisados desenvolvam ludicamente uma política pública que na concepção deles deveria existir, avaliando o nível de entendimento sobre as questões sociais tratadas em sala.
REFERÊNCIAS:		
<p>CARARO, Aryane; SOUZA, Duda Porto de. Extraordinárias: Mulheres que Revolucionaram o Brasil. São Paulo: Seguinte, 2018.</p> <p>DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. Clássicas do Pensamento Social: Mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.</p> <p>LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. Diferentes, não Desiguais: a questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016.</p> <p>LUCINDA, Elisa. Mulata Exportação. Portal Geledés. São Paulo: 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/de-elisa-lucinda-mulata-exportacao/>. Acesso em: 09 ago. 2024.</p> <p>PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como Ser um Educador Antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.</p>		

APÊNDICE B – SLIDES DE APOIO

Selos de representação do Projeto.





SOBRE O OMBRO DE MULHERES – CLÁSSICAS

Ela produziu “*insights* que se comunicam com perspectivas construtivistas contemporâneas sobre gênero, raça e ciência” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 14), alegando não ser possível uma sociedade progredir se sustentando em reduzir a população negra e privando-a de seus direitos civis, ou forçando e coagindo-a fisicamente.

Relatada por uma voz que viveu intrinsecamente de fato aquele período, e sofreu. Possibilitando uma visão amplamente diferente baseada e contada pelos que arcaram com tais opressões e não por seus agressores.



OLIVE SCHREINER

Colônia do Cabo, África do Sul | 1855 - 1920



Letra

Hoje eu só vim agradecer
Por tudo que Deus me fez
Quem me conhece sabe
O que vivi e o que passei

O tanto que ralei
Pra chegar até aqui
E cheguei, cheguei

Lembro de vários veneno
Eu ainda menor
Nunca sonhei pequeno

A minha coroa me criou sozinha
Levantando sempre no raiar do dia
Bem cedo

Sempre aprendi com ela
A ser grata pelo que ainda vem
Hoje tu só vê os close
Nunca viu meus corre
Mas pra quem confia em Deus
O sonho nunca morre

Fé pra quem é forte
Fé pra quem é fod*
Fé pra quem não foge à luta
Fé pra quem não perde o foco
Fé pra enfrentar esses filha da put*

Fé no proceder, na luta e na lida
Enquanto a gente não conquista
Segue em frente firme
Que a nossa firma é forte

Nunca foi sorte, irmão
Sempre foi Deus
Sempre foi Deus

Hoje eu sonhei
Que um dia eu estaria onde ninguém pensou
Se Ele quiser
Eu piso onde ninguém pisou

Humildade e sabedoria pra me guiar
E o impossível é possível pra quem acreditar

Oh mãe, oh mãe do céu
Abençoi, abençoi
Abençoi a correria
E o nosso pão de cada dia

Oh mãe, oh mãe do céu
Abençoi, abençoi
Abençoi a correria
É minha fé que me guia

Fonte: [LyricFind](#)



Fonte: Spotify



CLIFE Fé
IZA

IZA E AS REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS EM SEU ÁLBUM



Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=Tr7mwAGTdK4>

Vingança da “Mulher de Pedra”, uma deusa encontrada em um garimpo e explorada por homens que comercializam as pedras preciosas de suas unhas e umbigo.

Vênus de Willendorf, considerada uma das primeiras representações femininas na arte.



Fonte: Arte Que Acontece

Letra

Tantas dores que eu tentei esconder
 Queria tudo, me disseram: Isso não é pra você
 Julgamentos nos fizeram perder
 Livre demais pra quem não é, consigo entender (yeah)

Usamos drogas pra esconder nossa dor
 Diamantes nas correntes pra ofuscar nossa dor
 Cravejamos o sorriso, não vão ver nossa dor
 Pago dez mil nesse tênis, tô pisando na dor

Essa roupa é cara, foda-se, compra
 Quero esconder minha dor (minha dor)
 Esse carro é caro, fod*-se, compra
 Eu quero fugir da minha dor

Nada disso consegue me tirar essa dor
 Estando onde tô
 Não sinto o direito de sentir essa dor
 Direito de sentir essa dor
 Direito de sentir essa dor
 Direito de sentir essa dor

Eu só tô tentando achar
 A autoestima que roubaram de mim
 Que roubaram de mim
 Que roubaram de mim

Eu só tô tentando achar
 A autoestima que roubaram de mim

Fod*, na festa da Vogue teve tanto estilo
 Ocupo dedos com anéis pra não puxar gatilhos
 Eu não te amo, desgraça
 Furo nas minhas roupas
 Não importa a marca

Fazendo mais bens que um papa
 Me chama de papi
 Motor da Benz nova abafando seu gemido
 Foram 25 anos pra eu me achar lindo

Sempre tive o mesmo rosto
 A moda que mudou de gosto
 E agora querem que eu entenda
 Seu afeto repentino

Eu só tô tentando achar
 A autoestima que roubaram de mim
 Que roubaram de mim (que roubaram)
 Que roubaram de mim (de mim)

De nós, de mim...

Fonte: [Musixmatch](#)



Fonte: Spotify

Autoestima

Baco Exu do Blues





CLIPE

BACO EXU DO BLUES

BLUESMAN

Bluesman vem confirmar o seu talento e deixar evidentes as pautas políticas e sociais que promove.

Baco também lançou o seu disco em formato de **curta-metragem**.

| 5

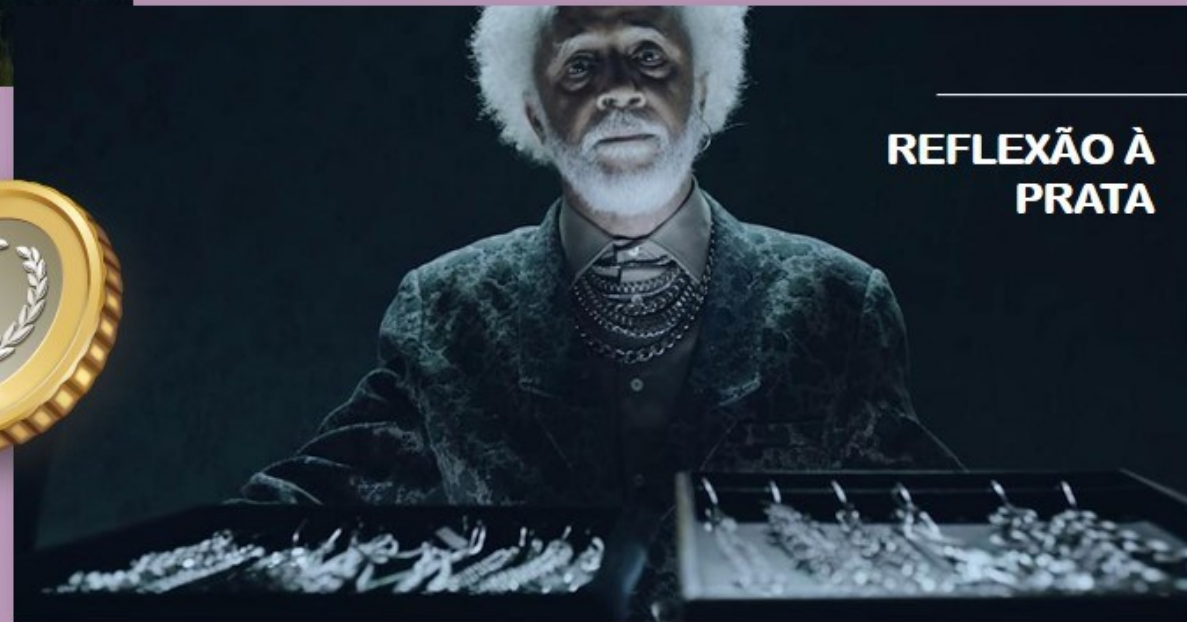
Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=-xFz8zZo-Dw>

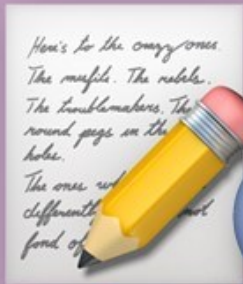
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA OU RACISMO RELIGIOSO?

Campos *et al.* (2024).



REFLEXÃO À PRATA



2^a

DISCUSSÃO ATIVIDADE

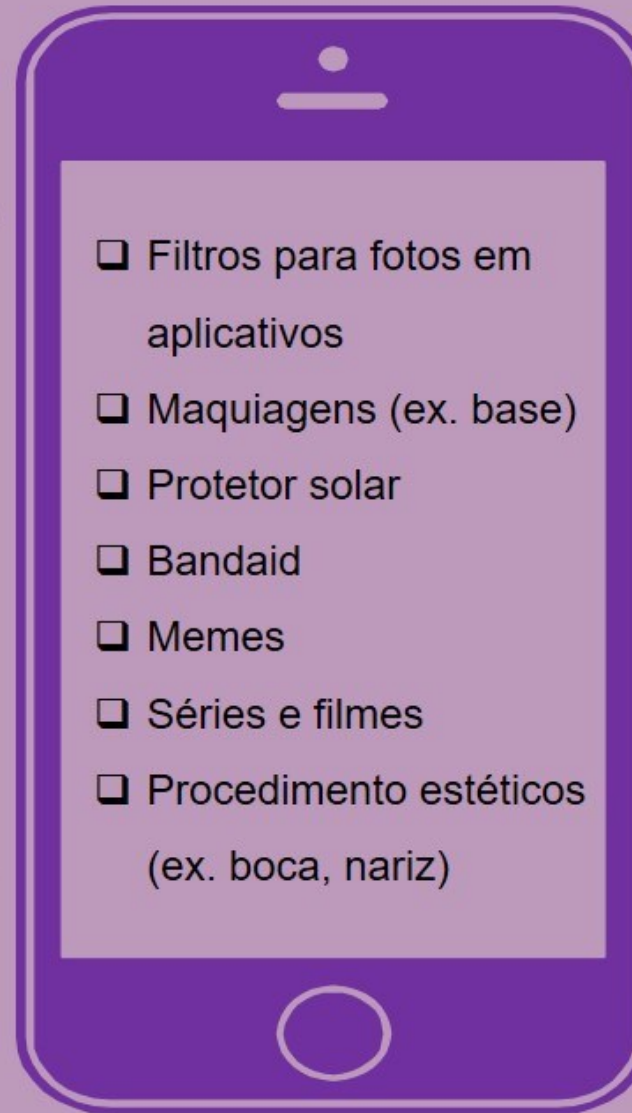


REDES SOCIAIS E MÍDIA *A dor da cor (trocadilho)*

DOR
COR

Problematizar isso é importante, há um tipo de preconceito aqui, exclusão. São reproduções, construções de um padrão em que há “peles negras com máscaras brancas”. Coisas as quais não foram pensadas para os negros, testados para tal pele.

Parece bobo, mas é um exemplo simples e aparentemente minúsculo que vai além, levando a um nível de complexidade que se espalha e afeta as pessoas de uma maneira grandiosamente absurda.



SIMBOLOGIA cor da pele





Atualidades...



No submundo do antigo *TWITTER*, o agora "X" ...



ELES que legem ou traduzam, fazemos isso o tempo inteiro, buscando conhecer a língua do outro, por que também não fazem o mesmo com a nossa?



Diva decolonial, um grande exemplo!

Por que os brasileiros tem que se adequar aos outros e não o oposto?

Por que ninguém cobra isso, tanto quanto, dos demais atletas de outros países?



Mulher e Trabalho (1911), considerado a bíblia do movimento feminista do início do século XX.

Eu gostaria de dizer aos homens e mulheres das gerações que virão depois de nós: "Vocês vão nos olhar com espanto!" Vocês ficarão surpresos com as lutas apaixonadas que alcançaram tão pouco, com a frequência com que deixamos de perseguir caminhos óbvios para atingir nossos objetivos, com a nossa aparente passividade diante de males intoleráveis, com as grandes verdades que nos olharam fixamente no rosto e que fracassamos em enxergar, com as verdades que chegamos a perceber, mas com as quais nunca chegamos a lidar. Vocês vão se espantar com tanto trabalho que deu tão pouco resultado. Mas o que vocês nunca saberão é como foi pensando em vocês e como foi para vocês que lutamos dessa forma e realizamos o pouco que pudemos, que foi ao imaginar uma vida mais plena e realizada para vocês que encontramos consolo para a futilidade da nossa própria. Aquilo que desejei ser e não fui é o que me conforta.

(Olive Schreiner, Mulher e Trabalho)



Suas vivências também mostram um outro lado de certos movimentos sociais, que nem podem ser considerados assim de fato se excluem uma outra minoria, pois quando convocada por mulheres brancas “a integrar a Liga pelo Sufrágio Feminino, ela deixou o grupo ao saber que as participantes eram contra o voto da população negra”, sendo que a sua obra fez sucesso majoritariamente entre elas.



14

Filme | Drama | 2015

AS SUFRAGISTAS

Um machista inveterado prova de seu próprio veneno ao acordar em um mundo dominado por mulheres, onde entra em conflito com uma poderosa escritora.

2018 | Classificação etária: **14** | 1h 38min | Comédia

EU NÃO SOU UM HOMEM FÁCIL





A FORÇA DO FEMINISMO NEGRO

EXTRAORDINÁRIAS
MULHERES QUE
REVOLUCIONARAM
O BRASIL



Nascida no litoral paulista. Sendo negra, como mais da metade da população, seu ativismo não poderia deixar de passar por essa questão. É um dos nomes mais conhecidos da quarta onda do feminismo, com atuação focada no feminismo negro. E sua principal plataforma é das mais democráticas: a *internet*. Ao dar voz a uma parcela de mulheres que ainda precisa lutar por direitos que outras já possuem, Djamila, filósofa de formação, virou uma espécie de guia da nova geração.

* 1/8/1980, Santos (SP)

Djamila Ribeiro

A VOZ DA FAVELA

A mineira morou por muitos anos na favela do Canindé, às margens do rio Tietê, em São Paulo. Em sua imaginação, residia em castelos. Na vida real, era catadora de papel e mãe solteira de três filhos. Uma mulher negra com poucas oportunidades, passou apenas dois anos na escola. Por isso, em 15 de julho de 1955, quando começou a escrever um diário - para, em suas palavras, "esquecer da fome"-, jamais poderia prever que seus escritos, feitos em cadernos recolhidos do lixo, iam fazer com que alcançasse sucesso internacional.

* 14/03/1914, Sacramento (MG)

† 13/02/1977, São Paulo (SP)

Carolina Maria de Jesus





SOBRE O OMBRO DE MULHERES – CLÁSSICAS

Foi uma erudita que lutou pelos direitos das mulheres viúvas, adolescentes e meninas indianas, apontando a negação de oportunidades educacionais para moças, infanticídio feminino e valorização dos filhos sobre as filhas.

“Relato importante contra visões estáticas das relações sociais e de gênero na Índia e outras sociedades não ocidentais” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 89).

Seu conteúdo e sua bagagem histórica nos ajuda a pensar questões de religião, casta, nacionalismo e colonialismo, além do gênero e suas complexas relações históricas entre a opressão colonial. Ramabai desenvolveu seus textos também a respeito dos dilemas da transnacionalização de movimentos sociais como o feminismo (DAFLON; SORJ, 2021).



PANDITA RAMABAI SARASVATI
Kanara, Índia | 1858 - 1922





16

2h 33min | Drama | 2022

**A VOZ DO
EMPODERAMENTO**



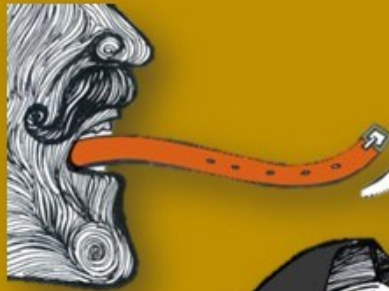
“Relato importante contra visões estáticas das relações sociais e de gênero na Índia e outras sociedades não ocidentais”

* 1907 | Ativista Social Indiana | † 1977

GANGUBAI HARJIVANDAS / KOTHEWALI



atividade



CONFLITOS

Patriarcado, religião, machismo, violência, manutenção de sistemas, política classe e o gênero feminino.

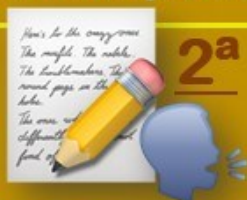


Em seu livro publicado em 1887: *A Mulher Hindu de Casta Alta*, é possível argumentar a respeito do patriarcado, religião, machismo, violência, manutenção de sistemas, política e classe, pois a mulher hindu sofria em seu cotidiano injustiças e preconceitos desde o seu nascimento:

“Em um tempo em que o acesso ao sânscrito e às escrituras estava veementemente proibido às mulheres, publicar esse livro era uma dupla transgressão: não só demonstrava dominar conteúdos interditos, como também usava o seu conhecimento para contestar as representações negativas da mulher e contradizer, com estudo e propriedade, interpretações de religiosos e eruditos brâmanes a respeito das escrituras. Pensadora perspicaz e heterodoxa, Ramabai enxergava a religião na sua dimensão social e apontava as apropriações seletivas, as falsificações maliciosas, as pequenas distorções dos escritos sagrados que eram feitas pelos homens brâmanes com o objetivo de conferir justificativa religiosa às práticas de opressão das mulheres [...] gênero e casta se ligaram de maneira profunda e inseparável na Índia. Isso porque as regras de casamento se tornaram absolutamente centrais para a construção e o controle de fronteiras entre os grupos, cujos membros deveriam casar-se entre si para manter sua posição social e de casta. O matrimônio envolvia transações econômicas entre as famílias por meio da prática do dote e das alianças políticas criadas e sustentadas por laços de consanguinidade. As mulheres, portanto, se tornaram um fator fundamental na construção e na manutenção do sistema de castas” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 84 e 87).



DISCUSSÃO
ATIVIDADE



Letra

Acalmou a tormenta

Pereceram

Os que a estes mares ontem se arriscaram

E vivem os que por um amor tremeram

E dos céus os destinos esperaram

Atravessamos o mar Egeu

Um barco cheio de Fariseus

Com os Cubanos

Sírios, ciganos

Como Romanos sem Coliseu

Atravessamos pro outro lado

No rio vermelho do mar sagrado

Os center shoppings superlotados

De retirantes refugiados

You

Where are you?

Where are you?

Where are you?

Onde está

Meu irmão sem irmã?

O meu filho sem pai

Minha mãe sem avó?

Dando a mão pra ninguém

Sem lugar pra ficar

Os meninos sem paz

Onde estás, meu Senhor

Onde estás?

Onde estás?

Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?

Em que mundo, em que estrela tu te escondes

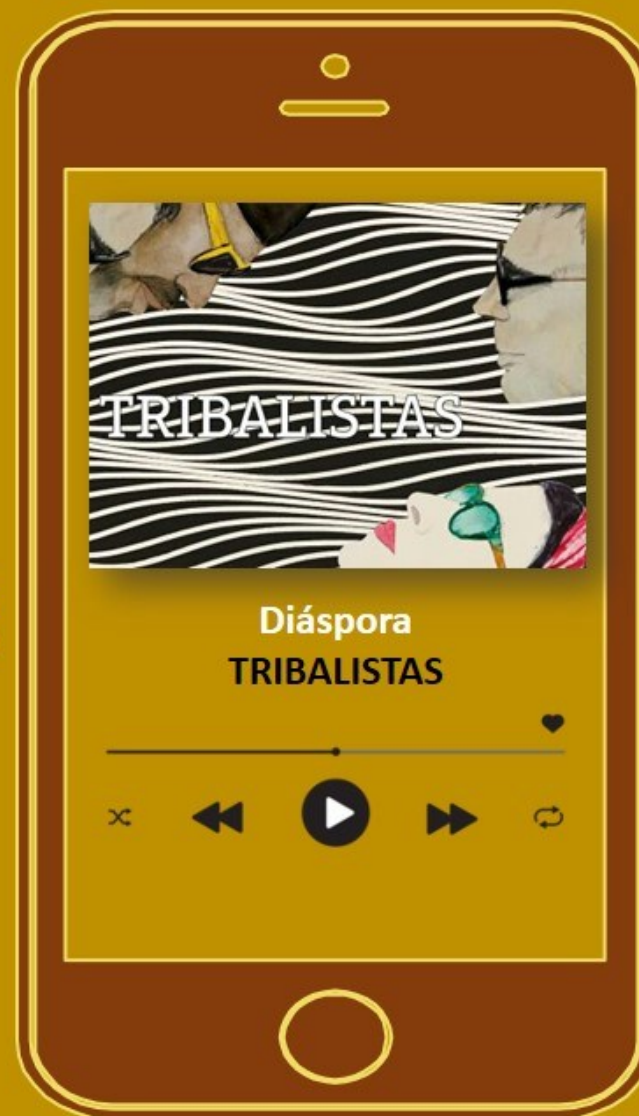
Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito

Que embalde desde então corre o infinito

Onde estás, Senhor Deus?

Fonte: [LyricFind](#)



Fonte: Spotify





GUERRA NA UCRÂNIA...





Comentários

oidilh 17 h
 Se fossem bebês europeus ou judeus a história seria bem diferente
 Responder Ver tradução 4928

Ver mais 56 respostas



yousefkatato@gmail.com





“Quantos campos de batalha?”



- Rita von Hunty



Letra

*Mexo, remexo na inquisição
Só quem já morreu na fogueira
Sabe o que é ser carvão*

*Eu sou pau pra toda obra
Deus dá asas a minha cobra
Hum hum hum hum
Minha força não é bruta
Não sou freira, nem sou put**

*Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem*

*Nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem*

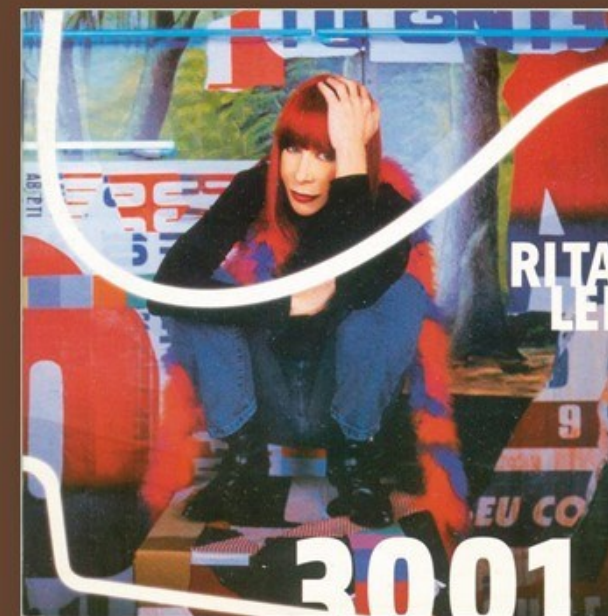
*Ratatá ratatá ratatá
Taratá taratá*

*Sou rainha do meu tanque
Sou Pagu indignada no palanque
Hanhan hanhan
Fama de porr* louca, tudo bem
Minha mãe é Maria ninguém
Hu huhuhu*

*Não sou atriz, modelo, dançarina
Meu buraco é mais em cima*

*Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem*

Fonte: [LyricFind](#)



Fonte: Spotify

Pagu
RITA LEE





Os lábios escuros, o cabelo ondulado e os olhos levemente caídos nas fotografias em preto e branco immortalizaram Pagu, esbanjando mistério e languidez. O título de musa antropofágica e o fato de ter ficado com o marido de uma amiga reforçam o estereótipo. Mas só para quem não conhece direito a história de Patrícia Rehder Galvão. Ela foi uma intelectual, cronista, romancista, correspondente internacional, militante, presa política, feminista e modernista, muito maior do que supõe o senso comum, tendo arriscado a própria vida pelo que acreditava.



* 09/06/1910, São João da Boa Vista (SP)
† 12/12/1962, Santos (SP)

Pagu

A MILITANTE MODERNISTA



SOBRE O OMBRO DE MULHERES – CLÁSSICAS

Crítica à hipocrisia em relação ao controle da sexualidade direcionada totalmente ao gênero feminino.

Desaprovando qualquer tipo de imposição à mulher, argumentando contra a negação de direitos civis às mulheres brasileiras, pois pondera que ocorre uma dupla moral voltada à virgindade das brasileiras daquela atualidade.



ERCÍLIA NOGUEIRA

São Paulo, Brasil | 1891 - ?

No contexto escolar, tal obra pode ser discutida “mostrando que o controle da sexualidade pode ser a base para o exercício de inúmeras outras relações de poder” (DAFLON; SORJ, 2021, p. 14), discorrendo sobre independência financeira, o poder e controle de seu próprio corpo, ao mesmo tempo direcionando aos estereótipos aplicados às mulheres.





Não se sabe ao certo a data e local da morte de Ercília Nogueira Cobra, mas este fato expõe o significado do efeito social de sua escrita.

Estudar Ercília abre portas para a liberdade que toda mulher deveria ter ao falar sobre sexualidade, assim como os homens, trabalhando o medo sentido por elas e levando-as a serem livres.





16

Drama | 1h 36min | 2020

LINDINHAS



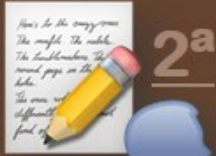
Ameaçado de censura pelo governo brasileiro, o filme é na verdade um forte alerta para uma sociedade que não ampara como deveria suas crianças.

Acessar: <https://veja.abril.com.br/cultura/lindinhas-da-netflix-assista-antes-de-condenar>

“ASSISTA ANTES DE CONDENAR”



atividade



DISCUSSÃO ATIVIDADE

*Mas que nega linda
E de olho verde ainda
Olho de veneno e açúcar!*

*Vem nega, vem ser minha desculpa
Vem que aqui dentro ainda te cabe
Vem ser meu alibi, minha bela conduta
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!*

(Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)

*Minha tonteira minha história contundida
Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelol?
Rebola bem meu bem-querer, sou seu improvisado, seu karaôquê;
Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que me mexer
Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.*

*Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore
Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.
Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente “sambar.”*

*Imaginem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.
Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”
E o delegado piscou.*

Mulata Exportação – Elisa Lucinda



*Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena
com cela especial por ser esse branco intelectual...
Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio
nada disso se cura trep**** com uma escura!”
Ó minha máxima lei, deixai de asneira
Não vai ser um branco mal resolvido
que vai libertar uma negra:*



*Esse branco ardido está fadado
porque não é com lábia de pseudo-oprimido
que vai aliviar seu passado.
Olha aqui meu senhor:
Eu me lembro da senzala
e tu te lembrás da Casa-Grande
e vamos juntos escrever sinceramente outra história*

*Digo, repito e não minto:
Vamos passar essa verdade a limpo
porque não é dançando samba
que eu te redimo ou te acredito:
Vê se te afasta, não invista, não insista!*

*Meu nojo!
Meu engodo cultural!
Minha lavagem de lata!*

*Porque deixar de ser
racista, meu amor;
não é co**** uma mulata!*

(Da série “Brasil, meu espartilho”)

Fonte: Escola Lucinda





LGBTQIAAP+

Um símbolo da luta LGBT



Denunciada, condenada e castigada por lesbianismo pela Inquisição no Brasil colonial, Felipa de Souza foi a primeira mulher das Américas a reconhecer publicamente sua homossexualidade. São poucos os detalhes documentados sobre a vida dessa portuguesa. Uma mulher letrada, algo extremamente raro para a época, Felipa viveu em Salvador trabalhando como costureira.

Em 20 de agosto de 1591, Paula de Siqueira a denunciou ao visitador da Inquisição, uma espécie de investigador. Ela disse que nos últimos dois anos vinha recebendo cartas de amor de Felipa, com a qual tinha trocado contatos íntimos. E, ainda, que "antes de ir para sua casa, lhe contou a dita Felipa de Souza que tinha pecado no dito modo com Paula Antunes, Maria de Peralto e com outras muitas mulheres e moças, altas e baixas, e também dentro de um mosteiro". Após a primeira delação, outras mulheres se apresentaram, esperançosas de serem perdoadas por se confessarem voluntariamente.

Em vez de negar as denúncias, Felipa foi bastante corajosa e reconheceu as relações. Na época, práticas homossexuais eram penalizadas até com a morte. Paula passou seis dias na cadeia, enquanto Felipa, sentenciada em 24 de janeiro de 1592, foi condenada ao açoite público.

* Século XVI, Portugal

† [Data e local desconhecidos]

FELIPA DE SOUZA



E ESTE TRABALHO NÃO ACABA AQUI.

Obrigada!